

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - CED
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO - MEN
ESTÁGIO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I

GRAZIELE NACK
JAÍNI TEIXEIRA

PROJETO CONTANDO UM CONTO: UM BAÚ DE HISTÓRIAS

FLORIANÓPOLIS
2017

GRAZIELE NACK
JAÍNI TEIXEIRA

PROJETO CONTANDO UM CONTO: UM BAÚ DE HISTÓRIAS

Relatório Final de Estágio I apresentado como requisito parcial para avaliação da disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I do 8º período do Curso de Graduação em Letras/Português (Licenciatura) sob a orientação da Professora Doutora Maria Izabel de Bortoli Hentz.

FLORIANÓPOLIS
2017

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo relatar nossa experiência como estagiárias-professoras e nossas impressões no estágio de docência da disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I, do curso de licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, vivenciando o dia-a-dia e os percursos do professor de língua portuguesa em uma turma de 6º ano do ensino fundamental, no período matutino na Escola de Educação Básica Hilda Teodoro Vieira, localizada no bairro Trindade, na cidade de Florianópolis. Ao sistematizar nossas experiências neste relatório, pretendemos fazer um diagnóstico da realidade encontrada na instituição analisada e uma análise reflexiva da prática docente com base no embasamento teórico assumido, o qual se filia aos estudos Bakhtinianos (2014), para quem o aluno é um sujeito historicizado, logo, capaz de estabelecer relações entre os conhecimentos trazidos em aula com sua realidade, ressignificando vivências e contribuindo para o acontecimento do fazer escolar. Aqui contamos a nossa experiência de estágio com a turma do 6º ano, com quem adentramos no universo literário dos contos populares. Nós mediamos o processo de leitura, interpretação e criação de contos pelos alunos, buscando provocar o interesse deles pela leitura. Além disso, contamos a experiência vivida no projeto extraclasse, que envolveu todas as turmas do Ensino Fundamental II e teve como tema a Consciência Negra, o que nos permitiu ampliar nosso olhar sobre o ensino escolar e as diferentes áreas em que professores atuam dentro da escola.

PALAVRAS CHAVE: Docência; Ensino Fundamental; Contos; Produção Textual.

SUMÁRIO

1. PRIMEIRAS PALAVRAS	7
2. A DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL	9
2.1. APRESENTAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO	9
2.1.1. A escola	9
2.1.1.1. Da história	9
2.1.1.2. Da estrutura	10
2.1.1.3. Das concepções teórico-metodológicas	10
2.1.1.3.1. <i>Rádio escolar Fala, Hilda!</i>	11
2.1.1.4. A turma	12
2.2. O PROJETO DE DOCÊNCIA	14
2.2.1 Problematização	14
2.2.2 Escolha do tema	15
2.2.3 Justificativa	16
2.2.4 Fundamentação teórica	18
2.2.5 Avaliação	24
2.2.6 Objetivos	27
2.2.7 Conhecimentos trabalhados	27
2.2.8 Metodologia	28
2.2.8.1 Recursos	29
2.2.8.1.1 <i>Recursos materiais</i>	29
2.2.8.1.2 <i>Recursos bibliográficos</i>	31
2.2.8.2 Cronograma do conjunto das aulas	31
2.2.8.3 Planos de aula	33
Plano das aulas 1 e 2	33
Plano das aulas 3 e 4	44
Plano das aulas 5 e 6	48
Plano das aulas 7 e 8	55
Plano das aulas 9 e 10	63
Plano das aulas 11 e 12	73
Plano das aulas 13 e 14	78
Plano das aulas 15 e 16	85
Plano das aulas 17 e 18	87
Plano das aulas 19 e 20	89
2.3. ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	92
2.3.1 Relatos das aulas	92
2.3.2 Reflexão sobre a prática pedagógica	104
3 A DOCÊNCIA NO PROJETO EXTRACLASSE	107
3.1. O PROJETO DE DOCÊNCIA	107
3.1.1 Contextualização	107
3.1.2 Fundamentação teórica	109
3.1.3 Objetivos	110
3.1.4 Conhecimentos trabalhados	111
3.1.5 Metodologia	111
3.1.5.1 Recursos utilizados	112
3.1.5.2 Cronograma	113
3.1.5.3 Planos de aula	114
Plano da oficina 1	114
Plano da oficina 2	141
3.2. ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	150

3.2.1. Relatos das aulas	150
3.2.2. Reflexão sobre a prática pedagógica durante o extraclasse	155
4 VIVÊNCIAS DO FAZER DOCENTE NO ESPAÇO ESCOLAR	157
4.1 A FEIRA DE CIÊNCIAS	157
4.2 A GINCANA CULTURAL	158
4.3 O CONSELHO DE CLASSE	159
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	160
6 REFERÊNCIAS	162
7 ANEXOS	165

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Imagem do modelo da tabela STOP	40
Figura 2 – Imagem da tabela STOP preenchida	41
Figura 3 – Imagem da tabela STOP preenchida	42
Figura 4 – Imagem da atividade feita por um aluno(a)	61
Figura 5 – Imagem da atividade feita por um aluno(a)	62
Figura 6 – Imagem da atividade feita por um aluno(a)	67
Figura 7 – Imagem da atividade feita por um aluno(a)	68
Figura 8 – Primeira produção do conto de um(a) aluno(a)	75
Figura 9 – Continuação da primeira produção do conto de um(a) aluno(a).....	76
Figura 10 – Primeira produção do conto de um(a) aluno(a) 77	
Figura 11 – Foto dos alunos depois de colarem a medalha nas camisas.	166
Figura 12 – Primeira versão de um dos contos lidos para os alunos.	167
Figura 13 – Primeira versão de um dos contos lidos para os alunos.	168
Figura 14 – Foto dos cartazes colocados na parede do lado de fora da sala da turma.	170
Figura 15 – Foto de um cartaz ilustrado pelo próprio aluno.	170
Figura 16 – Foto de um cartaz ilustrado pelo próprio aluno.	170
Figura 17 – Primeira versão do conto do(a) aluno(a).....	171
Figura 18 – Primeira versão do conto do(a) aluno(a).....	172
Figura 19 – Foto da rádio durante a apresentação de uma aluna.....	179
Figura 20 – Foto da rádio durante a apresentação de uma aluna.....	179
Figura 21 - Cartaz ilustrando a ocasião da Feira de Ciências.....	180
Figura 22 – Apresentações na sala de informática sobre diversidade cultural.....	180
Figura 23 – Trabalho sobre insetos, produzido por alunos do sétimo ano.	181
Figura 24 – Ciclo da água, trabalho produzido por uma aluna do sexto ano.	181
Figura 25 – Trabalho produzido por uma turma do Ensino Fundamental I	182
Figura 26 – Gincana Cultural	183
Figura 27 – Gincana Cultural	183
Figura 28 – Aula de produção do reconto	184
Figura 29 – Aula de produção do reconto	184
Figura 30 – Primeiro dia de oficina do projeto extraclasse	185
Figura 31 – Segundo dia de oficina do extraclasse	185

1. PRIMEIRAS PALAVRAS

A prática docente reflete todo o conhecimento apropriado ao longo da elaboração do projeto de docência, a partir da concepção teórica à qual nos filiamos, e que seguimos na preparação das aulas e na postura perante o sujeito aluno. Como campo de nosso estágio em docência tivemos a E.E.B. Hilda Teodoro Vieira, localizada no bairro Trindade, em Florianópolis. Como parte da ementa da disciplina Estágio em docência I, tínhamos que desenvolver um projeto de ensino para turmas do ensino fundamental, logo, fomos acolhidos pela turma do 6º ano matutino dessa mesma instituição.

Ao longo do estágio, passamos por diversas experiências que nos permitiram melhor compreender o fazer docente e todo o funcionamento do organismo escolar. Iniciamos nosso estágio com a observação das aulas do professor de língua portuguesa, o que nos permitiu a aproximação com os alunos e a perscrutação de suas habilidades e dificuldades para melhor planejar nossas aulas. Durante o período de observação, outras experiências que enriqueceram nosso aprendizado no espaço escolar foram a participação no Conselho de Classe, o que nos permitiu ouvir relatos de outros professores acerca de nossos alunos do sexto ano e também a visão de como funciona a resolução de problemas não só burocráticos, mas de ordem psicopedagógica, experiência enriquecedora para nossa percepção da escola como organismo vivo, composto de vários atores que, muitas vezes, ficam apagados na etapa de observação; e a participação na Feira de Ciências e na Gincana Cultural, quando vimos nossos alunos envolvidos em atividades fora da sala de aula, reservando-nos boas surpresas quanto aos interesses ali manifestados.

Após a etapa de observação, vivenciamos a experiência de planejar e apresentar um projeto de docência, com o tema *Contando um conto: um Baú de Histórias*, tema pensado a partir do conteúdo previsto pelo professor de língua portuguesa para aquele bimestre e, na sequência, iniciamos a etapa de docência na qual ministramos vinte e duas aulas para a turma do sexto ano matutino.

Além do estágio de docência na disciplina de Língua Portuguesa em uma turma regular do ensino fundamental, vivenciamos a docência em um projeto extraclasse, envolvendo conhecimentos de língua, que foi realizado na forma de oficina no período

de seis aulas divididas em dois dias letivos, com alunos de diferentes turmas. Esta experiência nos proporcionou uma aproximação maior com alunos de outras turmas, aprendendo na prática em sala de aula as diferentes nuances das estratégias de ensino e como elas são moldáveis ao sujeito que ali se apresenta e não o contrário, como nos acostumamos ao longo das aulas teóricas do curso de Letras.

Cada uma dessas etapas, vivenciadas ao longo de nosso estágio, será aqui descrita, em três seções, sendo elas: A docência no Ensino Fundamental, na qual situaremos o espaço e a caracterização do campo de estágio, assim como o projeto de docência por nós concretizado e as respectivas análise e reflexão da prática pedagógica; na seção seguinte daremos conta da docência no Projeto Extraclasse, o qual nomeamos *Rádio Hilda em Cores*, apresentando o projeto de docência e a reflexão e análise da prática pedagógica; uma última seção será dedicada a apresentar as atividades das quais participamos para além da prática docente em sala de aula, mas que tiveram igual importância em nossa formação como professoras de língua portuguesa.

2. A DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

2.1. APRESENTAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO

2.1.1. A escola

2.1.1.1. Da história

A Escola de Educação Básica Hilda Teodoro Vieira foi fundada em 1950 e inicialmente era chamada Escola Reunida Prof. Antônio Francisco de Souza. À época, localizava-se no espaço que hoje é conhecido como a Rótula da Penitenciária na Trindade. Após um incêndio em 1967, foi reconstruída no local onde está hoje, sendo inaugurada em 1968 com o nome Grupo Escolar Hilda Teodoro Vieira, em homenagem póstuma à educadora Hilda Teodoro Vieira. Em 1970, passou a oferecer os anos finais do ensino fundamental, uma das razões pelas quais o nome foi modificado para Escola Básica Hilda Teodoro Vieira.

Foi apenas no ano de 2000, por exigência da LDB, que a escola passou a ser chamada assim como a conhecemos atualmente, Escola de Educação Básica Hilda Teodoro Vieira. Também nesse ano foi considerada inovadora, por conta de seus projetos educacionais e sociais, quando recebeu o prêmio de Escola Referência Estadual em Gestão Escolar e sendo convidada, no ano de 2002, para participar de uma pesquisa da Unesco, quando ganhou reconhecimento pelo projeto “Agentes da Paz”, que visava prevenir a violência e preservar a integridade física e moral da comunidade escolar. Esses dados estão registrados no blog da escola, cuja última postagem foi feita em 2011.

A instituição na qual realizamos o estágio de docência é mantida pelo governo do Estado de Santa Catarina e conta com um total de 302 alunos matriculados, distribuídos do seguinte modo: 166 alunos nos anos iniciais (primeiro ao quinto ano) e 136 nos anos finais (sexto ao nono ano). Importante frisar que os dados fornecidos pela escola para este relatório são de 2012.

A partir de diálogos informais com o professor e com base na coleta de dados no questionário aplicado aos alunos da turma do 6º ano matutino, pudemos identificar que, em sua maioria, os alunos matriculados residem nas proximidades do bairro Trindade.

Quanto ao quadro geral de profissionais que atua na escola, este é formado pela direção geral, 24 professores, uma assistente de educação e uma assistente técnico-pedagógica, além de uma orientadora educacional, três professores readaptados, sendo que dois são responsáveis pela biblioteca e a terceira pela sala de informática. O quadro de profissionais conta também com três serventes.

2.1.1.2. Da estrutura

A estrutura física da escola atende às necessidades de aprendizagem, tendo salas suficientes (atualmente são utilizadas dez salas de aula, das treze existentes), uma grande área de recreação, duas quadras de esportes, cozinha, refeitório, biblioteca equipada com uma grande variedade de livros e revistas, banheiros, lavatórios, materiais didático-pedagógicos e dispositivos eletrônicos adequados para subsidiar o processo de ensino-aprendizagem. O espaço físico também oferece acessibilidade para pessoas com deficiências. A escola oferece merenda e conta com o projeto da rádio como atividade de recreação durante os intervalos das aulas. O ponto negativo que chamou atenção, em um primeiro momento, foi a falta de manutenção do espaço físico, tendo pintura desbotada, portas lascadas, entre outros problemas e, durante as aulas ministradas no projeto extraclasse, percebemos a necessidade de manutenção dos computadores da sala de informática, o que prejudica o planejamento de uma aula com uso de recursos multimídia.

2.1.1.3. Das concepções teórico-metodológicas

O PPP desta instituição de ensino delimita como um dos objetivos a formação de sujeitos conscientes, políticos e ativos socialmente. Como objetivo geral, o PPP prevê “Proporcionar subsídios ao educando a fim de que possa desenvolver suas potencialidades construindo conhecimento e, assim, como co-autor do processo pedagógico, desenvolvendo senso de observação, solidariedade, criatividade, responsabilidade e formas de expressão”.

Entre os objetivos que a escola se propõe a alcançar, expressas no PPP, consta “fazer com que nossos alunos e professores se percebam como seres históricos (fazedores de história), que necessitam de uma formação integral, preparando-os para exercerem o seu papel na sociedade, de forma consciente e coerente.”; dar atenção

especial aos alunos que apresentam situação de repetência contribuindo para diminuir essa situação e “oferecer aos alunos projetos com ações de inclusão, com o intuito de superar as dificuldades apresentadas em classe.”. Em consonância com esse objetivo, o PPP também apresenta alguns projetos desenvolvidos na escola, porém, com exceção do projeto “Rádio na Escola”, que acompanhamos o funcionamento por alguns dias, e a Feira de Ciências, na qual estávamos presentes, não tivemos contato com outros projetos descritos no documento, muito provavelmente porque, segundo a direção, está desatualizado e em processo de revisão.

A escola se mostrou bastante receptiva com os estagiários do curso de Letras Língua Portuguesa - Licenciatura - da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, ressaltando a importância de um trabalho coletivo entre as pesquisas relacionadas ao ensino e à realidade escolar, ação que beneficia tanto a escola quanto os pesquisadores envolvidos.

2.1.1.3.1. *Rádio escolar Fala, Hilda!*

O projeto da rádio escolar intitulado “Fala, Hilda” foi retomado em decisão construída em uma das reuniões pedagógicas no início do ano letivo de 2017, pois havia sido executado apenas durante o ano letivo de 2014. O projeto tem como objetivo geral:

Construir em conjunto com a comunidade escolar uma rádio que funcione como espaço de interação entre alunos, professores e demais atores da comunidade escolar de forma a ampliar as situações de interação nas quais os sujeitos estão inseridos na escola, de modo a possibilitar o contato dos sujeitos com letramentos midiáticos relativos à preparação e execução da rádio. (E. E. B. HILDA TEODORO VIEIRA. *Projeto escolar Rádio: Fala, Hilda*. Florianópolis: 2017).

Com essa ideia de integrar a comunidade escolar por meio da participação de todos os sujeitos através do desenvolvimento de projetos expostos na rádio escolar é que foi elaborado o projeto, que seria executado durante o intervalo, com programas culturais e musicais, planejados de modo interdisciplinar, com outros professores e alunos de diversas turmas.

Considerando, como mencionado no tópico 2.1, o objetivo que a escola se propõe a cumprir de desenvolver as potencialidades dos sujeitos por construir conhecimentos, como co-autores do processo pedagógico, a rádio escolar se constitui

em grande aliada para seu cumprimento, conforme destaca o professor Evimarcio, argumentando que o projeto da rádio escolar tem justamente esse caráter de integração, de constituir um espaço escolar onde as diferentes esferas interagem. Segundo ele, os alunos precisam “se expressar, interagir entre si, com as outras turmas, com as outras séries, precisam se conhecer, conhecer a escola, a biblioteca, outros espaços, trocar vivências [...]”.

Durante o período em que estivemos na escola, vimos que na prática a rádio consegue ser um espaço para que os alunos se expressem e interajam entre si, embora ainda precise se ajustar para que alcance sua meta, uma vez que parte dos objetivos específicos delineados no projeto engloba fomentar nos alunos a capacidade de construir e elaborar pautas, essas baseadas em pesquisas pré-definidas, de forma autônoma, instigando nos alunos o senso de responsabilidade em relação às atividades escolares, o que na prática observou-se ainda não acontecer.

2.1.1.4. A turma

Como já indicado, nosso estágio de docência ocorreu com a turma do 6º ano matutino (turma 61), na disciplina de Língua Portuguesa, que contava com aulas distribuídas em dois dias da semana, segundas-feiras, das 08h:00min às 09h:30min, e sextas-feiras, das 08h:00min às 09h:16min. A turma era composta por 21 alunos, de idades variadas entre 11 a 14 anos, porém a maior parte deles com 13 anos. Muitos alunos moram no bairro Trindade, principalmente nas comunidades do Morro da Penitenciária e do Morro da Caixa, mas alguns são de bairros como Agrônômica, Monte Verde e Serrinha, sendo mais frequente que eles venham a pé e de ônibus para a escola. Esses e outros dados foram possíveis de serem recolhidos por meio de um questionário que aplicamos em uma das aulas observadas na primeira etapa do estágio, com o intuito de investigar impressões das aulas de português e da escola, mas também com o intuito de nos aproximarmos da turma, conhecendo seus gostos, seu dia-a-dia fora da escola, suas ambições, entre outros fatores considerados por nós essenciais para melhor planejamento e desenvolvimento do projeto de docência.

Constatamos que no 6º ano os alunos não têm grupos bem definidos na turma, há apenas alguns pequenos grupos e alguns alunos isolados que não interagem com os

colegas. Antes do início da docência, um novo aluno chegou, transferido do período vespertino.

O que se pôde observar tanto nas respostas do questionário quanto nas observações foi que a relação dos alunos com o professor é mista, alguns demonstraram maior afinidade, outros pareceram muito resistentes à postura do professor. Algo sintomático que se percebeu foi que por ser uma turma que acaba de sair dos anos iniciais e está entrando em contato com a estrutura de um professor por disciplina, o desafio de desempenhar as atividades, estudar conteúdos e ser avaliada por diferentes professores é maior e acaba afetando negativamente o desempenho e, conseqüentemente, a relação com os professores.

O professor de língua portuguesa se mostrou um professor singular, assumindo uma postura muito otimista em relação ao ensino, à escola e aos projetos escolares, dos quais se pode citar a Rádio Escolar, projeto que ele mesmo criou e desenvolveu na escola. Ele é formado em Letras pela Universidade Federal do Pará (2011), tem mestrado pelo programa ProfLetras da UFSC (2016) e, atualmente, atua como professor de português com regime de 40 horas semanais, divididas em duas escolas estaduais localizadas no bairro Trindade, a E. E. B. Hilda Teodoro Vieira e a E. E. B. Simão José Hess. Ao mesmo tempo, retomou os estudos e é graduando no curso de Antropologia da UFSC (2017).

A relação dele com os alunos e com a aula é de tratar a aula como acontecimento, assim como define Geraldi (2010), assumindo o papel de mediador e abrindo discussões variadas que surgem durante a aula, não apenas diretamente ligadas ao conteúdo estudado, mas principalmente em relação a temáticas que partem dos alunos, e que, ao final, acabam contribuindo para o desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos e da capacidade de argumentação. Como ele afirma no questionário que fizemos com ele, a linguagem é interação e, a partir disso, ele tenta fugir do modelo tradicional de ensino para dar voz ao aluno e não tratá-lo como sujeito passivo na aprendizagem.

Durante o período de observação, foi possível perceber que a atenção dos alunos durante a explicação do professor perante uma atividade proposta era facilmente quebrada por conversas paralelas, o que prejudicava a apropriação do conteúdo para

melhor desenvolvimento da aula, e para alguns alunos, que já apresentavam uma pré-dificuldade na realização das atividades, essa distração os desestimulava ainda mais.

Outro aspecto observado foi que as atividades que eram direcionadas pelo professor para serem realizadas em casa tardavam a serem entregues, muitas vezes por descuido e descompromisso dos alunos. Tal atitude, acreditamos, seja por conta da falta de maturidade e senso de responsabilidade em alunos recém-saídos dos anos iniciais, características manifestadas pelos próprios alunos quando questionados sobre o motivo dos atrasos das entregas.

Ainda sobre a turma, percebeu-se que a resposta dos alunos à leitura de histórias pelo professor, seguida de discussão era muito positiva, resultando em participação de grande parte dos alunos e maior compreensão do enredo comparado à leitura individual e silenciosa. Em nosso projeto de docência coube, portanto, ter esses elementos, juntamente com nossa visão do que é a sala de aula e o ensino de língua portuguesa, como norteadores para seu planejamento e desenvolvimento.

2.2. O PROJETO DE DOCÊNCIA

2.2.1 Problematização

Com base na reflexão sobre a vivência escolar durante o período de observação, uma das etapas do estágio de docência, que ocorreu na instituição de ensino estadual E. B. Hilda Teodoro Vieira, elaboramos este projeto de docência para desenvolver com os alunos da turma do 6º ano do ensino fundamental matutino.

Partindo da análise dos documentos oficiais fornecidos pela escola, mais precisamente o Projeto Político-Pedagógico (PPP), e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), nos quais o PPP da instituição busca embasamento, essa instituição de ensino prevê como um de seus objetivos a formação de sujeitos conscientes, políticos e ativos socialmente. Fundamentado na Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina, o PPP da E. B. Hilda Teodoro Vieira compreende o processo de ensino-aprendizagem com base na perspectiva sociointeracionista, ou seja, que se dá através da relação interpessoal entre os diferentes sujeitos, o tempo, o espaço e as tecnologias. O processo de ensino-aprendizagem dos sujeitos como seres sociais é concretizado por meio da linguagem em suas diferentes competências, quais sejam, ler, falar, ouvir e

escrever. A partir disso, a interação do sujeito aluno com o mundo, onde as relações sociais se dão, é feita pela mediação dos sujeitos professores e demais profissionais envolvidos. Segundo o documento,

O papel do professor é de provocar nos alunos avanços que não ocorrem espontaneamente, consiste exatamente em uma interferência na Zona do Desenvolvimento Proximal dos alunos. E nesta intervenção cria conflitos que geram novos estímulos na busca incessante de aprimorar conhecimentos já estruturados, tidos como verdades prontas e acabadas. (PPP, 2012).

Como objetivo geral, o PPP prevê “Proporcionar subsídios aos educandos a fim de que possam desenvolver suas potencialidades construindo conhecimento e, assim, como co-autores do processo pedagógico, desenvolvendo senso de observação, solidariedade, criatividade, responsabilidade e formas de expressão”.

O referencial teórico-metodológico assumido no PPP da instituição de ensino toma o domínio da linguagem como elemento essencial para desenvolvimento das capacidades cognitivas e discursivas, capacidades estas necessárias para a inserção do sujeito no meio social em que vive. O aluno é visto como ser social e, como tal, convive em sociedade. Nesse sentido, a escola assume o papel de contribuir para a mediação do desenvolvimento dessas capacidades através da ampliação do repertório cultural dos alunos e da compreensão das capacidades linguísticas e matemáticas.

Nossa proposta de projeto de docência foi pensada como uma possibilidade de contribuir para a ampliação do repertório cultural dos alunos, para que possam cada vez mais ter condições de participação na sociedade e exercer sua cidadania. Tivemos esse objetivo em mente em cada atividade e em nossa postura como professoras-estagiárias de língua portuguesa durante a docência, conscientes das dificuldades que existiriam na efetivação do nosso projeto, porém sem deixar de olhar para nossos alunos como seres individualizados, que trazem uma bagagem cultural, histórica e social, e, a partir daí, levá-los à aprendizagem que a Escola se propõe.

2.2.2 Escolha do tema

A escolha do tema *Contando um conto: baú de histórias* se deu pela importância de contar histórias no contexto cotidiano das mais diferentes culturas, assim como no âmbito escolar, considerando a forte presença tanto da escrita quanto da leitura de

contos e de outras narrativas desde os anos iniciais até os anos finais do Ensino Fundamental. A escolha também se deu em razão do planejamento do professor da disciplina de Língua Portuguesa. Na análise dos conteúdos a serem trabalhados até o fim do ano, observamos que estava previsto o trabalho com gênero conto, logo, pensamos nessa possibilidade, não promovendo uma quebra de conteúdos, mas contribuindo para um planejamento articulado. Assim, procuramos estimular a leitura de contos e narrativas como forma de contribuir para a formação de leitores literários e, no desenrolar da ação docente, mediamos o ensino-aprendizagem de língua portuguesa.

2.2.3 Justificativa

A leitura de contos como fruição nem sempre é entendida como conteúdo da aula de língua portuguesa e, como tal, é pouco explorada no ensino de língua materna.

No entanto, tal compreensão é defendida por teóricos como Antunes (2015), que reconhece a prática de leitura como complementar à prática da escrita, entendida como uma atividade de interação entre os sujeitos e que, portanto, vai além da decodificação de elementos gráficos. Segundo a autora, “a leitura é parte da interação verbal escrita, enquanto implica a participação cooperativa do leitor na interpretação e na reconstrução do sentido e das intenções pretendidas pelo autor” (ANTUNES, 2015, p. 66).

E, nas atividades de leitura, inclui-se o trabalho com o texto literário. A partir da premissa de que a literatura é um direito de todos, como defende Antonio Candido (2011), foi nossa prioridade promover, através da nossa prática docente, a aproximação dos alunos a gêneros que circulam na esfera literária, pois esse direito não é claramente difundido na sociedade, e a escola se constitui em um espaço para que possa ser desenvolvido. Em *O direito à literatura* (2011), Antonio Candido afirma que a apropriação do texto literário é o objetivo mais importante da prática da leitura literária e que todo sujeito tem direito ao acesso a essa literatura. Mas, para a garantia desse direito e para que a apropriação do texto literário em sua essência seja eficaz no processo de ensino e aprendizagem, é necessário partir do próprio texto e não da análise literária, tampouco da historiografia literária. Essas ações, no processo de formação do leitor literário, impedem que o aluno tenha contato direto com o conteúdo dos textos dessa esfera, e, conseqüentemente, impedem o desenvolvimento da capacidade de refletir e emitir opinião própria sobre o que lê.

Ainda sobre o direito à literatura, o crítico literário Tzvetan Todorov (2014) vê na literatura um objeto capaz de humanizar os leitores, de fazer com que eles experimentem e vivam experiências únicas por meio do acesso à leitura literária, por isso aborda, em *A literatura em perigo*, o fato de a literatura estar em perigo pelo modo como as obras têm sido postas de lado para uma supremacia do ensino dos elementos que constituem o texto e da história literária.

Considerando essa compreensão, buscamos implementar em nossa prática docente a proposta defendida por Candido através de discussões mediadas, sempre após a leitura e apropriação dos textos literários pelos alunos, deixando a análise dos elementos da narrativa para depois da discussão oral. Também planejamos e realizamos o trabalho com a leitura como momento de prazer estético, experiência que cria no sujeito aluno o gosto de ler, ler livremente, ler o que gosta, o que tentamos alcançar nas aulas de leitura-fruição através do incentivo oral e visual na pré-seleção de contos determinados, mas dando liberdade aos alunos de fugir ao sugerido.

Essa escolha se justificou pelo que nos indicam os autores para o trabalho com a literatura, mas também pelo que os alunos nos disseram sobre sua relação com a leitura, já que muitos deles informaram não gostarem de ler ou de escrever. Muito poucos afirmaram ler mais do que dois ou três livros e a grande maioria respondeu que não lê nenhum livro ao longo do ano. Outra razão para essa escolha foi o projeto de aulas de leitura com todas as turmas dos anos finais do ensino fundamental que o professor de língua portuguesa desenvolve na biblioteca, com o objetivo de fazer com que os alunos tenham acesso a uma diversidade de livros, sendo esse um grande passo para a formação deles como leitores.

Assim, partindo do que nos dizem os autores sobre a leitura literária, do que nos dizem os alunos, do que o professor já desenvolve e dos objetivos pretendidos no PPP, já mencionados, e da concepção de língua e sujeito que defendemos nesse projeto, a ser discutida na próxima seção, a qual se coaduna com a concepção defendida pela escola, tivemos como grande objetivo em nossa prática docente provocar o interesse dos alunos pela leitura, tanto por meio da forma de apresentação dessa (com material selecionado, ilustrado, convidativo) como pela apresentação de diferentes formas de ler (com textos literários em formato de vídeo, de texto escrito, contados oralmente) e, a partir desse

despertar, levá-los a refletir sobre a própria realidade e ver na escola um ambiente onde pudessem ampliar conhecimentos.

Além dos argumentos apresentados, a oportunidade que nos foi dada de desenvolver este projeto é, por si só, uma justificativa, já que a realidade dos alunos, verificada no questionário e em convívio com eles durante o período de observação, nos permitiu concluir que o acesso à leitura literária fora da escola é quase nulo, e como a escola dispõe de uma gama variada de livros e materiais para tal planejamento, também levando em consideração a postura do professor de língua portuguesa por incentivar o hábito da leitura literária em seus alunos e por tratá-los como sujeitos pensantes e estes responderem à altura, só nos convenceu ainda mais de que seria possível e de que seria uma experiência que fugiria do perfil tradicional das aulas de português, contribuindo para que esses alunos se apropriassem de capital cultural e pudessem disseminá-lo para além dos muros da escola, onde eles são os sujeitos atuantes, e é papel da escola mediar esse desenvolvimento.

2.2.4 Fundamentação teórica

Para dar embasamento teórico ao nosso projeto de docência em suas diferentes etapas, desde o planejamento a sua concretização efetiva, é importante esclarecer a concepção de linguagem à qual filiamos nosso trabalho. Ancoramos o projeto de docência nos fundamentos do pensamento de Bakhtin, para quem a linguagem é um processo de interação entre os falantes da língua mediado pelo diálogo com o outro. Bakhtin defende a interação verbal como sendo o que constitui a verdadeira substância da língua, realizada através da enunciação (Bakhtin, 2014, p. 127). Logo, para Bakhtin, na interação social, o enunciado não é o foco e, sim, a enunciação, ou seja, língua se constitui em instrumento para uso do falante e não o contrário. No caso do ensino de língua, essa compreensão se reflete em uma prática que considera a relação professor-aluno-mundo. Assim, ao se ensinar a língua, o foco primeiro é nas esferas sociais em que o fenômeno social da interação verbal se concretiza. Dizendo de outro modo, é necessário situar o aluno em um contexto social mais amplo, através do contato com textos de diferentes gêneros do discurso, que remetem o aluno para diferentes esferas da atividade humana. Esse movimento possibilita que ele interprete o enunciado com o fim

de ampliar seu repertório cultural ao mesmo tempo em que aproveita o que já tem de bagagem própria, tudo isso com o uso da língua.

Para ministrar as aulas de língua portuguesa, tivemos que passar pela experiência da observação, conhecer os sujeitos alunos, aprender sobre seu espaço, sua cultura, registrar as dificuldades e facilidades de cada um para, a partir disso, pensar na melhor estratégia para mediar os conhecimentos que seriam trabalhados em aula. Consideramos, nesse caso, Miotello (2011), que, assim como Geraldi (2010), apresenta a visão de um sujeito historicizado, ou seja, situado na cultura, na sociedade e no tempo, sempre em relação com o outro, constituído e não instituído em um sistema que não considera sua unicidade.

Essa perspectiva teve muito a contribuir para a formação desses alunos, pois pensamos sobre suas vivências e as trouxemos à consciência para construir a ação pedagógica, comprometendo-nos com o sujeito aluno em sua posição no espaço/tempo. Partimos do conhecimento da identidade dos alunos, de sua unicidade, sua história, sua relação com a leitura, com a sociedade, seu conhecimento de mundo, para então pensarmos na nossa ação pedagógica, que teve como referência esses conhecimentos pré-estabelecidos, e a resposta dos estudantes, já que foi um processo intercomunicativo, para então ampliarmos o seu repertório, tendo como objetivo a interação social por meio do uso da língua.

Considerando que o desenvolvimento da leitura e da escrita são essenciais para a formação dos alunos, em nossa docência, dedicamos à leitura e à escrita um lugar de prioridade. Também pensamos em abraçar o projeto de leitura desenvolvido pelo professor de língua portuguesa da turma, concluindo que não seria positivo interromper uma prática leitora que estava sendo construída. Para essa tarefa, embasamos nossos estudos em Geraldi (1997).

Para que formemos leitores, temos de educar os sujeitos para a imersão em esferas da atividade humana, ou seja, os sujeitos precisam ser formados para lerem diferentes gêneros, não há como formar leitores pensando na leitura como “neutra”, sem considerá-la em um contexto histórico e social. Para Geraldi (1997),

grande parte do trabalho com leitura é “integrado” à produção em dois sentidos: de um lado ela incide sobre “o que se tem a dizer”, pela compreensão responsiva que possibilita, na contrapalavra do leitor à

palavra do texto que se lê; de outro lado, ela incide sobre “as estratégias do dizer” de vez que, em sendo um texto, supõe um locutor/autor e este se constitui como tal da mesma forma apontada por nós na produção de textos no item anterior. (GERALDI, 1997, p. 165-166).

Ou seja, a perspectiva que Geraldi assume é a de que o ato de ler requer que o sujeito leitor seja também o autor do texto, pois na leitura fazemos conexões com fatos que estão intrincados em nosso contexto histórico e cultural e, a partir daí, criamos um novo texto, em um processo dialógico entre texto e leitor, processo este que nunca cessa de acontecer, pois o texto só toma forma à medida que o “tecemos”, utilizando de estratégias de dizer para tanto.

Em se tratando da leitura em sala de aula, quando realizada como é proposta nos livros didáticos, não vemos o leitor como co-autor do texto, não olhamos o texto como elemento a ser inserido nas esferas da atividade humana. Partindo da proposta de Geraldi, defendemos que a leitura deve ser apropriação de conhecimento, mas, além disso, deve ser vista como pretexto para promover a relação com o outro e não para atender a uma exigência puramente institucional.

Segundo Geraldi (1997),

Se considerarmos as práticas normalmente propostas por livros didáticos, toda a lição ou unidade destes livros, organizados em unidades e, em geral, sem unidade, iniciam-se por um texto para leitura. Como tais leituras não respondem a nenhum interesse mais imediato daqueles que sobre os textos se debruçam, a relação interlocutiva a ocorrer deverá se legitimar fora dela própria. Ou seja, mesmo quando a leitura se inspira em concepções mais interessantes sobre textos e sobre a leitura, as relações interlocutivas a se empreenderem em sala de aula não respondem à necessidade do estabelecimento destas relações. Daí, sua legitimidade se estatuir e não se constituir. Os alunos, leitores e, portanto, interlocutores, lêem para atender a legitimação social da leitura externamente constituída fora do processo em que estão, eles, leitores/alunos, engajados. (GERALDI, 1997, p. 168-169).

Para levar isso à sala de aula, devemos considerar a vivência do aluno com a leitura, devemos incentivá-lo a tecer a narrativa, levantando questões que o façam pensar em organizar as ideias em forma de linguagem escrita de algo que ele realmente queira dizer. Ter o que dizer é o conteúdo, mas como esse conteúdo é dito e organizado depende do contexto, da resposta dos alunos. Como fazer para que o aluno se debruce sobre o ato de ler é descrito por Geraldi da seguinte forma:

Como construir outra legitimidade que não se assente na autoridade? É aqui, segundo a perspectiva que venho defendendo, que a leitura se integra ao processo de produção. No item anterior já vimos como esta pode ser deslocada, em seus temas, por um projeto de produção de textos assumidos por seus autores. Ora, estes, para produzirem, precisam voltar-se para sua própria experiência (real ou imaginária) para dela falarem: buscam e inspiram-se nela para extrair daí o que dizer. E ao dizê-lo, desvelam as categorias (ou sistema de referências) em que interpretam estas experiências, suas vidas. É destas interpretações que se podem tirar tópicos que, discutidos na sala de aula, demandam a busca de outras informações, de outros modos com que outros viram e vêem experiências semelhantes. É neste sentido que a leitura incide sobre “o que se tem a dizer” porque lendo a palavra do outro, posso descobrir nela outras formas de pensar que, contrapostas às minhas, poderão me levar à construção de novas formas, e assim sucessivamente. (GERALDI, 1997, p. 170-171).

Assim, vimos que para formarmos leitores eficientes no uso da língua, foi necessário fazer com que os alunos tivessem o que dizer, indo às suas próprias experiências, para, a partir delas, ampliarem seus horizontes com mundos que não conheciam, os quais nós como professoras-estagiárias mediadoras tivemos o papel de fazer conexão com o já conhecido.

Ao longo do desenvolvimento das aulas, propusemos duas atividades de produção textual nas quais os alunos puderam fazer uso de forma autônoma dos conceitos relacionados ao gênero conto e outras narrativas em uma produção. Para planejar essas atividades, observamos o aluno como sujeito social e para que ele se inserisse nas diferentes esferas da comunicação humana, tendo domínio e autonomia quanto ao que escrever, foi necessário o desenvolvimento da escrita. Para tal prática, tomamos novamente Geraldi (1997), que propõe, ao tratar da produção de textos, a ideia de que a escrita deve ser pensada como uma relação interlocutiva em que alguém se assume como locutor, ou seja, como alguém que tem o que dizer a alguém (interlocutor), tem uma razão para dizer e, por isso, escolhe as melhores estratégias.

Nesse sentido, o ensino da escrita precisa acontecer com base em situações reais, precisa ser pensado a partir de experiências que considerem os gêneros próprios de cada esfera da atividade humana. Além disso, no ensino da produção de textos deve-se também considerar determinadas regras de coerência que Costa Val (2016) disserta como sendo: a continuidade (que é a retomada de informações no discurso com intuito de tornar a leitura fluente); a progressão (que é a soma de ideias novas ao já exposto no texto); a não-contradição (o texto não pode apresentar ideias contraditórias, precisa

acrescentar informações novas, mas manter a linha de raciocínio. Também entra nesta categoria o uso de léxico que foge do esperado para determinados discursos); e por último a relação ou articulação (que nada mais é do que a relação que os argumentos estabelecem entre si no texto, como se encadeiam, ou seja, é verificar se há presença e pertinência das relações entre os fatos apresentados).

Todos esses aspectos formam o necessário para se avaliar a coerência e a coesão de um texto, tendo em conta que esse texto precisa estar em uma esfera real da comunicação humana. Assim, segundo Geraldi (1997), algumas condições são necessárias para a produção de um texto, sendo elas: 1. Ter o que dizer; 2. Ter uma razão para dizer o que se tem a dizer; 3. Ter para quem dizer. Logo, um locutor (para quem) ao qual se dirige, 4. um motivo (razões para dizer), um tema/um objetivo (ter o que dizer), e por último, utilizar estratégias e argumentos para dizer (estratégias de como dizer).

Esse movimento foi considerado e orientou as atividades de produção escrita propostas em nossa prática pedagógica. Tivemos como objetivo com tal prática levar os alunos a contar o que eles viram no curta-metragem que apresentamos em uma das aulas ou contar uma história a partir de suas vivências e de suas experiências, considerando os textos que eles leram ao longo das aulas; a razão para se dizer esteve no interesse deles em contar a história; nas perguntas que surgiram em suas mentes ao assistirem ao curta ou lerem outros contos, que os moveram a querer falar sobre elas; nas leituras que eles fizeram das ideias passadas por meio do vídeo ou dos textos que, contrapostas aos modos deles pensarem, levaram a novas formas de se contar um conto, dando a eles a autonomia de serem leitores e autores dos seus próprios textos. E, por fim, tiveram como leitores as professoras-estagiárias, a turma, os colegas de toda a escola, por meio dos cartazes que, ao final do estágio, foram expostos pela escola, compondo um baú de histórias. Podemos considerar também os próprios alunos como leitores de suas produções, considerando que os conhecimentos que foram apropriados por eles e suas produções modificaram seus próprios discursos, estando eles produzindo para eles mesmos, gerando consequências nas leituras daqueles que estão ao seu redor, ou que fazem parte do seu contexto, e nas leituras deles mesmos.

Ao se assumir a concepção de língua como interação pela relação que se estabelece com o outro pela língua, é imprescindível destacar que nosso objetivo de

formar sujeitos leitores críticos teve como norte o letramento, o qual pode ser entendido como os usos sociais da língua escrita que caracterizam as diferentes formas de interação humana mediadas por esta. No que diz respeito aos modelos de letramento, segundo Street (2003) há o modelo autônomo e o modelo ideológico de letramento. O modelo autônomo traz a ideia de que o sujeito só é capaz de desenvolver habilidades cognitivas mais complexas e ter ascensão socioeconômica se for alfabetizado dentro do sistema dominante da língua. Nesse modelo, acredita-se que o domínio da escrita alfabética é capaz sozinho de modificar a vida das pessoas.

Para Street (2003),

O modelo “autônomo” de letramento funciona com base na suposição de que em si mesmo o letramento – de forma autônoma – terá efeitos sobre outras práticas sociais e cognitivas. Entretanto, o modelo disfarça as suposições culturais e ideológicas sobre as quais se baseia, que podem então ser apresentadas como se fossem neutras e universais [...] (STREET, 2003 p. 4).

Esse modelo, para Street, não dá conta do contexto histórico e cultural em que o sujeito está inserido, pois apenas impõe conceitos de letramento dominante em outras culturas.

Já o modelo ideológico de letramento traz uma visão sensível ao contexto cultural e social em que o sujeito está inserido, levando em consideração não o domínio apenas do sistema alfabético, mas o que ele faz ou não com o uso desse sistema e como isso afeta a sua realidade na condição de alfabetizado. Esse modelo envolve reconhecer as condições em que o uso se dá e as questões de identidade cultural e política que o envolvem.

Segundo Street (2003),

O modelo ideológico alternativo de letramento oferece uma visão com maior sensibilidade cultural das práticas de letramento, na medida que elas variam de um contexto para outro. Esse modelo parte de premissas diferentes das adotadas pelo modelo autônomo – propondo por outro lado que o letramento é uma prática de cunho social, e não meramente uma habilidade técnica e neutra, e que aparece sempre envolto em princípios epistemológicos socialmente construídos. (STREET, 2003, p. 4).

Sobre as práticas e eventos de letramento, a diferença está em que os eventos de letramento tratam de toda e qualquer situação em que a escrita desempenha um papel na interação humana, é por meio dos eventos de letramento que os sujeitos interagem. Já as

práticas de letramento são os valores atribuídos a tais eventos. Por exemplo, ler um conto para alunos é um evento, mas as estratégias de como ler esse conto precisam ser pensadas a partir de um olhar atento para o entorno desses alunos, considerando sua proximidade com a leitura em grupo, com o gênero conto, o interesse, sua realidade e em que lugar social e histórico eles se inserem. Para Street (2003, p. 8), “o conceito das práticas de letramento tenta tanto tratar dos eventos quanto dos padrões que tenham a ver com o letramento, tratando de associá-los a algo mais amplo, de uma natureza cultural e social”.

Essas escolhas teóricas nos levaram a uma prática docente que tratou a aula de língua portuguesa como um espaço em que os alunos pudessem desenvolver o uso da linguagem em suas diferentes esferas, fundamental para sua melhor compreensão do meio social e cultural em que vivem, sempre tendo em conta que, assim como Bakhtin aponta, são sujeitos historicizados, portanto toda atividade pensada e toda avaliação feita teve como base uma reflexão e compreensão de como seus modos de pensar foram estruturados e de que maneira eles puderam contribuir para o acontecimento da aula. Ainda, a prática, tal como aconteceu, contribuiu, esperamos, para a formação para a cidadania (letramento) dos alunos, capacitando-os a tomar palavra na sociedade por meio do uso da língua.

Desse modo, o que construímos no estágio de docência nas aulas de português através do projeto *Contando um conto: um baú de histórias* foi uma relação das necessidades dos alunos nos diferentes usos da língua com a produção e leitura de contos em suas diferentes linguagens, pela compreensão das diferentes formas em que a língua pode se efetivar.

2.2.5 Avaliação

Para desenvolver nosso projeto de docência, o ensino e a avaliação foram pensados como processos que se interdependem, de modo que buscamos avaliar apenas o que foi objeto do nosso ensino e utilizamos os resultados de nossas avaliações para repensarmos nossas aulas seguintes ao longo da docência. Um exemplo disso foi o que planejamos para as aulas de análise linguística que partiram das necessidades evidenciadas nas produções do reconto e do conto, tendo em vista a proporcionar aos

alunos outras aprendizagens que foram avaliadas nas reescritas dos textos. Dessa forma, não usamos as avaliações como finalidade de nossas aulas.

Comumente, vemos as ‘provas’ acontecerem como um modo de ‘testar’ se os conteúdos passados ficaram na memória do aluno, mas, como lemos em Antunes (2015, p. 157), “Onde é que está o professor que faz pensar, que leva o aluno a perguntar, a contestar a relacionar, a levantar hipóteses, a comentar, a acrescentar?”, as avaliações não podem ser tratadas como testes de memória, mas devem estar presentes em todas as aulas, porque sempre há uma competência a ser aprendida. Além disso, as avaliações devem ser uma forma de o aluno manifestar o conhecimento que ele internalizou. Durante nossas aulas, isso se deu por meio da leitura e análise feita por nós como estagiárias-professoras, percebendo quais os conhecimentos que ainda não haviam sido alcançados e, a partir disso, pensar nossa atitude ao planejar as aulas seguintes de modo a ajudar os alunos a atingirem esses conhecimentos.

Vemos a importância de o professor realizar esse movimento ao planejar suas aulas porque “[o] aluno, sem ser levado a pensar [n]a inadequação de sua escolha ou [n]o porquê da substituição apontada, recebe passivamente esta interferência do professor e parte para a próxima experiência, sem ter ampliado sua própria capacidade de avaliar o que lê, o que diz ou o que escreve.” (ANTUNES, 2003, p. 158). Essa atitude faria dos alunos sujeitos passivos, que talvez se pensassem como incompetentes por não conseguirem decorar os conteúdos, e não daria a eles capacidade de alcançarem a autonomia que desejamos que eles alcancem e que é o objetivo do ensino escolar.

Em razão disso, planejamos as aulas de ‘análise linguística’ não como uma exposição de conceitos linguísticos, nem como uma exposição dos erros gramaticais cometidos por eles, mas como um momento de reflexão sobre as inadequações nas produções dos alunos, vendo-as como um todo, e pensando sempre em quais eram suas dificuldades, de modo a reconhecer onde poderíamos mudar nossas estratégias e, assim, ajudá-los a superar essas dificuldades.

O conteúdo que se destacou em nosso planejamento foi o gênero ‘conto’, mas o modo como escolhemos trabalhar com ele e avaliá-lo foi pensando em levar os alunos a reconhecerem essas produções em seus contextos, sendo eles mesmos capazes de realizá-las. Por essa razão, trouxemos em nossas aulas os contos em diferentes formas: na ilustração das pastinhas que os alunos receberam – pela representação do

personagem “Curupira” de formas diferentes –, na forma de texto escrito nos contos lidos em sala de aula e nas aulas de leitura na biblioteca, na forma de curta-metragem – outra representação do personagem “Curupira” –, na forma oral por meio da contação de contos e na própria produção dos alunos. O que desejávamos com essas diferentes formas concorda com o que Antunes (2015) afirma:

Sempre que lhe parecer oportuno (e tomara que pareça muitas vezes!), o professor deve mostrar a flexibilidade dos usos da língua, deve mostrar que existem diferentes maneiras de dizer (e de dizer bem!) a mesma coisa; ainda que dentro do mesmo contexto ou, mais ainda, em contextos diferentes. Essa flexibilidade desfaria a ideia equivocada de que "só existe uma maneira certa de dizer as coisas". Na verdade, a maneira certa de dizer as coisas depende da situação: depende de quem diz, a quem diz, onde e para quê. (p. 160)

Os alunos, ao conhecerem todas essas formas nas quais os contos podem se manifestar, não ficaram presos a uma ideia de certo e errado, mas eles mesmos se viram capazes de reconhecer o gênero em seu contexto e de produzi-lo e reproduzi-lo. Além disso, foi por meio dessa atitude de mostrar exemplos do gênero que acreditamos ser possível que o aluno aprendesse melhor os conhecimentos relacionados a ele, porque desse modo não se teve uma ideia do que é o ‘conto ideal’, mas uma experiência diversa com ele que pôde alcançar a individualidade de todos os alunos.

Apesar disso, não estamos afirmando que aceitamos qualquer interpretação dos alunos, mas que tivemos uma atitude positiva e estimuladora diante das produções deles, não as analisando como um jogo de “caça ao erro” ou com o objetivo de *corrigir* o que fizeram, como quem faz sua leitura com a certeza de que encontrará erros e, desse modo, inibindo a expressão dos alunos. Assim como afirma Antunes (2015, p. 163), devemos quebrar com a ideia de que o professor deve ter o poder absoluto de revisar, julgar, avaliar e reformular os textos dos seus alunos, mas passar a agir de modo a desenvolver a autonomia deles, por levá-los a uma procura crítica, auto-avaliação, levantamento de hipóteses e busca da melhor alternativa.

Considerando essa compreensão de avaliação que assumimos, definimos como instrumentos de avaliação dos nossos alunos as produções escritas deles – também as reescritas dessas produções –, e as fases da gincana literária, que foi composta por, além dessas produções escritas, preenchimento da tabela STOP, que teve uma configuração voltada para a identificação dos elementos da narrativa, pela leitura e contação de contos, pela participação oral nas discussões e o cuidado com o material.

Buscando motivar os alunos a participarem das aulas, informamos a todos que eles já haviam começado o bimestre com uma nota 10 da gincana, sendo esta nota alterada a partir da atitude do aluno. Levamos em conta em nossas avaliações, principalmente, a participação dos alunos nas discussões sobre os textos lidos ou o curta-metragem assistido, e a compreensão demonstrada nas aulas de análise linguística, buscando alcançar novas aprendizagens e indo sempre além da memorização.

2.2.6 Objetivos

A partir da observação realizada na primeira parte do estágio-docência, da escolha e justificativa do tema e do exposto no referencial teórico assumido para fundamentar nossas aulas objetivamos que os alunos aprendessem a fazer uma leitura crítica das narrativas a eles apresentadas, ampliassem seus repertórios literários e fossem capazes de se expressar por meio da escrita e da oralidade.

Almejavamos durante a preparação de nossas aulas, que eles desenvolvessem a compreensão leitora a partir da leitura-fruição e leitura-estudo de contos e outras narrativas, por meio do reconhecimento dos elementos da narrativa e da compreensão do enredo de cada um dos textos a serem lidos. A prática leitora contribuiria, ainda, para o aprimoramento da escrita e enriquecimento do vocabulário, o que consideramos essencial para a construção da autonomia dos alunos como sujeitos sociais, pois as esferas de convívio da sociedade exigem o domínio das competências da linguagem e, dentre elas, destaca-se a escrita.

A apropriação dos gêneros do discurso por meio da leitura e o ato de relacionar esses gêneros ao contexto social e político foi o eixo condutor de nosso planejamento, e não a memorização de conceitos abstratos completamente desprovidos de relações com as vivências dos alunos. Nesse sentido, também traçamos como objetivo que os alunos aprendessem a diferenciar os gêneros que circulam na esfera literária, elegendo o gênero conto e suas ramificações (contos populares, contos de assombração etc.) e o gênero fábula, a partir da leitura de textos dessa natureza.

2.2.7 Conhecimentos trabalhados

Conforme nos foi transmitido pelo professor de língua portuguesa regular da turma, os alunos deveriam aprender, no 4º bimestre, sobre contos, verbos e advérbios. De modo a transmitir esses conhecimentos, realizamos aulas de leitura-estudo e fruição, nas quais trabalhamos não só com a compreensão-leitora de conto e, desse modo com a familiarização do aluno com o gênero, como também permitiu que o aluno ampliasse seu repertório.

Focamos desde o início nos elementos que compõem uma narrativa, assunto que já havia sido iniciado pelo professor da disciplina, promovendo diversas atividades que exigiam o reconhecimento do narrador do conto, das personagens, do enredo, do tempo e do espaço do conto. Dentre as respostas de tempo e espaço, os alunos conseguiram, de modo intuitivo, reconhecer aquilo que era verbo no texto, por recorrerem a essa estrutura para identificar a resposta a esses aspectos quando da leitura e análise de textos. Contudo, não nos limitamos a trabalhar esses conhecimentos apenas de modo intuitivo, mas sistematizamos esses conteúdos com o auxílio de slides em nossas aulas de análise linguística, uma vez que os alunos, em suas produções textuais, fizeram uso tanto de verbos como de advérbios e, assim, pudemos ajudá-los com suas dificuldades diretamente, sem focarmos em alguma questão abstrata demais ou fora do contexto deles.

2.2.8 Metodologia

Para o estágio de docência vivenciado por nós, planejamos uma metodologia com dois objetivos principais: o primeiro foi desenvolver nos alunos o gosto pela leitura, o que tentamos realizar por meio de aulas de leitura-fruição de contos; o segundo foi fazê-los refletir criticamente sobre o que leem e sobre o que escrevem, por meio das aulas de leitura-estudo. Posto que os conteúdos previstos no planejamento para serem trabalhados com a turma eram contos, elementos da narrativa, verbos e advérbios, partimos da leitura de contos e da análise dos recursos empregados no texto para explicação dos conceitos.

Inicialmente, com o objetivo de dar continuidade ao que o professor estava tratando em sala de aula, planejamos as primeiras aulas com a leitura e análise de duas fábulas: *Quem tem razão? A lebre ou o leão?*, de Valdenilse do Nascimento Martins e *A coruja e a águia*, de Monteiro Lobato. Para o trabalho com esses textos, foi realizada

uma discussão para compreensão do texto lido e dos elementos da narrativa – enredo, foco narrativo, tempo-espço, personagens. Nesse exercício de leitura e análise das fábulas, pretendíamos que os alunos percebessem como determinados conhecimentos podem modificar a compreensão que temos do texto lido.

Na aula seguinte, utilizamos de um recurso visual para desenvolver uma atitude produtiva na leitura responsiva, a qual foi feita pelos alunos, por meio da prática de ver e ouvir o curta-metragem *O Curupira*, da série *Juro que vi*. Com base nessa atividade, os alunos foram provocados a organizar os eventos narrados e recriá-los por meio da produção escrita do reconto.

Após esse primeiro momento, passamos a trabalhar apenas com contos escritos, por meio da leitura-fruição de uma seleção de contos diversos e da leitura-estudo dos contos *Caipora e Curupira*, de Monica Stahel, e *O barco negro* (Nicarágua), de Pablo Antonio Cuadra. Com base nessas diferentes leituras, abordamos os conceitos, como os dos elementos da narrativa, que envolvem a compreensão de pronomes, verbos e advérbios, por exemplo, além do reconhecimento do que é um conto e do que é uma fábula. A experiência da leitura por prazer foi propiciada nas aulas de leitura destinadas à fruição.

Para a avaliação da aprendizagem dos alunos, assim como do processo de ensino, pensamos em atividades objetivas, como a produção de um reconto e a escrita de um conto, tendo sido planejada a publicação do conto, que foi, ao final do estágio, apresentado em cartazes, expostos na escola, buscando, com isso, promover entre os alunos da turma e da escola uma troca de experiências e, ainda, disseminar a leitura de contos populares no ambiente escolar.

Essa metodologia foi elaborada para dois encontros semanais que ocorreram às segundas-feiras (2h/a) e às sextas-feiras (2h/a). As nossas aulas tiveram início no dia 02 de outubro e finalizaram no dia 10 de novembro.

2.2.8.1 Recursos

2.2.8.1.1 Recursos materiais

Dentre os recursos utilizados em nosso estágio de docência, a lousa foi fundamental. Todos os dias, escrevíamos no quadro qual era o conteúdo a ser trabalhado na aula, assim como a data daquele dia. Também, em algumas aulas usamos a lousa para escrever exemplos para os alunos, até mesmo, em um momento, permitindo que eles viessem a ela anotar as respostas da atividade que havíamos proposto, sendo esse um momento muito positivo da aula, porque os alunos gostaram muito de participar dessa forma.

Outro recurso muito importante foram as pastinhas que entregamos aos alunos logo no primeiro dia de nossa docência. As pastinhas eram, na verdade, saquinhos de plástico que traziam como capa uma ilustração de algum conto popular, estando o título do conto escrito embaixo da imagem, além do cabeçalho (Anexo 1). Nessa pastinha, pedimos que eles guardassem o texto de apresentação do projeto-docência, as regras da gincana que propusemos para eles, as cópias dos contos lidos, as orientações de atividades que entregamos para eles, as tabelas STOP e os resumos de conteúdo trabalhados em aula. Guardamos também os contos por eles produzidos, quando já corrigidos.

Um recurso fundamental para nossas aulas de análise linguística e explicação de conteúdo foi o projetor multimídia, também um notebook e caixa de som. Fizemos uso também de uma sala de vídeo, chamada de 'sala da cidadania', para exibição do curta metragem *O Curupira* da série Juro que vi.

Precisamos trazer para os alunos nos dias de produção textual, folhas em branco e canetas/lápis de escrever, porque muitos deles não tinham. No dia de produção dos cartazes trouxemos cartolinas cortadas ao meio para que eles ilustrassem os contos deles que foram digitados em uma fonte de tamanho grande para que pudessem ser lidos a uma certa distância e impressos por nós, considerando que os cartazes ficariam expostos numa parede da escola. Trouxemos também revistas, lápis de cor, giz de cera, cola branca, tesoura, fita adesiva, entre outros materiais para a produção dos cartazes.

No último dia de aula, trouxemos uma ilustração de uma medalha de primeiro lugar impressa em papel adesivo e recortada que entregamos para cada aluno (Anexo 2). Também trouxemos 4 prêmios para os 4 primeiros lugares da gincana, sendo eles livros. Organizamos também um lanche para a turma, sendo necessário que trouxéssemos salgados, doces, refrigerante, guardanapo e copos descartáveis.

2.2.8.1.2 Recursos bibliográficos

Para a nossa docência, utilizamos uma fábula e dois contos que serviram de eixo para nossas aulas nos dias em que foram trabalhados, sendo a fábula *Quem tem razão? A lebre ou o leão?*, de Valdenilse do Nascimento Martins, e os dois contos *Caipora e Curupira*, de Monica Stahel e *O barco negro* (Nicarágua), de Pablo Antonio Cuadra. Trouxemos os textos sempre impressos para que todos os alunos tivessem uma cópia. Além disso, fizemos uso também de livros para a aula de leitura, que nos foram emprestados pela professora orientadora do estágio, e de contos que selecionamos da internet.

Fizemos uso de uma atividade de interpretação textual produzida por nós sobre o conto *Caipora e Curupira*, além de tabelas *stop* que tinham o objetivo de avaliar se os alunos compreenderam os elementos presentes nos contos, como narrador, personagem, o tempo e lugar da história, entre outros aspectos, sendo ela utilizada com toda a turma duas vezes, e em alguns casos com poucos alunos que terminavam alguma tarefa mais cedo.

Por fim, trouxemos para nossos alunos tanto o texto de apresentação do projeto-docência, a explicação das regras da gincana que havíamos proposto, as orientações das atividades e uma carta de agradecimento ao fim do estágio, sempre impressas e entregues a cada aluno de modo que nenhum deles ficou sem entender o contexto da aula.

2.2.8.2 Cronograma do conjunto das aulas

AULAS/DATA	TEMA
Aulas 1 e 2 (02/10 – segunda-feira – 08:00 – 9:30)	Introdução ao projeto “Contando um conto” e ao estudo das narrativas.
Aula 3 e 4 (06/10 – sexta-feira – 08:00 – 09:16)	Reconto de um curta-metragem e leitura-fruição de contos diversos.

<p>Aula 5 e 6 (09/10 – segunda-feira – 08:00 – 9:30)</p>	<p>Análise e reescrita da 1ª versão do reconto do curta-metragem <i>O Curupira</i>.</p>
<p>Aula 7 e 8 (20/10 – sexta-feira – 08:00 – 09:16)</p>	<p>Análise linguística através da leitura-estudo do conto popular <i>Caipora e Curupira</i>, de Monica Stahel.</p>
<p>Aula 9 e 10 (23/10 – segunda-feira – 08:00 – 9:30)</p>	<p>Planejamento da produção de conto e leitura-fruição de contos diversos.</p>
<p>Aula 11 e 12 (27/10 – sexta-feira – 08:00 – 09:16)</p>	<p>Produção da 1ª versão do conto.</p>
<p>Aula 13 e 14 (30/10 – segunda-feira – 08:00 – 9:30)</p>	<p>Análise linguística da 1ª versão do conto.</p>
<p>Aula 15 e 16 (03/11 – sexta-feira – 08:00 – 09:16)</p>	<p>Reescrita da 1ª versão do conto.</p>
<p>Aula 17 e 18 (06/11 – segunda-feira – 08:00 – 9:30)</p>	<p>Produção dos cartazes e contação de contos de assombração.</p>
<p>Aula 19 e 20 (10/11 – sexta-feira – 08:00 – 09:16)</p>	<p>Socialização de contos e encerramento do estágio de docência.</p>

2.2.8.3 Planos de aula

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
E.E.B. Hilda Teodoro Vieira
Professor regente da turma: Evimarcio Cunha Aguiar
Estagiária-professora responsável pela aula: Grazielle Nack
Disciplina: Língua Portuguesa
Série: 6ª – Turma 01

Plano das aulas 1 e 2 (02/10 – Segunda-feira – 08:00 – 9:30)

Tema: Introdução ao projeto “Contando um conto” e ao estudo das narrativas.

Objetivo geral:

Retomar contato com o gênero fábula pela leitura e análise das fábulas *Quem tem razão? A lebre ou o leão?*, de Valdenilse do Nascimento Martins, e *A coruja e a águia*, de Monteiro Lobato.

Objetivos específicos:

- Conhecer o projeto de docência “Contando um conto”, a Gincana Literária, a dinâmica das aulas de leitura, o jogo STOP e o processo de avaliação que será desenvolvido durante o período de docência das estagiárias-professoras.
- Ouvir atenta e ativamente a leitura da fábula *Quem tem razão? A lebre ou o leão?*, de Valdenilse do Nascimento Martins, a ser realizada pela estagiária-professora responsável pela aula.
- Relembrar os conhecimentos acerca do gênero *fábula* já estudado na aula do professor Evimarcio, por meio da retomada da análise realizada em atividade anterior sobre a fábula *Quem tem razão? A lebre ou o leão?*, de Valdenilse do Nascimento Martins.
- Identificar elementos da narrativa que constituem a fábula *Quem tem razão? A lebre ou o leão?*, de Valdenilse do Nascimento Martins, com base em um roteiro de leitura.
- Sistematizar os elementos da estrutura narrativa identificados na análise da fábula *Quem tem razão? A lebre ou o leão?*, de Valdenilse do Nascimento Martins, por meio do preenchimento da tabela STOP.
- Desenvolver a prática da leitura literária pela leitura-estudo da fábula *A coruja e a águia*, de Monteiro Lobato.
- Sistematizar os elementos da estrutura narrativa identificados na análise da fábula *A coruja e a águia*, de Monteiro Lobato por meio do preenchimento da tabela STOP.

Conteúdo:

- O projeto de docência "Contando um conto".
- Leitura-estudo de fábula.
- Compreensão da fábula *Quem tem razão? A lebre ou o leão?*.
- Compreensão da fábula *A coruja e a águia*, de Monteiro Lobato.

- Elementos constituintes do gênero fábula: enredo, foco narrativo, tempo-espaço, personagens.
- Marcas linguísticas do foco narrativo, tempo-espaço, de diálogo das personagens, de caracterização de personagens e espaço.

Metodologia:

- Registro do tema da aula no quadro.
- Realização da chamada feita pela estagiária-professora **não** responsável pela aula.
- Apresentação das estagiárias-professoras, do Projeto de Docência “Contando um conto”, da Gincana Literária e do processo de avaliação.
- Entrega, seguida de leitura pela estagiária-professora responsável pela aula, do texto de apresentação do projeto-docência (Anexo 1) e do projeto Gincana Literária (Anexo 2).
- Entrega das pastinhas aos alunos, onde irão guardar o material que utilizarão até o final do estágio-docência.
- Retomada da atividade de análise da fábula *Quem tem razão? A lebre ou o leão?*, de Valdenilse do Nascimento Martins, realizada em aula com o professor Evimarcio.
- Orientação para leitura da fábula *Quem tem razão? A lebre ou o leão?* (Anexo 3) no livro didático. As estagiárias-professoras trarão livros da biblioteca para o caso de algum aluno esquecer o livro didático.
- Leitura da fábula *Quem tem razão? A lebre ou o leão?* (Anexo 3), de Valdenilse do Nascimento Martins, a ser feita pela estagiária-professora responsável pela aula em frente à turma.
- Apresentação da autora da obra, seguida de discussão oral da fábula com os alunos, com base no roteiro pré-elaborado pelas estagiárias-professoras, retomando as questões elaboradas pelo professor na atividade realizada anteriormente (o que acontece na história, quem são os personagens, os personagens falam, como eles são, onde e quando se passa a história, como se sabe isso etc.) e revisando os conceitos vistos no bimestre anterior com o professor Evimarcio.
- **Atividade:** Identificação dos elementos da narrativa que configuram a fábula apresentada (narrador/foco narrativo, enredo, personagem, tempo-espaço), por meio de uma adaptação do jogo STOP (Anexo 4). Os alunos receberão uma tabela no estilo jogo STOP (que será utilizada nas atividades de leitura) para preencher os campos com os elementos da narrativa a serem identificados coletivamente. Será feita explicação pela estagiária-professora do funcionamento da brincadeira. O preenchimento da tabela STOP ao final do projeto de docência valerá nota e ponto para gincana.
- Organização da turma pela estagiária-professora responsável para ida à biblioteca da escola para a aula de leitura.
- Entrega de uma cópia impressa da fábula *A coruja e a águia*, de Monteiro Lobato (Anexo 5) para leitura individual e silenciosa, seguida de preenchimento individual da tabela STOP.

Recursos didáticos:

- Texto de apresentação do projeto-docência (21 cópias).
- Tabela com regras da gincana e pontos (21 cópias).

- Fábula *Quem tem razão? A lebre ou o leão?*, de Valdenise do Nascimento Martins, disponível no livro didático.
- Tabelas STOP impressas (21 cópias).
- Roteiro de perguntas para discussão para orientação das professoras.
- Lousa.
- Caneta esferográfica para lousa.
- Pastinhas decoradas e identificadas com os nomes dos alunos (21 pastas).

Avaliação: Será avaliado o entendimento da estrutura do gênero fábula durante a leitura e análise das fábulas *Quem tem razão? A lebre ou o leão?*, de Valdenise do Nascimento Martins e *A coruja e a águia*, de Monteiro Lobato, pela postura de escuta atenta e ativa, pela participação oral na discussão de revisão dos conteúdos sobre narrativas já trabalhados pelo professor de Língua Portuguesa da turma e pela adequação das respostas no preenchimento da tabela STOP.

Referências:

BAKHTIN, M. [Volochínov]. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. p. 171-193.

GANCHO, Candida Vilares. *Como analisar narrativas*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002. 70 p. (Série princípios; 207).

GERALDI, J. W. *Ancoragens: estudos bakhtinianos*. São Carlos/SP: Pedro & João, 2010.

GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LOBATO, Monteiro. *Fábulas*. São Paulo: Brasiliense, s/d, 20ª edição. Disponível em: <http://contobrasileiro.com.br/a-coruja-e-a-aguia-fabula-de-monteiro-lobato/>. Acesso em: 25/09/2017.

MARTINS, Valdenise do Nascimento. A compreensão da leitura de fábulas. O professor e os desafios da escola pública paranaense. Produção didático-pedagógica. Paranaguá, 2012, v. 2, p. 16-18. In: OLIVEIRA, Tania Amaral de. [et al.]. *Tecendo Linguagens: Língua Portuguesa: 6º ano*. 4 ed. São Paulo: IBEP, 2015, p. 182-183.

MIOTELLO, V. *O discurso da ética e a ética do discurso*. 2011. Disponível em: <https://dspace.almg.gov.br/bitstream/11037/1276/3/0001276.pdf>. Acesso em: 30/09/2017.

STREET, B. *Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento*. Teleconferência Brasil sobre o letramento, outubro de 2003.

TODOROV, T. *A literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira. 5. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2014.

OLIVEIRA, Tania Amaral de. [et al.]. *Tecendo Linguagens: Língua Portuguesa: 6º ano*. 4 ed. São Paulo: IBEP, 2015.

Anexos:

ANEXO 1 - APRESENTAÇÃO PROJETO DOCÊNCIA *CONTANDO UM CONTO*

E.E.B. Hilda Teodoro Vieira

Professor regente da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiárias-professoras: Grazielle Nack e Jaíni Teixeira

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 6º – Turma 01

Nome do(a) aluno(a): _____

CONTANDO UM CONTO

Olá, pessoal!

Hoje daremos início à incrível experiência que será ser professoras de vocês por um período de um mês e meio. Durante o período que acompanhamos as aulas do prof. Evimarcio, tivemos a oportunidade de conhecê-los melhor e pensar em aulas que fossem divertidas, além de cumprirmos com seu papel de estudar a língua portuguesa. Como estamos muito empolgadas e percebemos que essa turma é especialmente criativa, decidimos comemorar com uma gincana literária!

Cada um aqui já é considerado campeão por nós, pois percebemos o potencial de cada um e queremos desafiá-los à essa aventura. Como vai funcionar?

Cada um de vocês inicia sua participação na gincana com mil pontos. Ou seja, já começam campeões! Ao longo das aulas, teremos várias provas, envolvendo leitura de contos, brincadeiras com a tabela STOP (que tem um formato um pouquinho diferente aqui, mas logo, logo, a gente explica), criação de contos por vocês e contação de histórias. Além dessas provas valerem pontos para a gincana, algumas atividades também valem pontos na média do 4º bimestre, como a escrita de duas histórias, cada uma valendo nota dez. Ah! A participação na gincana também vale nota dez.

Lembram que vocês já começam campeões? Pois então, vocês já começam com uma nota dez pela participação na gincana. Caso não haja participação nas tarefas propostas ou respeito às regras do jogo, essa nota pode diminuir a cada atividade não realizada. Por isso, a presença e participação de vocês é essencial!

No final da competição, além das notas, da medalha de contador de histórias, o ganhador recebe um prêmio surpresa. E aí? Preparados?

Como vocês já começaram a estudar os elementos da narrativa, iremos continuar de onde o professor de língua portuguesa parou, e como a aula de leitura é algo especial para um contador de histórias, não iremos abandoná-la, mas ela se dará em aulas diferentes e não somente nas segundas-feiras.

Fiquem tranquilos, pois como todos vão colaborar, tudo vai dar certo.

Bora lá começar?

Grazielle e Jaíni

ANEXO 2 - TABELA COM REGRAS DA GINCANA LITERÁRIA

E.E.B. Hilda Teodoro Vieira

Professor regente da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiárias-professoras: Grazielle Nack e Jaíni Teixeira

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 6º – Turma 01

Nome do(a) aluno(a): _____

GINCANA LITERÁRIA

Essa gincana foi planejada como uma forma de ajudar você, aluno, e de tornar as aulas mais divertidas. Todos vocês já começam a gincana com 1100 pontos e se cada um realizar todas as atividades, cumprindo as regras, manterá esses 1000 pontos, que no final do estágio, valerá uma nota 10 para somar na média final. Além disso, o campeão ou a campeã da gincana ganhará, na última aula, um prêmio surpresa. Bora?

ATIVIDADE	PONTOS
STOP literário Você já brincou de STOP? Aqui a brincadeira vai ser um pouco diferente. Cada um de vocês receberá uma tabela STOP com os seguintes elementos: Título/Autor/Personagens/Narrador/Enredo/Tempo/Espaço. A cada conto lido, vocês deverão completar de acordo com o que leram. O objetivo é conseguir identificar corretamente os elementos da narrativa. A cada partida, se você acertar tudo, são 100 pontos!	300
Recontando o conto! Aqui teremos nossa primeira atividade escrita que, além de valer 200 pontos para a gincana em busca do prêmio final, será uma das notas do bimestre, por isso, é muito importante a participação de todos! O que é recontar um conto? Vamos descobrir juntos!	200
Contação de histórias Agora é sua vez de contar uma história. As estagiárias-professoras vão pedir para você contar a história que leu na aula de leitura programada para essa atividade. Vale 100 pontos, mas olha lá, hein! Só é contação se todo mundo entendeu. Aceita o desafio?	200
Conte um conto Agora é a hora da verdade! Depois de chegar até aqui, você já é quase um contador de histórias profissional. Vamos dar um passo mais ousado e escrevermos nosso próprio conto? As estagiárias-professoras irão ajudar você a começar uma história sobre um tema do seu interesse e, depois de você ter concluído, vamos expor em cartazes para os colegas lerem e se deliciarem com sua obra de arte. Essa é uma produção escrita que, além de valer 200 pontos para a gincana, também é uma das notas do bimestre. Mãos à obra!	200
Participar é importante, sim! E vale ponto! Vir à aula nos dias das atividades, colaborar lendo em silêncio quando as estagiárias-professoras pedirem, participar das atividades de leitura e contação de história propostas, ouvir, em silêncio, o colega contando a história e sem atrapalhar. Tudo isso é participar. Além de ser lindo, te ajuda no caminho até o prêmio! Então não perca isso de vista!	100
Cuidado com o material Manter todo o material entregue limpo e organizado, sem perder, rasgar ou rasurar também vale ponto. Preparamos esse material com todo carinho e atenção pensando em você e nada mais justo do que retribuir com respeito. Não dói.	100
TOTAL	1100

ANEXO 3 - CÓPIA DA FÁBULA *QUEM TEM RAZÃO A LEBRE OU O LEÃO?*

Quem tem razão? A lebre ou o leão?

Naquela floresta calma e tranquila alguma coisa diferente estava acontecendo. Ouvia-se o som de vozes numa conversa animada como se fosse uma boa discussão.

– **Eu não concordo** com o título de que o leão é o rei dos animais – reclamava a lebre, muito nervosa. Isso me deixa muito contrariada porque, afinal, ele já leva a fama há tanto tempo e nunca mais alguém propôs uma discussão sobre o assunto. **Que tal convocarmos uma assembleia?** – propôs a danada aos outros animais. – Seria uma ótima oportunidade de encontrarmos os colegas e discutirmos o assunto.

– Mas... assembleia? – disse o macaco. – Eu nem sei o que é isso.

– É uma reunião onde todos os participantes falam e expressam suas ideias de uma maneira organizada e bem educada, isto é, sem ofensas e brigas – explicou a lebre.

– **Tudo bem – concordaram os demais** – mas quando?

– **Talvez depois de amanhã, para que haja tempo de avisarmos todos os animais** – concluiu a lebre.

– **Ok, está combinado: sábado, embaixo da mangueira e neste mesmo horário, ao nascer do sol** – responderam os elefantes.

– Até lá, meus amigos! – continuou a lebre, agora mais satisfeita.

O burburinho era geral, pois, embora o macaco, o tatu, a cotia, a zebra e o papagaio e muitos outros animais tivessem gostado da ideia, eles ainda não sabiam muito bem o que iria acontecer. Mesmo assim os convites prosseguiram. Era tatu avisando minhoca e papagaio na casa da arara, todos ajudando a lebre a organizar a tal assembleia. E a cada convite surgia novamente a dúvida. Mas o que será que vamos discutir? Eles não conseguiam saber o que a lebre iria dizer ao leão.

Bem, chegando o dia e a hora, todos estavam curiosos e agitados.

Para dar início à reunião, a lebre, como é pequenininha, pediu ajuda à girafa para poder explicar sua proposta lá do alto.

– Eu, lebre da floresta, **tenho uma proposta** para vocês. Gostaria de discutir o título dado ao leão como “Rei dos Animais”. Este título já foi dado a ele há muito tempo e **precisamos voltar a discuti-lo**, afinal, os tempos mudaram. **Vocês concordam com a minha ideia?**

Os animais se olharam e mesmo meio apavorados **demonstraram concordar balançando afirmativamente as cabeças.**

Assim que os animais se manifestaram, o leão soltou um rugido daqueles tão fortes que mais da metade da bicharada saiu correndo de medo. Os outros animais ficaram olhando surpresos para a lebre, esperando o que ela iria dizer. Ela não teve dúvidas.

– Sr. Leão, o senhor acha mesmo que com esse rugido vai assustar todo mundo e continuar a ser o rei? Pois então vamos lá!

Chamou de volta todos os animais que tinham fugido e garantiu a eles que ficassem sossegados, pois a conversa estava apenas começando.

– Já que o senhor tem uma voz tão forte, por que não promovemos um concurso de canto? Quem se candidatará? – continuou a lebre.

Imediatamente um pássaro se apresentou e iniciou a cantoria. Os animais da plateia não paravam de elogiá-lo. Foi um sucesso!



- Agora é a sua vez, Sr. Leão.
Ele rugiu tão alto e desafinado como se fosse um disco riscado tocando no máximo volume. Desta vez a plateia não gostou, mas ficou imóvel de medo.

- Então, meus amigos - disse a lebre - se o rei dos animais fosse escolhido pelo canto, segundo as reações de vocês, o pássaro seria o vencedor.

- Apoiada, Sra. Lebre - disseram os animais, agora mais satisfeitos e tranquilos.

- Então vamos a outra prova: "Tamanho não é documento" - propôs a organizadora.

- Essa eu não tenho dúvida de que vencerei - falou o leão. - Quem me enfrentará? Mesmo que seja um elefante grandão e pesado, eu o derrubo em um só golpe, vamos ver.

- Espere, Sr. Leão - disse a lebre.

E, para espanto de todos, a lebre convidou uma formiga para participar da prova.

Vocês têm ideia do que aconteceu?

A formiguinha subiu na juba do leão e começou a passear tão de levinho que ele sentiu cócegas e se "derreteu" todo, chegando a deitar-se no chão para curtir o carinho da formiguinha.

- E, então, Sr. Leão, vamos continuar?

- Acho que já entendi sua ideia, Sra. Lebre. A senhora quis mostrar aos animais dessa floresta que não devemos achar que somos os melhores em tudo, porque isso não existe. Cada um pode ser bom em alguma coisa, depende do ponto de vista. Certo? - disse o leão.

Os animais ficaram surpresos e contentes com a fala do leão. Acharam que a lebre foi muito esperta nessa assembleia.

- Mas, Sra. Lebre, só para terminar eu gostaria de lhe fazer uma perguntinha.

- Pois não, Sr. Leão.

- Como é mesmo aquela história da corrida entre a lebre e a tartaruga?

MARTINS, Valdenise do Nascimento. A compreensão da leitura de fábulas. *O professor e os desafios da escola pública paranaense*. Produção didático-pedagógica. Paranaguá, 2012, v. 2, p. 16-18. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_fafipar_port_pdp_valdenilse_do_nascimento_martins.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2015.



POR DENTRO DO TEXTO

1. Com base na leitura do texto, explique o que é uma assembleia.
2. Que proposta foi feita pela lebre da floresta?
3. Qual frase usada pela lebre indica que ela se interessa em ouvir a opinião dos outros animais?
 - O que você achou da atitude da lebre de procurar conhecer a opinião dos colegas? Justifique sua opinião.

MARTINS, Valdenilse do Nascimento. A compreensão da leitura de fábulas. O professor e os desafios da escola pública paranaense. Produção didático-pedagógica. Paranaguá, 2012, v. 2, p. 16-18. In: OLIVEIRA, Tania Amaral de. [et al.]. *Tecendo Linguagens: Língua Portuguesa: 6º ano*. 4 ed. São Paulo: IBEP, 2015, p. 182-183.

ANEXO 4 - TABELA DO JOGO STOP

E.E.B. Hilda Teodoro Vieira
 Professor regente da turma: Evimário Cunha Aguiar
 Estagiárias-professoras: Grazielle Nack e Jaine Teixeira
 Disciplina: Língua Portuguesa
 Série: 6ª – Turma 01
 Nome do (a) aluno(a): _____

Título	Autor	Narrador (Só conta a história? Ou ele também é personagem da história)	Personagens (Quem participa da história? Como elas são?).	Enredo (O que acontece na história?)	Tempo (Quando a história acontece?)	Espaço (Onde a história acontece? Como é este lugar?)

Figura 1 – Imagem do modelo da tabela STOP

E.E.B. Hilda Teodoro Vieira
 Professor regente da turma: Evimário Cunha Aguiar
 Estagiárias-professoras: Grazielle Nack e Jaíni Teixeira
 Disciplina: Língua Portuguesa
 Série: 6ª – Turma 01
 Nome do (a) aluno(a):

Título	Autor	Narração (Só conta a história? Ou ele também é personagem da história)	Personagens (Quem participa da história? Como elas são?)	Enredo (O que acontece na história?)	Tempo (Quando a história acontece?)	Espaço (Onde a história acontece? Como é este lugar?)
Quem tem razão? A Lebre ou o Leão. O tesouro no Quintal	Naldenise do nas- cimento martins Moacyr sciliar	Oniscien te uns dos Filhos	Leão, lebre, macaco, elefante, formiga, papagaio, gesso, o tartaruga, latia etc. Pai, mãe e cinco Filhos	discussão sobre quem é o rei do Floresta. faz um menino que achava que tinha um tesouro	3 dias. cronológico.	Na Floresta. no subúrbio.

Figura 2 – Imagem da tabela STOP preenchida

E.E.B. Hilda Teodoro Vieira
 Professor regente da turma: Evimário Cunha Aguiar
 Estagiárias-professoras: Grazielle Nock e Jaimi Teixeira
 Disciplina: Língua Portuguesa
 Série: 6ª – Turma 01
 Nome do (a) aluno(a):

Título	Autor	Narrador (Só conta a história? Ou ele também é personagem da história)	Personagens (Quem participa da história? Como elas são?).	Enredo (O que acontece na história?)	Tempo (Quando a história acontece?)	Espaço (Onde a história acontece? Como é este lugar?)
Quem é quem na história? O saci e o diabo	Teófilo do momento na história	omnisciente	- Saci, Diabo, mo- rango, sapato, pa- pagaio, e outros na história	diabo, o saci, o mundo, a história do saci	3 D 10 cronológico	florento
O saci	o saci e o diabo	omnisciente	Saci	Saci e um garoto que se afogou em o rio e veio aparecendo	3 D 10 cronológico	florento

Figura 3 – Imagem da tabela STOP preenchida

ANEXO 5 - FÁBULA A CORUJA E A ÁGUIA, DE MONTEIRO LOBATO

E.E.B. Hilda Teodoro Vieira

Professor regente da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiárias-professoras: Grazielle Nack e Jaíni Teixeira

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 6º – Turma 01

Nome do(a) aluno(a): _____

A coruja e a águia

Autor: Monteiro Lobato

Coruja e águia, depois de muita briga resolveram fazer as pazes.

— Basta de guerra — disse a coruja.

— O mundo é grande, e tolíce maior que o mundo é andarmos a comer os filhotes uma da outra.

— Perfeitamente — respondeu a águia.

— Também eu não quero outra coisa.

— Nesse caso combinemos isso: de agora em diante não comerás nunca os meus filhotes.

— Muito bem. Mas como posso distinguir os teus filhotes?

— Coisa fácil. Sempre que encontrares uns borrachos lindos, bem feitinhos de corpo, alegres, cheios de uma graça especial, que não existe em filhote de nenhuma outra ave, já sabes, são os meus.

— Está feito! — concluiu a águia.

Dias depois, andando à caça, a águia encontrou um ninho com três monstregos dentro, que piavam de bico muito aberto.

— Horríveis bichos! — disse ela. — Vê-se logo que não são os filhos da coruja.

E comeu-os.

Mas eram os filhos da coruja. Ao regressar à toca a triste mãe chorou amargamente o desastre e foi ajustar contas com a rainha das aves.

— Quê? — disse esta admirada. — Eram teus filhos aqueles monstreguinhos? Pois, olha não se pareciam nada com o retrato que deles me fizeste...

Moral da história: Para retrato de filho ninguém acredite em pintor pai. Já diz o ditado: quem ama o feio, bonito lhe parece.

LOBATO, Monteiro. *Fábulas*. São Paulo: Brasiliense, s/d, 20ª edição. Disponível em: <http://contobrasileiro.com.br/a-coruja-e-a-aguia-fabula-de-monteiro-lobato/>. Acesso em: 25/09/2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
E.E.B. Hilda Teodoro Vieira
Professor regente da turma: Evimarcio Cunha Aguiar
Estagiária-professora responsável pela aula: Grazielle Nack
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 6º – Turma 01

Plano das aulas 3 e 4 (06/10 – Sexta-feira – 08:00 – 09:16)

Tema: Reconto de um curta-metragem e leitura-fruição de contos diversos.

Objetivo geral:

Reconhecer o conto como um gênero que circula em diferentes suportes e em diferentes linguagens pela leitura das imagens em movimento do curta-metragem *O Curupira* e pela leitura de contos diversos.

Objetivos específicos:

- Assistir ao curta-metragem *O Curupira*, da série *Juro que vi*, disponível no YouTube.
- Identificar elementos necessários para compor um reconto, com base na análise dos elementos da narrativa do curta-metragem *O Curupira*.
- Recontar a história do curta-metragem a partir da leitura das imagens em movimento por meio da produção escrita.
- Depreender diferenças e semelhanças entre uma história contada oralmente e uma história assistida, considerando as diferentes formas de linguagem em cada um desses modos narrar.
- Desenvolver a prática da leitura literária pela leitura-fruição de contos diversos pré-selecionados pela estagiária-professora.

Conteúdo:

- A linguagem audiovisual.
- A narrativa em imagens em movimento.
- Reconto de história em um suporte diferente.
- Leitura-fruição de contos.
- Compreensão de texto: o curta-metragem *O Curupira* e contos diversos pré-selecionados pela estagiária-professora.
- Elementos que constituem o gênero conto: foco narrativo/narrador, personagens, tempo-espço e enredo (ações).

Metodologia:

- Registro do tema da aula no quadro.
- Realização da chamada feita pela estagiária-professora **não** responsável pela aula.
- Direcionamento dos alunos à sala de vídeo para exibição do curta-metragem *O Curupira* da série *Juro que vi*.
- Exibição do curta-metragem *O Curupira* da série *Juro que vi*. (11 min).

- Discussão sobre o curta a partir de roteiro pré-elaborado pela estagiária-professora responsável pela aula (Anexo 1).
- Criação de um reconto com base na história do curta, a ser entregue no final da aula (Anexo 2).
- Caso haja alunos que terminem o reconto antes do fim da aula, estes serão encaminhados para a biblioteca para leitura-fruição de contos pré-selecionados pela estagiária-professora responsável pela aula, sendo mediados pela estagiária-professora não responsável pela aula.

Recursos didáticos:

- Projeto multimídia.
- Notebook.
- Curta-metragem *O Curupira* da Série *Juro que vi* salvo no computador.
- Folhas de fichário para produção do reconto.
- Canetas e lápis para produção do reconto.
- Tabelas STOP (21 cópias).
- Roteiro de perguntas para discussão para as professoras.
- Lousa.
- Caneta esferográfica para lousa.

Avaliação: Serão avaliadas: a atenção durante a apresentação do curta-metragem *O Curupira*, da série *Juro que vi*, pela postura de escuta atenta e ativa; a produção do reconto, considerando a coerência com a história narrada no curta-metragem assistido, a adequação dos elementos de estrutura narrativa estudados na aula anterior, a adequação das marcas de estrutura linguística e pontuação e a capacidade de aplicação na linguagem escrita dos apontamentos feitos na linguagem oral; a participação oral na discussão, com base nas respostas dos alunos aos questionamentos da estagiária-professora.

Referências:

ANTUNES, Irandé. Redimensionando a avaliação. In: *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p.155-166.

BAKHTIN, M. [Volochínov]. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. p. 171-193.

GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Juro que vi - O Curupira. YouTube. Brasil: 2016. Duração: 11:09. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ydISANJYwus>. Acesso em: 24/09/2017.

STREET, B. *Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento*. Teleconferência Brasil sobre o letramento, outubro de 2003.

TODOROV, T. *A literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira. 5. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2014.

Anexos:

ANEXO 1 - ROTEIRO DE PERGUNTAS DA ESTAGIÁRIA-PROFESSORA PARA GUIAR A DISCUSSÃO SOBRE O CURTA-METRAGEM *O CURUPIRA*

E.E.B. Hilda Teodoro Vieira

Professor regente da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiária-professora: Grazielle Nack

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 6º – Turma 01

Nome do(a) aluno(a): _____

Roteiro para discussão do curta-metragem

1. Vocês conseguiram entender a história por meio da imagem?
2. Onde se passa a história? Numa floresta? Como sabemos que é uma floresta? Como é essa floresta? Tem animais? No Brasil tem florestas assim? Quais?
3. Essa história se passa no presente ou no passado? Tem como sabermos disso numa história com narração por imagens, sem voz? Como? Olhem os personagens. Que roupas eles estão usando? São roupas de agora? No início do vídeo, quando a voz que apresenta a história fala, ela diz que a história está acontecendo agora ou que “foi assim”?
4. Quem são os personagens da história? Tem mais de um? Como eles são? Gordos? Magros? Baixos? Altos? Quantos são? Como seria o nome deles? Um pode ser o caçador, o outro ajudante? E o Curupira? Qual deles é? Como você sabe? Como ele é? Repararam que ele tem o pé virado? Sabem Por quê?
5. Como a história começa? Tem alguém falando no começo da história, o que ela diz? Até onde essa fala aparece? Como conseguimos entender a história se não tem fala depois?
6. O que o Curupira é na história? Mocinho? Vilão? O que vocês acham?
7. O que o caçador faz que deixa o Curupira zangado? E o ajudante? Como ele fica?
8. O que acontece com o caçador? E com o ajudante?
9. Como acaba a história? Alguém morre? O Curupira some? Vocês acham que ele foi pra onde? E por que ele estava na floresta? Ele mora lá?
10. Vocês conseguiriam contar essa história para outra pessoa? Por onde vocês começariam? Como vocês descreveriam o Curupira?

ANEXO 2 - ORIENTAÇÃO PARA RECONTO

E.E.B. Hilda Teodoro Vieira

Professor regente da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiária-professora: Grazielle Nack

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 6º – Turma 01

Nome do(a) aluno(a): _____

Agora é a sua vez!

Depois de ter assistido ao vídeo, que narra as aventuras do Curupira, você deverá recontar a história, por meio da escrita de um conto.

O que é recontar uma história?

Bom, você vai escrever um conto inspirado na história que você viu no vídeo. Para isso, você pode descrever o lugar onde a história acontece, você pode dar nome às personagens, criar diálogos, pode até mesmo imaginar que era você o menino do vídeo e que viu o Curupira de pertinho.

A ideia é você contar a história que assistiu com as suas próprias palavras.
Preparados?

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
E.E.B. Hilda Teodoro Vieira
Professor regente da turma: Evimarcio Cunha Aguiar
Estagiária-professora responsável pela aula: Grazielle Nack
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 6º – Turma 01

Plano das aulas 5 e 6 (09/10 – Segunda-feira – 08:00 – 9:30)

Tema: Análise e reescrita da 1ª versão do reconto do curta-metragem *O Curupira*

Objetivo geral:

Compreender a função dos recursos discursivos, expressivos e linguísticos em uma narrativa a partir da análise das estratégias empregadas na 1ª versão do reconto do curta-metragem *O Curupira*, tendo em vista a sua reescrita.

Objetivos específicos:

- Estabelecer a relação entre o enredo do curta-metragem *O Curupira* com o enredo da 1ª versão do reconto, pela análise dos elementos da estrutura narrativa como foco narrativo, tempo-espaço, personagens.
- Reconhecer o papel dos recursos linguísticos e discursivos com base na análise das estratégias empregadas no reconto do curta-metragem *O Curupira* produzido pelos alunos.
- Refletir sobre a adequação das marcas do foco narrativo, de tempo-espaço, do diálogo dos personagens, com base na análise da própria produção do reconto do curta-metragem *O Curupira*.
- Identificar as inadequações linguísticas e discursivas no desenvolvimento da escrita pela análise do próprio reconto.
- Reescrever os recontos adequando-os ao gênero proposto e às convenções da escrita formal da Língua Portuguesa, assim como ao enredo apresentado no curta-metragem *O Curupira*.

Conteúdo:

- Análise linguística e discursiva da 1ª versão do reconto.
- Elementos da narrativa: enredo, foco narrativo, tempo-espaço, personagens.
- Marcas linguísticas do foco narrativo, tempo-espaço, de diálogo das personagens, de caracterização de personagens.
- Reescrita da 1ª versão do reconto do curta-metragem *O Curupira*.

Metodologia:

- Registro do tema da aula no quadro.
- Realização da chamada feita pela estagiária-professora não responsável pela aula.

- A primeira parte da aula será dedicada a uma análise de questões linguísticas e textuais que se manifestaram no reconto do curta-metragem *O Curupira* escrito pelos alunos na aula do dia 06/10, tendo em vista a reescrita dos textos.
- A estagiária-professora responsável pela aula irá expor em *slides* (Anexo 1 e 2) exemplos de contos com inadequações do ponto de vista linguístico e discursivo, usando para isso os recontos dos alunos, tendo em vista inadequações que apareceram nas produções (ex: coerência com o conto narrado no curta-metragem *O Curupira*, título com letra minúscula, falta de espaçamento para parágrafo, pontuação, tempos verbais etc).
- A estagiária-professora responsável pela aula fará a devolutiva dos recontos e, juntamente, distribuirá uma folha de fichário em branco. Na sequência, dará indicações para a reescrita dos contos nas folhas de fichário para ser entregue até o fim da aula.
- Caso haja tempo, os alunos serão direcionados à biblioteca para leitura-fruição de contos pré-selecionados.

Recursos didáticos:

- Projetor multimídia.
- Notebook.
- Folhas de fichário para produção da reescrita (21 folhas).
- Pastinhas decoradas dos alunos para guardar a reescrita (21 pastas).
- Dicionários, canetas e lápis.
- Lousa.
- Caneta esferográfica para lousa.

Avaliação: Serão avaliadas: a atenção durante a apresentação e explicação dos *slides*, pela postura de escuta atenta e ativa; a apropriação dos conceitos ensinados por meio do reconhecimento das inadequações na produção e da aplicação da forma adequada na reescrita; a reescrita do reconto, considerando a adequação necessária nas próprias produções.

Referências:

ANTUNES, Irandé. Redimensionando a avaliação. *In: Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p.155-166.

BAKHTIN, M. [Volochínov]. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. p. 171-193.

GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

STREET, B. *Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento*. Teleconferência Brasil sobre o letramento, outubro de 2003.

TODOROV, T. *A literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira. 5. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2014.

Anexos

ANEXO 1 – SLIDES DA AULA DE ANÁLISE LINGUÍSTICA

RECONTE UM CONTO



O uso da folha...

- 1º passo: Respeite as margens da folha.
- 2º passo: Escreva o título em destaque, de forma centralizada.
- 3º passo: Deixe espaço na margem esquerda da folha que represente o parágrafo.
- 4º passo: Escreva até o final da linha.



Parágrafos

SIM

Um dia, numa floresta, um menino estava brincando com um cachorro. De repente, apareceu um homem muito velho e muito feio. Ele tinha um olho só e um nariz muito comprido. O menino ficou muito assustado e correu para casa. Quando voltou, viu que o cachorro estava morto. O menino ficou muito triste e chorou muito. Depois disso, ele nunca mais voltou para aquela floresta.

NÃO

Um dia, numa floresta, um menino estava brincando com um cachorro. De repente, apareceu um homem muito velho e muito feio. Ele tinha um olho só e um nariz muito comprido. O menino ficou muito assustado e correu para casa. Quando voltou, viu que o cachorro estava morto. O menino ficou muito triste e chorou muito. Depois disso, ele nunca mais voltou para aquela floresta.

Começando um conto

Tudo começou numa noite fria e escura, em uma floresta, onde tinha uma pessoa muito má que queria matar os animais, essa pessoa era o caçador.

Era uma vez, numa noite estrelada, um caçador e um menino em uma floresta.



No começo da história aparece uns vagalumes, depois aparece uma lua bem grande.

Vagalumes estavam voando pela floresta. Era noite de lua cheia.



Era uma vez no domingo na floresta, noite de lua cheia, um caçador e um menino ajudante foram caçar.

Era um domingo de lua cheia na floresta, onde um caçador e um menino ajudante foram caçar.



Marcas de oralidade

- A história começa na floresta **aí** tinha um caçador **que ele** queria caçar bichos para vender e ele tinha um ajudante.
- Era uma vez, em uma floresta encantada, **um caçador que queria** caçar bichos para vender. Ele tinha um ajudante...
- O caçador encontrou um tatu e **aí** ele deu um tiro nele, e **aí foi a hora** que apareceu o Curupira.
- O caçador encontrou um tatu e **deu** um tiro nele. **Nessa hora**, o Curupira apareceu furioso.

Marcas de oralidade

- **Dai** o Curupira fez o caçador virar um javali.
- **Então**, o Curupira **transformou o caçador** em um javali.
- Nessa hora, o homem viu **um monte** de javali e tentou avisar o caçador.
- Nessa hora, o homem viu **vários** javalis e tentou avisar o caçador.

Repetição

- E o **caçador** viu o bicho e o **caçador** matou o bicho.
- O **caçador** viu o bicho e o **matou**.

- O **menino** ficou sozinho com medo e o Curupira apareceu e o **menino** se assustou.
- O **menino** ficou sozinho, com medo e, **de repente**, o Curupira apareceu, **deixando o ajudante do caçador ainda mais assustado**.



Diálogo

O menino falou para o caçador que o Curupira estava na floresta e o caçador foi matar o Curupira.

Vamos imaginar um diálogo?!! 😊

O menino avistou o Curupira e, muito assustado, foi falar com o caçador:
— Caçador! Caçador! Eu vi o Curupira. Ele está muito bravo!
— O quê? Essa história de Curupira nem existe. Eu vou pegar esse bicho que está lhe assustando.
— Mas, caçador, ele é um monstro horrível! Você não imagina.
— Você é um medroso!
O caçador começou a seguir as pegadas que encontrou no chão e ...



E na hora de finalizar?

- E, no final, eles viveram felizes para sempre. **A gente aprendeu que não pode matar os animais.**



E um final com moral da história, pode? Pode, mas essa é uma característica mais comum em fábulas.

Lembrem-se: No final do texto, a palavra "fim" não é obrigatória, mas se você quiser usar, ela deve aparecer numa linha abaixo do texto e deve estar centralizada.
FIM



Pontuação

- **PONTO FINAL:** usado quando terminamos uma frase.

Exemplo:

- O caçador quase viu o macaco saindo da gaiola, mas o macaco se escondeu atrás do menino.

- **VÍRGULA:** usada para separar frases relacionadas ou elementos dentro de uma frase.

Exemplo:

- O ajudante queria o bem para a floresta, já o caçador queria o mal.

- **PONTO DE EXCLAMAÇÃO:** sinal utilizado para expressar uma emoção.

Exemplo:

O homem era muito atrapalhado!



Substantivo Próprio

- Os substantivos têm várias classificações, podendo ser comum, próprio, concreto, abstrato, entre outros.
- É importante lembrar que, quando são escritos, a primeira letra do substantivo próprio deve ser maiúscula.
- **MAS ...** O que é um substantivo próprio mesmo?
➡ É aquele que designa os seres de uma mesma espécie de forma particular.

Exemplos:

E.E.B. **Hilda Teodoro Vieira**

Nome: **Evimárcio Cunha Aguiar**

O caçador foi atrás do **Curupira**.



O plural e a concordância

- Cuidado!!! Se você está falando de mais de uma pessoa/animal/coisa, preste atenção na relação entre as palavras. Como, por exemplo, o uso do plural.

os **javali** ➡ os **javalis**

O homem tinha visto dois **tatu** ➡ O homem tinha visto dois **tatus**

o caçador e o ajudante **era** ➡ o caçador e o ajudante **eram**

Eles já **tinha** caçado ➡ Eles já **tinham** caçado



Acentuação

As palavras E e É, apesar de bem parecidas, têm significados diferentes.

- E – é uma conjunção aditiva, ela liga as palavras e frases.

Exemplo:

Eles foram caçar e viram um tatu.

- É – Verbo ser conjugado no presente do indicativo.

Exemplo:

O Curupira é um protetor da floresta, mas muitos o chamam de demônio.



Mas e mais

- A palavra MAS é uma conjunção adversativa.

Exemplo:

Vários caçadores tentaram pegar o Curupira, mas ele os enganava com seus pés.

Conjunções são palavras que juntam frases e algo que é adversativo é o que dá uma ideia de contrário.

- A palavra MAIS dá ideia de adição, ou seja, soma.

Exemplo:

O caçador tinha ido mais na frente.



Os porquês

Essa palavra pode ter muitos significados e formas diferentes (Por que/Por quê/Porque/Porquê). Então precisamos prestar muita atenção quando vamos usá-la! Hoje, vamos ver dois desses significados:

PORQUE – conjunção usada em respostas quando você quer mostrar a razão de algo ter sido causado ou explicar algo.

Exemplos:

- O menino ajudante soltou o macaco porque ele não queria caçar.
- O Curupira ficou muito bravo porque o caçador matou um animal.

POR QUE – pronome interrogativo, usado para fazer perguntas.

Exemplos:

- Por que o menino sentiu medo do Curupira?
- Por que o caçador não acreditou no menino?



ANEXO 2 - RESUMO DE ELEMENTOS APRESENTADOS NOS SLIDES

E.E.B. Hilda Teodoro Vieira

Professor regente da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiárias-professoras: Grazielle Nack

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 6º – Turma 01

Nome do(a) aluno(a): _____

REGRINHAS PARA NÃO ESQUECER

Vamos lembrar dessas regrinhas na nossa próxima produção textual. É um tipo de “colinha” para ter em mãos na hora de escrever nosso conto. Na dúvida, não deixe de perguntar!

PONTUAÇÃO

PONTO FINAL: usado quando terminamos uma frase.

Exemplo:

O caçador quase viu o macaco saindo da gaiola, mas o bichinho se escondeu atrás do menino.

VÍRGULA: usada para separar frases relacionadas ou elementos dentro de uma frase.

Exemplo:

O ajudante queria o bem para a floresta, já o caçador queria o mal.

PONTO DE EXCLAMAÇÃO: sinal utilizado para expressar uma emoção.

Exemplo:

O homem era muito atrapalhado!

SUBSTANTIVO PRÓPRIO

É aquele que designa os seres de uma mesma espécie de forma particular.

É importante lembrar que, quando são escritos, a primeira letra do substantivo próprio deve ser maiúscula.

Exemplo:

Curupira, Madalena, João Mata Sete, Branca de Neve.

CONCORDÂNCIA E PLURAL

Cuidado!!! Se você está falando de mais de uma pessoa/animal/coisa, preste atenção na relação entre as palavras. Como, por exemplo, o uso do plural.

Os javali → **Os javalis**

O homem tinha visto dois tatu → O homem tinha visto **dois tatus**

O caçador e o ajudante era → O caçador e o ajudante **eram**

Eles já tinha caçado → Eles já **tinham** caçado

ACENTUAÇÃO

As palavras E e Ê, apesar de bem parecidas, têm significados diferentes.

E – é uma conjunção aditiva, ela liga as palavras e frases.

Exemplo:

Eles foram caçar **e** viram um tatu.

Ê – Verbo **ser** conjugado no presente do indicativo.

Exemplo:

O Curupira **é** um protetor da floresta, mas muitos o chamam de demônio.

MAS E MAIS

A palavra MAS é uma conjunção adversativa. Conjunções são palavras que 'juntam' frases e algo que é adversativo é o que dá uma ideia de contrário.

Exemplo:

Vários caçadores tentaram pegar o Curupira, **mas** ele os enganava com seus pés.

A palavra MAIS dá ideia de adição, ou seja, soma.

Exemplo:

O caçador tinha ido **mais** na frente.

OS PORQUÊS

Essa palavra pode ter muitos significados e formas diferentes (Por que/Porquê/Porque/Porquê). Então precisamos prestar muita atenção quando vamos usá-la! Hoje, vamos ver dois desses significados:

PORQUE – conjunção usada em respostas quando você quer mostrar a razão de algo ter sido causado ou explicar algo.

Exemplos:

O menino ajudante soltou o macaco **porque** ele não queria caçar.

O Curupira ficou muito bravo **porque** o caçador matou um animal.

POR QUE – pronome interrogativo, usado para fazer perguntas.

Exemplos:

Por que o menino sentiu medo do Curupira?

Por que o caçador não acreditou no menino?

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
E.E.B. Hilda Teodoro Vieira
Professor regente da turma: Evimarcio Cunha Aguiar
Estagiária-professora responsável pela aula: Grazielle Nack
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 6º – Turma 01

Plano das aulas 7 e 8 (16/10 – Segunda-feira – 08:00 – 09:30)

Tema: Análise linguística através da leitura-estudo do conto popular *Caipora e Curupira*, de Monica Stahel.

Objetivo geral:

Sintetizar os aspectos linguísticos e discursivos estudados ao longo das últimas aulas por meio de atividade de interpretação textual do conto popular *Caipora e Curupira*, de Monica Stahel.

Objetivos específicos:

- Compreender o enredo apresentado no conto popular *Caipora e Curupira*, de Monica Stahel, através da leitura individual e silenciosa do texto.
- Identificar os elementos da narrativa (foco narrativo, personagens, tempo-espço e enredo) no conto popular *Caipora e Curupira*, de Monica Stahel, a partir da leitura individual e silenciosa.
- Relatar oralmente os fatos narrados no conto popular *Caipora e Curupira*, de Monica Stahel, demonstrando capacidade de compreensão e síntese, respeitando a coerência da narrativa.
- Reconhecer a importância das marcas discursivas e linguísticas na identificação de elementos da narrativa, como foco narrativo, tempo-espço, caracterização de cenários e personagens.

Conteúdo:

- Leitura-estudo do conto popular *Caipora e Curupira*, de Monica Stahel.
- Elementos da narrativa: foco narrativo, personagens, tempo-espço e enredo.
- Marcas discursivas e linguísticas da narrativa: 1ª e 3ª pessoa, tempos verbais, caracterização de cenários e personagens.
- A representação da fala das personagens.

Metodologia

- Registro do tema da aula no quadro.
- Realização da chamada feita pela estagiária-professora não responsável pela aula.
- Distribuir o conto popular *Caipora e Curupira*, de Monica Stahel, para leitura individual e silenciosa.
- Os alunos leem o conto popular *Caipora e Curupira*, de Monica Stahel (Anexo 1).

- Breve conversa com os alunos sobre o conto popular *Caipora e Curupira*, incitando-os a contar o que entenderam do conto lido através de perguntas direcionadas, seguida de comparação entre a versão contada com a versão do curta-metragem e com os recontos produzidos pelos alunos.
- Sistematização dos conceitos da estrutura narrativa aprendidos ao longo das aulas através de aula expositivo-dialogada, com o auxílio de *slides* com trechos selecionados do conto popular *Caipora e Curupira*, de Monica Stahel, que exemplificam os conceitos em estudo.
- Entrega de atividade (Anexo 2) de interpretação do conto popular *Caipora e Curupira*, de Monica Stahel, para realização individual e silenciosa, com foco na compreensão do texto e identificação de elementos da narrativa e das marcas linguísticas que os constituem.
- Correção da atividade no quadro com mediação da estagiária-professora responsável pela aula.

Recursos didáticos:

- Projetor multimídia.
- Notebook.
- Lousa.
- Caneta esferográfica para lousa.
- Atividade de interpretação textual do conto popular *Caipora e Curupira* impressa (21 cópias).
- Conto popular *Caipora e Curupira* impresso (21 cópias).

Avaliação: Serão avaliadas: a atenção durante a leitura do conto popular *Caipora e Curupira*, pela postura de concentração; a participação oral na discussão após a leitura; a apropriação dos conhecimentos abordados ao longo da aula com base na adequação das respostas dos alunos à atividade proposta.

Referências:

ANTUNES, Irandé. Redimensionando a avaliação. *In: Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p.155-166.

BAKHTIN, M. [Volochínov]. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. p. 171-193.

GERALDI, J. W. *Ancoragens: estudos bakhtinianos*. São Carlos/SP: Pedro & João, 2010.

GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MIOTELLO, V. *O discurso da ética e a ética do discurso*. 2011. Disponível em: <https://dspace.almg.gov.br/bitstream/11037/1276/3/0001276.pdf>. Acesso em: 30/09/2017.

STAHEL, Monica. *Um saci no meu quintal: mitos brasileiros*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

STREET, B. *Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento*.
Teleconferência Brasil sobre o letramento, outubro de 2003.

TODOROV, T. *A literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira. 5. ed. Rio de Janeiro:
DIFEL, 2014.

Anexos:

ANEXO 1 - CONTO CAIPORA E CURUPIRA

E.E.B. Hilda Teodoro Vieira

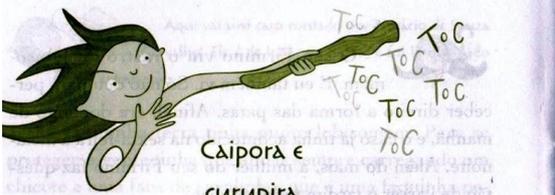
Professor regente da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiária-professora responsável pela aula: Grazielle Nack

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 6º – Turma 01

Nome do(a) aluno(a): _____



Caipora e curupira

Dona Lídia é a mulher do seu Heitor da farmácia. Ela tem uma cadela chamada Mila, muito branquinha e bem tratada. Que ninguém nos ouça, mas é uma cachorrinha de focinho em pé, muito cheia de vontades, isso sim. Até laço de fita na orelha ela tem.

Uma segunda-feira, voltando do trabalho, passei em frente da farmácia e lá estavam as duas tomando ar na calçada, dona Lídia e a cadelinha. Só que a Mila, coitada, até me deu pena: pelo esfiapado, toda esfolada, cara arranhada, ela ali estatelada, humilhada, parecia um tapetinho velho. Se não fosse a dona estar do lado, eu nem ia reconhecer.

– Nossa, dona Lídia, o que foi que aconteceu com a Mila?

– Caipora.

– Caiu o quê?

– Foi caipora. Lá na mata do Horto.
Essa não! O que estava acontecendo com a minha cidade? Saci, lobisomem, caipora...

E a dona Lídia destampou a choramingar a sua história:
– Domingo a gente costuma caminhar lá pelos lados do Horto. Ontem, o Heitor resolveu entrar na mata e tentar pegar um gaturamo para pôr na gaiola daquele nosso que morreu o mês passado, coitadinho. E eu entrei junto, porque às vezes lá tem cada samambaia tão linda... A Mila, toda alegrinha, foi correndo na frente e se embrenhou no mato. De repente, o Heitor parou e me fez um sinal. Ali, bem na nossa cara, estava o passarinho que ele queria, pousado na samambaia que eu desejava. Tudo no jeito, feito de encomenda. Justo nessa hora, a gente ouviu um barulho de pau batendo em árvore, o gaturamo levantou vôo e a Mila, pobrezinha, saiu de dentro de uma moita, ganindo que nem louca, toda machucada. Se não foi caipora foi curupira, é ou não é?



O caipora e o curupira têm um jeito de ser muito parecido, tanto que às vezes os dois são considerados como sendo o mesmo.

A descrição do caipora varia muito de uma região para outra. A sua figura mais conhecida é a de um indiozinho, que anda pelado ou de tanga, na maioria das vezes montado num porco-do-mato ou em algum outro animal selvagem e levando um galho na mão.

Alguns dizem também que ele é peludo, tem olhos de fogo e cabelo arrepiado. Tem gente que até já viu caipora meio homem, meio animal.

Em alguns lugares do Nordeste, as pessoas dizem que não é o caipora, mas a caipora. Quer dizer, caipora é uma mulher. Então ela também é chamada de caboclinha.

Seja homem ou mulher, chame-se caipora ou caboclinha, o certo é que todos agem de jeito muito parecido.



Caipora é o senhor da floresta e domina os animais. Ele avisa de sua presença balançando as árvores e batendo com um pau nos troncos: toc, toc, toc. Homem ou mulher, caipora gosta muito de fumo e cachaça. Para não ser atazanado por caipora, o caçador que entra na mata deve deixar um cigarro ou um pedaço de fumo em algum lugar visível. No caso da caboclinha, é até bom avisar, dizendo em voz alta: "Vou deixar fumo para nossa amiga fumar."

Quando está sem fumo, caipora vira uma fera. Assombra os caçadores, faz uma barulheira danada, assobia em todo canto da mata, fazendo as pessoas perderem o rumo, e maltrata os cachorros. Tem muito cachorro que começa a latir e a ganir desesperado, e o dono não sabe por quê. É caipora, que fica invisível e bate sem dó. Outra coisa que caipora faz, é enrolar cachorro em cipó de um jeito que o animal mal consegue se mexer.

Ressuscitar a caça também é arte de caipora. Quando algum animal é morto sem sua permissão, ele o cutuca com o focinho do porco em que está montado ou com o galho que traz na mão, e o bicho sai correndo, vivinho da silva. Afé o caçador que quase morre de susto.

Em algumas regiões, caipora sai da mata e vai para as encruzilhadas assustar os viajantes que passam. Antigamente ele espantava quem vinha a pé ou a cavalo, depois começou a colocar pedras nas estradas e nas pontes, para amedrontar os caminhoneiros.

Muitos acham que o curupira é simplesmente um caipora de pé virado. De fato, ele aparece quase sempre

como um menino, na maioria das vezes peludo, de calcanhar para a frente e dedos do pé para trás.

Mora nos ocos das árvores e não gosta de lugar onde tenha muita gente. Tal como caipora, curupira gosta de fumo e de pinga, e sempre é bom deixar um pouco dessas coisas pelo caminho para agradá-lo.

Muitos dizem que o curupira é mau, que bate nos índios, maltrata os caçadores, engana os viajantes que passam pela floresta e os faz perder o rumo. Às vezes o grito estridente do curupira ecoa pela mata e as pessoas, atordoadas, acabam se perdendo. Muita gente já ouviu contar de caçador que apanhou do curupira e voltou para casa muito machucado, sem se lembrar do que tinha acontecido.

Mas, na verdade, a missão do curupira é principalmente proteger as árvores e os animais. Nessa tarefa de tomar conta da mata, ele anda de um lado para o outro, o tempo todo. Na sua ronda, curupira assusta e castiga os caçadores que perseguem fêmeas prenhes e filhotes. Além disso, ele só aceita que alguém cace ou colha plantas e frutas da floresta se for para matar a própria fome. Ai de quem resolver caçar só pelo prazer de perseguir os animais ou para vender a carne. Esse há de sofrer as consequências!

Quando existe ameaça de tempestade forte, o curupira sai avisando. Bate nos troncos das árvores, e elas, então, fincam bem suas raízes no solo para não serem derribadas pelo vento.

Depois de sua correria, o curupira senta em cima do casco de um jabuti para descansar.

ANEXO 2- ATIVIDADE DE INTERPRETAÇÃO TEXTUAL E ANÁLISE LINGUÍSTICA

E.E.B. Hilda Teodoro Vieira

Professor regente da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiárias-professoras: Grazielle Nack

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 6º – Turma 01

Nome do(a) aluno(a): _____

- 1) No texto Caipora e curupira, de Mônica Stahel, que você leu o que aconteceu com a Mila, cadelinha da D. Lídia?
- 2) Com base no curta-metragem do Curupira que vimos, você acha que a Mila pode ter sido atacada pelo Curupira?
- 3) Como era a cadelinha da dona Lídia antes de ela ter sido atacada no horto?
- 4) O narrador ficou com pena da Mila quando a viu na calçada tomando ar com dona Lídia? Explique por quê.
- 5) Quando D. Lídia, Heitor e Mila foram ao Horto? E o que eles foram fazer lá?
- 6) Quem são os personagens da história Caipora e Curupira, de Mônica Stahel?
- 7) Copie do texto uma passagem que comprova que o narrador também é personagem.
- 8) Quando e onde aconteceu a história contada pelo narrador?
- 9) No conto lido, o narrador conta um caso e depois descreve Caipora e Curupira. Fale sobre eles. São diferentes? Como eles são? Copie trechos em que se fala sobre a aparência dos dois.
- 10) Releia o seguinte trecho:
“Ressuscitar a caça também é arte de Caipora. Quando algum animal é morto sem sua permissão, ele o cutuca com o focinho do porco em que está montado ou com o galho que traz na mão, e o bicho sai correndo, vivinho da silva. Aí é o caçador que quase morre de susto.”

Lembra do curta-metragem do Curupira que assistimos, quando o Curupira ressuscita o tatu que o caçador matou? Foi do mesmo jeito descrito no trecho acima? Explique como foi e qual a diferença entre o que aconteceu no curta-metragem e no conto *Caipora e Curupira*.

① R: Ela foi caçar o passarinho e ~~colou~~ machucou

Q R: Não porque o Curupira lo protetor dos animais

Q R: Ela era demitridada e branquinha

Q R: porque ela estava espiada todo o lado e com a cara arranhada

Q R: Eles foram caçar um passarinho e pegou ~~uma~~ uma planta

Q R: J. Lidia helter e mila

Q R: Ela estava passando e vi ~~ela~~ ~~ela~~ a mila toda machucada

Q R: antigamente numa segunda feira na floresta

Q R: Eles não são diferentes eles são todos como a mesma pessoa

Q R: Não é igual, porque na vida ~~ela~~ ele resuscitou o tatu com o sapo e no ~~depois~~ o curupira resuscitou o ~~porque~~ catucando

Figura 4 – Imagem da atividade feita por um aluno(a)

E.E.B. Hilda Teodoro Vieira
Professor regente da turma: Evimárcio Cunha Aguiar
Estagiárias-professoras: Grazielle Nack
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 6º – Turma 01
Nome do(a) aluno(a): _____

- 1) No texto Caipora e curupira, de Mônica Stahel, que você leu o que aconteceu com a Mila, cadelinha da D. Lídia? *Ela foi espelada, com a corcova de.*
- 2) Com base no curta-metragem do Curupira que vimos, você acha que a Mila pode ter sido atacada pelo Curupira? *Não*
- 3) Como era a cadelinha da dona Lídia antes de ela ter sido atacada no horto? *Muito bonquinho e bem tratado.*
- 4) O narrador ficou com pena da Mila quando a viu na calçada tomando ar com dona Lídia? Explique por quê. *Porque ele estava todo machucado.*
- 5) Quando D. Lídia, Heitor e Mila foram ao Horto? E o que eles foram fazer lá? *caçar papagaios.*
- 6) Quem são os personagens da história Caipora e Curupira, de Mônica Stahel? *caipora e curupira.*
- 7) Copie do texto uma passagem que comprova que o narrador também é personagem. *Só que o milo, coitado, até me deu ~~o~~ pino.*
- 8) Quando e onde aconteceu a história contada pelo narrador? *no mato, devia dias.*
- 9) No conto lido, o narrador conta um caso e depois descreve Caipora e Curupira. Fale sobre eles. São diferentes? Como eles são? Copie trechos em que se fala sobre a aparência dos dois. *curupira tem o pé preto traz ele e vem com o lado de cima de longe no maior das vezes*
- 10) Leia o seguinte trecho: *animal selvagem e levanta um galho no chão*
“Ressuscitar a caça também é arte de Caipora. Quando algum animal é morto sem sua permissão, ele o cutuca com o focinho do porco em que está montado ou com o galho que traz na mão, e o bicho sai correndo, vivinho da silva. Aí é o caçador que quase morre de susto.”

Lembra do curta-metragem do Curupira que assistimos, quando o Curupira ressuscita o tatu que o caçador matou? Foi do mesmo jeito descrito no trecho acima? Explique como foi e qual a diferença entre o que aconteceu no curta-metragem e no conto *Caipora e Curupira*.

Figura 5 – Imagem da atividade feita por um aluno(a)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
E.E.B. Hilda Teodoro Vieira
Professor regente da turma: Evimarcio Cunha Aguiar
Estagiária-professora responsável pela aula: Jaíni Teixeira
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 6º – Turma 01

Plano das aulas 9 e 10 (20/10 – Sexta-feira – 08:00 – 9:16)

Tema: Planejamento da produção de conto e leitura-fruição de contos diversos.

Objetivos gerais:

Planejar a escrita de um conto com base na identificação e seleção dos elementos que constituem uma narrativa.

Ampliar o repertório literário e cultural pela leitura-fruição silenciosa de contos diversos.

Objetivos específicos:

- Reconhecer a importância dos elementos que constituem uma narrativa para o entendimento da história a ser escrita.
- Selecionar o tema, ambiente, época e personagens para a produção de um conto.
- Desenvolver prazer na leitura-fruição por meio da leitura de contos diversos selecionados pelas estagiárias-professoras.
- Reconhecer a leitura como importante fonte de novas ideias para a produção escrita das próprias histórias.

Conteúdo:

- Elementos que constituem o gênero conto: foco narrativo/narrador, personagens, tempo-espaço e enredo (ações).
- Planejamento da 1ª versão do conto.
- Leitura-fruição de contos diversos.

Metodologia:

- Registro do tema da aula no quadro.
- Realização da chamada feita pela estagiária-professora não responsável pela aula.
- Devolutiva do reconto reescrito com anotações e nota.
- Atualização da pontuação da gincana feita na lousa pela estagiária-professora responsável pela aula.
- Apresentação e entrega por escrito da proposta de **Trabalho final** (Anexo 1): Criação individual de um conto que será escrito e entregue e, após devolutiva para reescrita, os alunos produzirão um cartaz com o conto reescrito e desenhos ou imagens produzidos pelos alunos para ilustrarem a história.
- Mediação pela estagiária-professora responsável pela aula da escolha a ser feita pelos alunos de aspectos que utilizarão para a escrita de seus contos na produção

final por meio de sugestões de inícios de enredos que podem desenrolar uma história (Anexo 2) e, também, ajuda na identificação do modo como é feita a descrição do ambiente no gênero conto, quais tempos verbais utilizar, que características as personagens terão e com que recursos linguísticos essas características serão apresentadas.

- Registro, pelos alunos, na folha que a estagiária-professora responsável entregará, dos aspectos que eles definiram para a produção da 1ª versão de seus contos (tema, narrador, enredo, lugar, tempo, personagens), seguindo o roteiro recebido, e, após finalização, entregarão para a estagiária-professora para que ela guarde nas pastinhas dos alunos.
- Na 2ª aula do dia, os alunos se encaminharão para a biblioteca para a aula de leitura.
- Os alunos poderão ir nas mesas escolher livros de contos que desejam ler e deverão fazer apenas a leitura-fruição das histórias.
- Caso haja tempo: Discussão dos contos apresentados com auxílio do jogo STOP.
- Conclusão da aula (organização da sala).

Recursos didáticos:

- Reconto corrigido. (21 folhas)
- Proposta da atividade impressa (21 cópias)
- Folhas de fichário para anotações para produção da 1ª versão do conto.
- Pastinhas decoradas dos alunos. (21 pastas)
- Lousa.
- Caneta esferográfica para lousa.
- Contos impressos para aula de leitura.
- Livros para aula de leitura.
- Tabelas stop.

Avaliação: Nesta aula serão avaliados a atenção durante a apresentação da proposta de trabalho final e o entendimento da proposta, pela postura de escuta atenta e ativa, assim como pela apresentação de questionamentos e pela resposta adequada aos questionamentos propostos pela estagiária-professora; a produtividade e desempenho na atividade de planejamento para realização do trabalho final, pela adequação das respostas aos encaminhamentos dados pela estagiária-professora na folha entregue; o respeito aos colegas e à estagiária-professora durante a aula e durante a leitura de contos, pela postura de concentração. Também será avaliado o cuidado com o material.

Referências:

ANTUNES, Irandé. Redimensionando a avaliação. *In: Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p.155-166.

BAKHTIN, M. [Volochínov]. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. p. 171-193.

GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

STREET, B. *Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento*. Teleconferência Brasil sobre o letramento, outubro de 2003.

TODOROV, T. *A literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira. 5. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2014.

Anexos:

ANEXO 1 - PROPOSTA DE TRABALHO FINAL ESCRITA E PLANEJAMENTO

E.E.B. Hilda Teodoro Vieira

Professor regente da turma: Evimarcio Cunha Aguiar

Estagiária-professora responsável pela aula: Jaíni Teixeira

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 6º – Turma 01

Nome do(a) aluno(a): _____

Agora é a sua vez de criar uma história...

Há algumas aulas, vocês recontaram a história do Curupira. Agora, cada aluno(a) deverá criar a sua própria história. Você pode usar sua imaginação e escolher onde ela vai acontecer, quem serão seus personagens e até mesmo se ela acontecerá no passado ou no futuro. Seja criativo! Se quiser, pode até incluir personagens conhecidos, pode ser sobre algo assustador ou muito engraçado. Cada um de vocês é que vai decidir.

Inicialmente, cada um precisa decidir os elementos de suas histórias, para depois criar a história. Depois, cada aluno vai produzir um cartaz com desenhos que ilustrem a história. Ao final, esses cartazes serão colados na escola e cada um de vocês vai poder compartilhar, oralmente, seus contos no último dia de aula com todos os colegas. E, lembrem-se de que, essa atividade vale nota, então vamos caprichar!!

É isso, pessoal, mãos à obra!

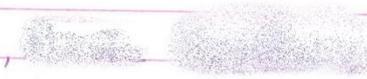
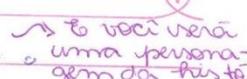


PLANEJAMENTO:

- 1 - Sobre o que vai ser a sua história?
- 2 - Quem vai contar essa história?
- 3 - Onde ela vai acontecer?
- 4 - Quando ela vai acontecer?
- 5 - Quem são as personagens? Qual o nome dela ou delas? Elas já são conhecidas ou você inventou? Quais as características delas?
- 6 - Qual o gênero da sua história? Aventura? Comédia? Terror?
- 7 - O que você vai fazer para que ela seja uma história dentro desse gênero?

peace   Juste

1- A minha história vai ser sobre uma menina chamada Malu que havia sumido e ninguém a encontrou.

2- Narrador: Eu,  
↳ é você verá uma personagem da história?

3- Ela vai acontecer na casa de Malu e no parque da cidade Doce Horizonte

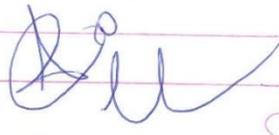
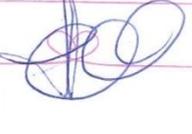
4- Ela vai acontecer no presente e no futuro.

5- Malu, a sua família, e seus amigos no presente. E Malu, a sua família e seus amigos no futuro.
↳ você pode dar características para suas personagens.

6- ficção científica
↳ dependendo do seu final, o gênero pode ser fantasia.

7- Tem mistério aventura e animação

↳ mas qual será esse mistério? O que acontecerá para ser ficção?

FORONI

Figura 6 – Imagem da atividade feita por um aluno(a)

1

Sobre um fantasma

→ Quem ele era? Como é a aparência dele?

Justo

2

Eu

→ E você vai usar um pseudônimo da história ou não contar?

3

numa mansão

→ Como é essa mansão? De quem é?

4

1886

5

um diplomata, um adolescente, e uma adolescente

6

→ Como eles vão? Malvados? Benignos?

terror.

→ você pode também descrever a aparência deles.

7

~~assassinato~~ enigmas ~~paragens~~ ~~secreta~~
assassinato paragens

Figura 7 – Imagem da atividade feita por um aluno(a)

ANEXO 2 - SUGESTÕES

Algumas sugestões que servirão para ajudar os alunos a terem uma ideia sobre o tema que desejarem escrever.

1- Em um domingo à tarde, a cidade inteira se reuniu no estádio de futebol para assistir aos dois times da cidade disputando uma partida eletrizante de futebol. O jogo estava 1x1, o relógio marcava 40 minutos do segundo tempo e os jogadores já estavam completamente exaustos. Depois do cartão vermelho do Amarildo, as coisas estavam indo de mal a pior. Até que o Roberto decidiu tomar uma atitude. Ele reuniu o time e...

2- Sempre gostei de aventuras, por isso aceitei o convite para irmos fazer uma trilha. No começo estava indo tudo bem, a medida que subíamos nos sentíamos um pouco cansados e com sede, mas a vista que tínhamos da praia compensava tudo. Querendo tirar uma foto melhor da vista, resolvi me afastar do grupo dos meus amigos e pegar um outro caminho. Que erro! Não andei muito e vi, logo na minha frente uma cobra, na hora eu ...

3- Era noite sem lua e estava tudo muito escuro. Às vezes, o vento batia na janela do quarto e o barulho chegava a me arripiar de tão assustador, mas isso nem se comparava ao medo que eu ia passar em seguida. O relógio marcava meia noite, eu levantei da cama para buscar um pouco de água, foi quando eu vi...

4- O Marcelo sempre gostou de ser o engraçado da turma, toda vida ele chegava com uma piada diferente. No último dia de aula, ele veio com a melhor piada de todas. Ele estava perto da porta da sala de aula esperando o sinal bater, na verdade ele estava esperando os colegas chegarem para poder contar sua piada. Quando avistou o Pedro ainda longe, atravessando o corredor, saiu correndo em direção a ele e disse: ...

5- Algumas pessoas dizem que criaturas mágicas não existem, mas eu lembro muito bem do que vi. Tenho certeza que aconteceu. Eu estava caminhando sozinha pela praça XV de novembro e olhando ao redor, meio entediada. Nada ali mudou, mas tinha uma luz estranha no galho de uma árvore. Resolvi me aproximar para ver melhor. Posso dizer que nunca tinha visto nada parecido com aquela criatura, era ...

6- Em um reino muito distante, os competidores se preparavam para o grande duelo. Dava para sentir no ar o nervosismo das pessoas que vieram para torcer. Os competidores disfarçavam, riam e contavam histórias bem alto, fingindo que não estavam nervosos, mas no fundo todos sabiam que o medo estava no ar. As regras do duelo eram claras, os competidores poderiam usar apenas um dragão, mas nenhum poder ou arma e, a pior regra de todas, só um competidor e um dragão saíam vivos.

O único que não estava com medo era Lucas. A primeira competição que ele venceu foi aos 11 anos e até o momento ele era o maior vitorioso. Todos sabiam disso. Até que, de repente, um dragão soltou um grito estridente e todos saíram correndo para ver o que havia acontecido. ...

7- Era uma tarde de domingo de chuva e eu estava sem vontade de fazer nada. Eu já estava cochilando deitada no sofá quando ouvi meu cachorro latindo, o susto me fez cair do sofá e dar de cara no chão. Depois de um momento tentando me recuperar, reparei em algo brilhando debaixo do sofá. Tive que ver o que era, sou muito curiosa! Com ajuda de uma vassoura, aproximei o objeto de mim. Era uma caixinha estranha

com as pontas douradas, quando abri não acreditei no que via: moedas de ouro e prata e um papel que marcava uma estrada e um enorme X no final da página.

Comecei a reparar que o mapa se parecia muito com a minha cidade, isso significava que eu poderia encontrar o que tinha naquele X. Não demorou muito e eu...

8- Desde pequeno eu e meu pai íamos passear na floresta. Havia uma lagoa por perto em que nós nadávamos depois de recolher algumas frutas para comer. Um dia, eu e meu pai estávamos indo recolher umas frutas quando uma criatura puxou meu pai pela roupa de modo tão cruel que arrancou o braço dele, desaparecendo pela mata e deixando meu pai ali jogado e sem braço. Não deu nem tempo de ver que criatura era aquela, eu saí correndo para pedir ajuda para a primeira pessoa que eu visse. No caminho, não conseguia pensar em nada, mas depois que meu pai já estava no hospital se recuperando, eu me perguntava qual a razão daquilo ter acontecido e por que não foi comigo. Decidi eu mesmo perguntar isso para a criatura e eu não precisei procurar muito por ela.

Eu estava me aproximando do lago quando...

9- Manu e Pedro foram criados na mesma rua, ao fim da qual havia um pequeno cemitério. A cidade toda era pequena, não tinha mais de mil habitantes. Eles costumavam brincar por lá durante o dia, apesar das advertências das mães, que não gostavam nem um pouco de ver os filhos chegarem em casa carregando as flores que tinham roubado de um enterro. Os danados riam na cara do perigo.

À luz do dia, o cemitério parecia mais um parquinho cheio de cruzeiros, que Manu e Pedro, em suas brincadeiras, acabavam derrubando ou quebrando. À noite, no entanto, não se aventuravam por lá, porque suas mães não deixavam.

Certa noite, em uma dessas noites de verão em que o sol se põe mais tarde, as crianças perderam a hora e se encontraram no cemitério depois de anoitecer. Como já passava da hora de ir para casa, dirigiram-se ao portão e perceberam, para seu terrível espanto, que estavam trancadas lá dentro.

E agora? O que fariam? No mesmo instante, um barulho de vaso se quebrando veio dos fundos do cemitério...

10- Dora queria ser bailarina. Desde pequena sonhava com os sapatinhos de fita e a saia de tule, toda rosa, rodopiando pela casa., mas Dora tinha uma avó muito doente, de quem ela cuidava quando não estava na escola. Por causa disso seu sonho de bailarina foi ficando em um cantinho do coração, sempre vivo, mas apagadinho. Coitada da Dora, tão dedicada à avó, tão querida por todos.

Um dia, porém, ela e a avó recebem uma visita inesperada...

11- Foi no inverno de 72. Eu e meu fiel companheiro, Barnabé, um buldogue de cinco anos, estávamos de guarda novamente. Estava tudo calmo... Calmo demais. Vi dois vultos, mais rápidos do que pude acompanhar...

A cidade estava calma naquele verão, sem grandes acontecimentos, as pessoas conviviam em harmonia e aproveitavam o calor para se refrescarem nas sombras das figueiras velhas, motivo de grande orgulho para os habitantes.

Até o dia que o circo chegou à cidade causando grande agitação...

12- Vínhamos os dois pela calçada, de mãos dadas, eu e meu irmão mais velho. Eu estava muito feliz, já que era o primeiro dia de aula da primeira escola que eu iria, e, além de tudo, eu havia ganhado um uniforme novo, com cheirinho de sabão chique, o sabão que minha mãe usava só em roupa de domingo, o que dava ao meu uniforme uma posição especial entre as roupas da casa.

Meu irmão, Antônio, carregava meus livros e os dele, pois era maior e mais forte. Ele era um menino muito bonito, inteligente também, ótimo negociador de figurinhas de chiclete, ninguém tinha a coleção completa no bairro, só ele.

Seguimos pela rua e entramos no beco do Cantão, um atalho para a escola, quando de repente...

13- Quando naquela manhã todos na casa acordaram para suas tarefas diárias, Malu havia sumido. Sua cama estava feita, seus brinquedos arrumados, seus pertences intocados, e nenhum sinal de que alguém havia saído ou entrado.

Malu era uma menina previsível, sem graça até. Nunca deu grandes surpresas aos pais. Mas nesse dia, ela seria o maior vendaval na pequena cidade onde morava. Mal sabiam todos que ela...

14- Era tarde da noite, mas toda vizinhança estava acordada. Isso porque o casarão mais antigo da cidade estava pegando fogo. Todo mundo estava ligando ao mesmo tempo para os bombeiros. Tinha gente chorando por todo lado e dizendo que era uma pena algo tão bonito acabar assim.

Lá no corpo de bombeiros da cidade, Irineu, que antes das ligações estava sentado na cadeira do escritório tomando um café e pensando que a noite estava muito calma, agora estava correndo de um lado para o outro, colocando sua roupa, pegando alguns equipamentos, chamando os colegas, parecia que faltava Irineu para tanta tarefa.

Quando chegaram próximo da rua do casarão, o coração deles batia muito acelerado. O medo de não conseguirem agir a tempo surgiu na mente deles, nessa hora...

15- Nunca acreditei que isso seria possível, mas estava acontecendo! E comigo! Sempre comprei aquelas rifas com algum prêmio super legal, mas nunca ganhava nada. Dessa vez não só ganhei, como também o prêmio era o melhor do que eu poderia imaginar. Eu iria passar um dia inteiro com meu youtuber favorito e mais!! Eu iria participar de um vídeo dele.

Quando chegou o grande dia eu ...

16- Se tem algo com que eu sempre sonhei foi meu aniversário de 15 anos. Eu via aquelas meninas ganhando festas gigantes e não sabia como seria a minha, mas de uma coisa eu tinha certeza, eu precisava usar um vestido roxo enorme. Esse era meu maior sonho de todos.

Quando completei 14 anos fui falar com meus pais para já começarmos a preparar a festa, foi quando minha mãe me disse...

17- Na galáxia 35597, no planeta Corix, o governador Plinium estava com um grande problema. Uma guerra havia sido decretada contra ele e seu povo pelo governador Wragam do planeta Trixca, desde que eles roubaram a pedra Gorl desse planeta. A pedra Gorl dá a quem a possui muita riqueza, e o planeta Trixca a mantinha em segurança máxima desde o ano 6049, mas Plinium e seus guerreiros conseguiram vencer todas as barreiras e roubaram a pedra bem debaixo do nariz dos trixcaneses.

O problema é que Wragam se uniu com os outros planetas da galáxia e agora o exército deles estava mais forte do que nunca. Com medo, Plinium decidiu...

18- Já fazia tanto tempo que Mayah não ia à praia que ela já tinha até esquecido da sensação da areia nos seus pés. Depois de duas horas de viagem, finalmente chegaram na casa de praia da tia de Mayah para passar o fim de semana.

A casa era simples, mas muito bonita e, o melhor de tudo, ficava bem pertinho da praia. Eles desfizeram as malas e Mayah foi com sua prima Cristina passear pela praia. Chegando lá, ela...

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
E.E.B. Hilda Teodoro Vieira
Professor regente da turma: Evimarcio Cunha Aguiar
Estagiária-professora responsável pela aula: Jaíni Teixeira
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 6º – Turma 01

Plano das aulas 11 e 12 (23/10 – Segunda-feira – 08:00 – 09:30)

Tema: Produção da 1ª versão do conto.

Objetivo geral:

Produzir a 1ª versão de um conto, considerando a adequação ao gênero e à forma de composição da estrutura narrativa, com base no esquema elaborado na aula anterior.

Objetivos específicos:

- Desenvolver a criatividade e a imaginação na criação de uma história coerente e coesa que envolva o leitor.
- Caracterizar cenários e personagens, de modo a situar o leitor no tempo-espaço e nas ações que se desenvolvem na história.
- Empregar adequadamente os esquemas verbais e temporais na produção da 1ª versão do conto.
- Empregar adequadamente as marcas linguísticas que identifiquem o foco narrativo.
- Fazer uso adequado do travessão para marcar as falas das personagens nos diálogos.

Conteúdo:

- Produção escrita de um conto.
- Elementos da narrativa: tempo, espaço, personagens, enredo, narrador.
- Emprego adequado dos esquemas verbais e temporais.
- Emprego adequado das marcas linguísticas do foco narrativo (pronomes e verbos de 1ª e 3ª pessoas).
- Uso do travessão para marcar as falas das personagens.

Metodologia:

- Registro do tema da aula no quadro.
- Realização da chamada feita pela estagiária-professora não responsável pela aula.
- Organização da turma para a produção da 1ª versão do conto. Para isso, a estagiária-professora responsável devolverá as anotações dos alunos com as ideias deles para produção do conto e entregará uma nova folha de fichário para que eles façam a atividade de produção textual.
- Antes que eles comecem a escrever, a estagiária-professora responsável fará uma revisão do que foi planejado na aula anterior, chamando a atenção para as

anotações na folha entregue a eles e recuperando na memória dos alunos as ideias para a escrita do conto.

- Os alunos terão o restante da aula para produção da 1ª versão de um conto (Anexo 1), a ser realizada em sala de aula, de modo individual e valendo nota. As estagiárias-professoras atenderão os alunos em suas carteiras para auxiliá-los em suas dúvidas.
- Caso haja alunos que terminem antes do tempo, a estagiária-professora responsável pela aula encaminhará estes para a biblioteca para leitura-fruição de contos com mediação da estagiária-professora não responsável pela aula.

Recursos didáticos:

- Lousa
- Caneta esferográfica para lousa
- Pastinhas decoradas dos alunos. (21 pastas)
- Atividade de planejamento realizada na aula 9. (21 folhas)
- Folha de fichário para produção de conto. (21 folhas)
- Canetas para emprestar.

Avaliação: Será avaliada: a escrita da 1ª versão do conto, considerando se o texto produzido atende aos aspectos próprios do gênero conto, respeitando sua função social e sua estrutura narrativa, através da presença dos elementos da narrativa (foco narrativo, personagem, tempo-espço, enredo) e, também, se o texto está adequado às normas da escrita formal da Língua Portuguesa.

Referências:

ANTUNES, Irandé. Redimensionando a avaliação. *In: Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p.155-166.

BAKHTIN, M. [Volochínov]. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. p. 171-193.

GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

STREET, B. *Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento*. Teleconferência Brasil sobre o letramento, outubro de 2003.

TODOROV, T. *A literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira. 5. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2014.

Anexos:

ANEXO 1 – PRIMEIRA VERSÃO DOS CONTOS

A HISTÓRIA DE DOIS IRMÃOS
RECÓRDOS

Na galáxia 35597, no planeta Corix, o governador Plinium estava com um grande problema. Uma guerra havia sido decretada contra ele e seu povo pelo governador Wragam do planeta Trixca, desde que eles roubaram a pedra Gorl desse planeta. A pedra Gorl dá a quem a possui muita riqueza, e o planeta Trixca a mantinha em segurança máxima desde o

18

ano 6049, mas Plinium e seus guerreiros conseguiram vencer todas as barreiras e roubaram a pedra bem debaixo do nariz dos trixcaneses.

O problema é que Wragam se uniu com os outros planetas da galáxia e agora o exército deles estava mais forte do que nunca. Com medo, Plinium decidiu...

CONVOCAR UMA REUNIÃO COM OS OUTROS REIS DE PLANETAS, CHAMADOS

TRÓ WASLEN, E GORDIEM,

TA GORDIAM QUE ERA O NOME DO

REI GORDIEM E OS REIS CHEGARAM

O PLINIUM QUE ELE FOI MUITO

GORI. E COMO PLINIUM SABIA QUE

GOSTAVAM DELE, APROVEITOU E CHAMOU

OS AMIGOS ESCONDIDOS PARA QUE O

CONTRA ELE E DEPOIS VITARAM

SEUS AMIGOS E O TRAIÇÃO, E O NOME

DELE ERA GORDIAM. ELE NÃO BATIA BEM DA CABEÇA E FOI CONTAR

TUDO PARA O REI INIMIGO, E DEPOIS VOLTOU PARA O QUE TINHA DO

APENAS EM SEU PLANETA, MAS PLINIUM E OS OUTROS DESCONFIRMARAM DISEGO

JÁ QUE O OUTRO REI SABIA DE TUDO, APROVEITOU E FOI SE PREPARAR

QUANDO PLINIUM SAÍSSE, ATACAVA E COMO O PLINIUM ESTAVA

DESCONFIADO, FOI OLHAR LÁ FORA E VIU WRAGAM E FOI CORRENDO

CONTAR PARA SEUS AMIGOS E NA HORA, VIU QUE O REI GORDIAM

ESTAVA SAINDO. FORAM PRENDI-LO PARA NÃO CONTAR MAIS. E PLINIUM

APROVEITOU E JOGOU O PRISIONEIRO LÁ PARA FORA E DEIXAR MUITOS

TIROS NELE E ELE MURTEU. NESSE MOMENTO, PLINIUM FOI

FORA FORA. E ATIROU EM TODOS MEMOS NO REI WRAGAM E FALOU:

do que?
quem?

com o nome do planeta?
com o nome do planeta?
com o nome do planeta?
com o nome do planeta?

com o nome do planeta?
com o nome do planeta?
com o nome do planeta?
com o nome do planeta?

Figura 8 – Primeira produção do conto de um(a) aluno(a)

- WRAGAM, ESSA PEDRA PERTENCEU AO MEU PAI. E WRAGAM SE ASSUSTOU POR QUE A PEDRA TAMBEM ERA DE SEU PAI. E ENTÃO WRAGAM FALOU MAS ESSA PEDRA TAMBEM ERA DE MEU PAI. E PLINIUUM SE ASSUSTOU E DESMAIOU E DEPOIS LEVARAM ELE LA PARA MAE DE WRAGAM E DORMIU POR VOLTA DE DUAS HORAS E ACORDOU SENDO ABRACADO POR WRAGAM E ELE FALOU EU SOU SEU IRMAO. E PLINIUUM DEU UM ABRAÇO BEM FORTE EM SEU IRMAO VIVERAM POR MUITOS E MUITOS ANOS FIM

Acabou lá?

? felizes? Unidos? com o pai?

6 tente explicar

FIM



Figura 9 – Continuação da primeira produção do conto de um(a) aluno(a)



23.10.17
D S T Q Q S S

Nome: _____

Título

Parágrafo

Eu ^{quando} fui uma quinta-feira à tarde, no meu trabalho, meu amigo me chamou ^{me} para fazer uma trilha. Eu ^{você} disse ^{que} sim na mesma hora. Ele ^{me} levou em casa, contou para mim a história, ela ficou um pouco feliz, mas logo depois ela ficou com uma cara de ^{brava} tristeza porque minha ^{memória?} mãe também vai, ela perguntou para mim ^{porque} você quer fazer a trilha? Eu respondi: porque sempre gostei de aventuras e etc... Ela deixou eu ir, e como você se sentiu? O que você achou da história? aqui você pode fazer um diálogo usando outra linha e um travessão, ou pode dizer: 'por que eu queria fazer a trilha.'

mas ela ficou brava ainda?
mesma situação.

você está indo bem, mas agora precisa continuar a história. Tente dar mais detalhes. Tome mais cuidado com o uso dos parágrafos e do diálogo. Vamos lá, você consegue!
☺

Figura 10 – Primeira produção do conto de um(a) aluno(a)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
E.E.B. Hilda Teodoro Vieira
Professor regente da turma: Evimarcio Cunha Aguiar
Estagiária-professora responsável pela aula: Jaíni Teixeira
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 6º – Turma 01

Plano das aulas 13 e 14 (27/10 – Sexta-feira – 08:00 – 9:16)

Tema: Análise linguística da 1ª versão do conto.

Objetivo geral:

Reconhecer o papel dos recursos discursivos, expressivos e linguísticos com base na análise das estratégias empregadas no conto popular *O barco negro* (Nicarágua), de Pablo Antonio Cuadra e na 1ª versão dos contos produzidos pelos alunos, tendo em vista a sua reescrita.

Objetivos específicos:

- Compreender o enredo do conto *O barco negro* (Nicarágua), de Pablo Antonio Cuadra, através da leitura jogralizada.
- Identificar os elementos da narrativa (foco narrativo, personagens, tempo-espaço e enredo) no conto popular *O barco negro* (Nicarágua), de Pablo Antonio Cuadra, comparativamente a sua função para compreensão do próprio texto.
- Assumir a posição de leitor do próprio texto, considerando a função social e a forma de composição do conto de modo a adequá-lo às características do gênero.
- Refletir sobre a adequação das marcas do foco narrativo, de tempo-espaço, do diálogo dos personagens, com base na análise da própria produção do conto, tendo em vista a sua reescrita.
- Identificar a adequação da pontuação e das marcas das falas dos personagens na 1ª versão do conto produzido, tendo em vista a sua reescrita.
- Demonstrar capacidade de compreensão e síntese no relato oral dos fatos narrados no conto popular *O barco negro* (Nicarágua), de Pablo Antonio Cuadra, mantendo a coerência da narrativa.

Conteúdo:

- Leitura jogralizada do conto popular *O barco negro* (Nicarágua), de Pablo Antonio Cuadra
- Análise linguística e discursiva do conto popular *O barco negro* (Nicarágua) e da 1ª versão do conto produzido pelos alunos.
- Elementos da narrativa: enredo, foco narrativo, tempo-espaço, personagens.
- Marcas linguísticas do foco narrativo, tempo-espaço, de diálogo das personagens, de caracterização de personagens e espaço.

Metodologia:

- Registro do tema da aula no quadro.

- Realização da chamada feita pela estagiária-professora não responsável pela aula.
- Entrega de uma cópia do conto popular *O barco negro* (Nicarágua), de Pablo Antonio Cuadra (Anexo 1) a cada aluno. Em seguida, a estagiária-professora responsável solicitará alunos voluntários para leitura das falas das personagens, enquanto a estagiária-professora fará o narrador. Concluída a leitura, a estagiária-professora mediará uma discussão sobre o conto lido, motivando os alunos a contarem o que entenderam e que elementos do texto contribuíram para essa compreensão.
- Na sequência, serão destacados aspectos relativos à estrutura da narrativa, com base em exemplos do conto *O barco negro*, como introdução para a análise das questões linguísticas e textuais que se manifestaram problemáticas na produção da 1ª versão do conto realizada pelos alunos no dia 27/10.
- Em seguida, com o auxílio do projetor multimídia, a estagiária-professora responsável pela aula retomará e explicará, com o auxílio de *slides* (Anexo 2), essas questões por meio de exemplos dos contos dos próprios alunos, tendo em vista o seu aprimoramento na reescrita a ser realizada na aula seguinte.
- A estagiária-professora entregará esquemas com os conceitos aprendidos ao longo do estágio (Anexo 3) para que encontrem no conto *O barco negro* (Nicarágua), de Pablo Antonio Cuadra os elementos que sirvam de exemplo para aquele conceito.
- Verificação da realização das atividades por parte dos alunos e correção da atividade no quadro com mediação da estagiária-professora responsável pela aula.
- Caso haja tempo, a estagiária-professora proporá uma atividade comparativa entre o conto *O barco negro* e dois contos dos alunos que serão trazidos em um slide digitados pelas estagiárias-professoras. A intenção da atividade é permitir que os alunos identifiquem quais ações que eles fizeram diferentes e similares às que foram feitas por Pablo Antonio Cuadra.

Recursos didáticos:

- Conto *O barco negro* (Nicarágua), de Pablo Antonio Cuadra impresso (21 cópias).
- Lousa.
- Caneta esferográfica para lousa.
- Projetor multimídia.
- Notebook.
- Contos produzidos pelos alunos (21 folhas)
- Conceitos sistematizados (21 cópias)

Avaliação: Serão avaliadas: a atenção durante a leitura do conto popular *O barco negro* (Nicarágua), pela postura de escuta atenta e ativa; a participação oral na discussão após a leitura. Também serão avaliadas: a atenção durante a apresentação e explicação dos *slides*, pela postura de escuta atenta e ativa; a apropriação dos conceitos ensinados por meio do reconhecimento da inadequação dos conceitos na produção e na aplicação da forma adequada na reescrita.

Referências:

ANTUNES, Irandé. Redimensionando a avaliação. In: *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p.155-166.

BAKHTIN, M. [Volochínov]. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. p. 171-193.

CUADRA, P. A. de. O barco negro (Nicarágua). In: VÁRIOS AUTORES. *Contos de assombração*. 3ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1993, p. 86-89.

GERALDI, J. W. *Ancoragens: estudos bakhtinianos*. São Carlos/SP: Pedro e João, 2010.

GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MIOTELLO, V. *O discurso da ética e a ética do discurso*. 2011. Disponível em: <https://dspace.almg.gov.br/bitstream/11037/1276/3/0001276.pdf>. Acesso em: 30.09.2017.

STREET, B. *Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento*. Teleconferência Brasil sobre o letramento, outubro de 2003.

TODOROV, T. *A literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira. 5. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2014.

Anexos:

ANEXO 1 - CONTO POPULAR *O BARCO NEGRO* (NICARÁGUA)

E.E.B. Hilda Teodoro Vieira

Professor regente da turma: Evimárcio Cunha Aguiar

Estagiárias-professoras: Grazielle Nack e Jaíni Teixeira

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 6º – Turma 01

Nome do(a) aluno(a): _____

O barco negro (Nicarágua)

Autor: Pablo Antonio Cuadra

Contam que há muito tempo, mas muito tempo atrás, uma lancha estava cruzando de Granada a São Carlos e, quando contornava a ilha Redonda, recebeu sinais de socorro feitos com um lençol. Então dirigiu-se para lá.

Ao desembarcarem, os tripulantes ouviram apenas lamentos de dor. As duas famílias que viviam na ilha, desde os velhos até as crianças, estavam morrendo envenenadas. Havia comido uma rês que morrera da picada de uma cobra venenosa.

– Levem-nos para Granada, pelo amor de Deus! – suplicaram.

– E quem paga a viagem? – perguntou o capitão.

– Não temos nem um centavo – responderam os envenenados –, mas pagamos com lenha, com bananas.

– E quem vai cortar a lenha? Quem vai colher as bananas? – indagaram os marinheiros.

– Estou levando uma vara de porcos a Los Chiles e, se não ficar atento, os animais poderão morrer sufocados – lembrou o capitão.

– Mas nós somos gente – argumentaram os moribundos.

– Nós também – replicaram os barqueiros –, e ganhamos a vida com isso.

– Mas, meu Deus! – gritou então o mais velho morador da ilha. – Não vêem que se nos deixarem aqui, nos entregarão à morte?

– Lamento, mas tempos compromissos – ponderou o capitão. E voltou ao barco com os marinheiros, sem sentir a menor pena daquela gente, nem mesmo vendo como os coitados se contorciam.

E lá ficaram eles. Mas uma velhinha levantou-se imediatamente do catre e, gritando o mais que pôde, lançou-lhes uma maldição:

– Feche-se o lago para eles, assim como nos fecharam o seu coração!

A lancha partiu, afastou-se pelas altas águas do lago a caminho de São Carlos e, desde então, se perdeu. Assim contam. Nunca mais avistaram terra. Não podem ver as montanhas nem as estrelas. Há anos, dizem, séculos que estão perdidos. O barco já está negro, as velas podres e o cordame arreventado.

Muita gente do lago os tem visto. Topam nas altas águas com o barco negro, e os marinheiros, barbudos e esfarrapados, gritam:

– Onde fica São Jorge?

– Onde fica Granada?

... Mas o vento os leva e não conseguem avistar a terra. Foram amaldiçoados.

ANEXO 2 - SLIDES

ESCREVENDO UM CONTO ...

Diálogo

- As falas das personagens podem aparecer de formas diferentes. Duas dessas formas são:

Discurso direto
Discurso indireto

Diálogo

- Discurso direto: É o registro integral da fala do personagem, do modo como ele a diz. Isso equivale a afirmar que o personagem fala diretamente, sem a interferência do narrador, que se limita a introduzi-la.
- Discurso indireto: É o registro indireto da fala do personagem através do narrador.

Diálogo (discurso direto)

Exemplo:

Milena falou — vou por que, por nada só para saber.

Milena falou:

— Vou, por quê?
— Por nada, só para saber.

Ou ainda:

— Por nada, só para saber — disse a amiga de Milena

Diálogo (discurso direto)

Exemplo:

— Ah! Eu tenho coragem para entrar, o meu tio entrou e está vivo até hoje. Disse Marina, se achando a corajosa.

— Ah, mas seu tio perdeu um braço e falou que nunca mais entraria nessa casa. Disse Sofia, juntando as pedras da rua.

— Ah! Eu tenho coragem para entrar, o meu tio entrou e está vivo até hoje. — disse Marina, se achando a corajosa.

— Ah, mas seu tio perdeu um braço e falou que nunca mais entraria nessa casa. — disse Sofia, juntando as pedras da rua.

Diálogo (discurso direto ou indireto)

Exemplo:

Ela perguntou para mim porque você quer fazer a trilha?, eu respondi porque sempre gostei de aventuras.

Ela perguntou:

— Por que você quer fazer a trilha?
— Porque eu sempre gostei de aventuras — respondi.

Ela perguntou para mim por que eu queria fazer a trilha e eu respondi que era porque sempre gostei de aventuras.

Diálogo (discurso indireto)

Exemplo:

Meu pai falou, filho, não faz barulho e vamos para casa. Pai, eu pisei no galho e fiz barulho e o urso acordou.

Meu pai falou para eu não fazer barulho e irmos para casa. Então eu disse para ele que pisei em um galho e fiz barulho e que o urso acordou.

Separação silábica

- Ao mudar de linha, **devemos dividir as palavras** quebrando a palavra em uma das sílabas e colocando na primeira linha um hífen, e **escrever o final da palavra** na linha seguinte:

Exemplo:

Eu estava caminhando na praça XV de novembro **so-**
zinho, quando...

A cidade de Florianópolis estava agitada, havia **car-**
ros por todos os lados...

Coesão e coerência

- Sempre que escrevemos, temos um leitor, nem que sejamos nós mesmos. Por isso, precisamos tomar alguns cuidados com a nossa escrita, para que fique compreensível.
- Cuidados ao escrever:
 - Desenvolver o início, meio e fim da história.
 - Não trocar de narrador ao longo da história.
 - Não trocar o tempo da história.
 - As repetições.

☺ / ☺ / ☺

Coesão e coerência

- Exemplo de início, meio e fim:

Malu era uma menina previsível, sem graça até. Nunca deu grandes surpresas aos pais. Mas, nesse dia, **ela seria o maior vendaval** na pequena cidade onde morava. Mal sabiam todos que ela era cheia de aventuras.

☺ / ☺ / ☺

Coesão e coerência

- Exemplo de narrador:
... eu levantei da cama para buscar um pouco de água ... mas a menina não sabia que era um lobo. Na hora que ela foi tomar água, ela viu o bicho muito feio...

... a menina levantou da cama para buscar um pouco de água... mas a menina não sabia que era um lobo. Na hora em que ela foi tomar água, viu um bicho muito feio...

☺ / ☺ / ☺

Coesão e coerência

- Exemplo de tempo:
Tudo **começa** em uma noite escura e sombria. **Estava** muito quieta, a rua, mas de repente **aparece** um grupo de meninas e meninos ...

Tudo **começou** em uma noite escura e sombria. **Estava** muito quieta a rua, mas, de repente, **apareceu** um grupo de meninas e meninos...

☺ / ☺ / ☺

Coesão e coerência

- Exemplo de repetição:
 - E o **caçador** viu o bicho e o **caçador** matou o bicho.
 - O **caçador** viu o bicho e **o** matou.
 - **O menino** ficou sozinho com medo e o Curupira apareceu e **o menino** se assustou.
 - **O menino** ficou sozinho, com medo e, **de repente**, o Curupira apareceu, **deixando o ajudante do caçador ainda mais assustado**.

☺ / ☺ / ☺

Concordância

Quando alguém está contando uma história e ele fala dele mesmo e de um grupo, o melhor é usar o pronome

NÓS (1ª pessoa do plural).

Assim, os verbos vão aparecer como:

nós fal**amos**; nós faz**emos**; nós beb**emos**.

☺ / ☺ / ☺

Quando alguém está contando uma história e ele fala apenas de um grupo, o melhor é usar o pronome

ELES (3ª pessoa do plural).

No passado, os verbos vão aparecer como: eles fal**aram**; eles fiz**eram**; eles beber**am**.

No presente, os verbos vão aparecer como: eles fal**am**; eles faz**em**; eles beb**em**.

No futuro, eles vão aparecer como: eles fal**arão**; eles far**ão**; eles beber**ão**.

☺ / ☺ / ☺

Concordância

Exemplos:

O Gabriel teve a ideia de entrar na casa. Todos **concordou**, menos uma.

O Gabriel teve a ideia de entrar na casa. Todos concordaram, menos uma.

Eu e meu pai descemos da árvore, **a gente disse** obrigado e **fomos** embora.

Eu e meu pai **descemos** da árvore, **dissemos** obrigado e **fomos** embora.

☺ / ☺ / ☺

ANEXO 3 - CONCEITO SISTEMATIZADO

VERBOS

Quando alguém está contando uma história e ele fala dele mesmo e de um grupo, o melhor é usar o pronome **NÓS** (1ª pessoa do plural).

Assim, os verbos vão aparecer como: nós falamos; nós fazemos; nós bebemos.

Quando alguém está contando uma história e ele fala apenas de um grupo, o melhor é usar o pronome **ELES** (3ª pessoa do plural).

No passado, os verbos vão aparecer como: eles falaram; eles fizeram; eles beberam.

No presente, os verbos vão aparecer como: eles falam; eles fazem; eles bebem.

No futuro, eles vão aparecer como: eles falarão; eles farão; eles beberão.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
E.E.B. Hilda Teodoro Vieira
Professor regente da turma: Evimarcio Cunha Aguiar
Estagiária-professora responsável pela aula: Jaíni Teixeira
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 6º – Turma 01

Plano das aulas 15 e 16 (30/10 – Segunda-feira – 08:00 – 09:30)

Tema: Reescrita da 1ª versão do conto.

Objetivo geral:

Reescrever a 1ª versão do conto, com base nas indicações das estagiárias-professoras, tendo em vista a adequação ao gênero e às normas da escrita formal da Língua Portuguesa.

Objetivos específicos:

- Desenvolver a criatividade e a imaginação na reescrita da 1ª versão do conto, considerando as indicações das estagiárias professoras.
- Caracterizar cenários e personagens, de modo a situar o leitor no tempo-espaço e nas ações que se desenvolvem na história na reescrita da 1ª versão do conto.
- Empregar adequadamente marcas linguísticas que identifiquem o foco narrativo, assim como de tempo-espaço na reescrita da 1ª versão do conto.
- Fazer uso adequado da pontuação e do travessão para marcar as falas das personagens nos diálogos na reescrita da 1ª versão do conto.

Conteúdo:

- Reescrita da 1ª versão do conto
- Elementos da narrativa: tempo, espaço, personagens, enredo, narrador
- Emprego adequado das marcas linguísticas do foco narrativo (pronomes e verbos de 1ª e 3ª pessoas) e de tempo-espaço
- Pontuação e uso do travessão para marcar as falas das personagens

Metodologia:

- Registro do tema da aula no quadro.
- Realização da chamada feita pela estagiária-professora não responsável pela aula.
- Organização da turma para a reescrita da 1ª versão do conto. Para isso, a estagiária-professora responsável devolverá as produções dos alunos com as anotações para o aprimoramento do texto e entregará uma nova folha de fichário para que eles façam a atividade de reescrita da produção textual.
- Antes que eles comecem a escrever, a estagiária-professora responsável fará uma breve revisão do que foi trabalhado na aula anterior, chamando a atenção para os aspectos que mais necessitam de atenção dos alunos na reescrita.
- Os alunos terão o restante da aula para produção da versão final do conto, a ser realizada em sala de aula, de modo individual e valendo nota. As estagiárias-

professoras atenderão os alunos em suas carteiras para auxiliá-los em suas dúvidas.

- Caso haja alunos que terminem antes do tempo, a estagiária-professora responsável pela aula encaminhará estes para a biblioteca para leitura-fruição de contos com mediação da estagiária-professora não responsável pela aula.

Recursos didáticos:

- Lousa
- Caneta esferográfica para lousa
- Pastinhas decoradas dos alunos. (21 pastas)
- 1ª versão do conto. (21 folhas)
- Folha de fichário para reescrita do conto. (21 folhas)
- Canetas para emprestar.

Avaliação: Será avaliada: a escrita da versão final do conto, considerando se o texto produzido atende aos aspectos próprios do gênero conto, em relação à função social e estrutura narrativa, através da presença dos elementos da narrativa (foco narrativo, personagem, tempo-espaco, enredo) e, também, se o texto está adequado às normas da escrita formal da Língua Portuguesa, considerando o aprimoramento da 2ª versão em relação à 1ª versão.

Referências:

ANTUNES, Irandé. Redimensionando a avaliação. In: *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p.155-166.

BAKHTIN, M. [Volochínov]. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. p. 171-193.

GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

STREET, B. *Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento*. Teleconferência Brasil sobre o letramento, outubro de 2003.

TODOROV, T. *A literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira. 5. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
E.E.B. Hilda Teodoro Vieira
Professor regente da turma: Evimarcio Cunha Aguiar
Estagiária-professora responsável pela aula: Jaíni Teixeira
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 6º – Turma 01

Plano das aulas 17 e 18 (03/11 – Sexta-feira – 08:00 – 9:16)

Tema: Produção dos cartazes e contação de contos de assombração.

Objetivos gerais:

Desenvolver a criatividade por meio da criação de ilustrações para seus contos e da apresentação em cartazes. Ampliar o repertório literário e cultural pela leitura silenciosa e contação de contos de assombração.

Objetivos específicos:

- Produzir cartazes para exposição dos próprios contos, articulando diferentes formas de narrar por meio da ilustração e narrativa escrita.
- Expressar-se com clareza, coerência e fluência na contação de contos de assombração, considerando os elementos próprios da narrativa.
- Atribuir sentido a uma história a partir da escuta atenta dos contos de assombração contados pela estagiária-professora e pelos colegas.

Conteúdo:

- Produção de ilustrações para os contos escritos.
- Leitura de contos de assombração.
- Expressividade, clareza, coerência e fluência na contação de contos assombração.

Metodologia:

- Registro do tema da aula no quadro.
- Realização da chamada feita pela estagiária-professora não responsável pela aula.
- A estagiária-professora responsável explicará aos alunos que eles deverão fazer um cartaz, no qual será colado o conto de cada um deles, que foi digitado e impresso pelas estagiárias-professoras. Nesse cartaz, eles deverão fazer desenhos, ou colar imagens, recortes, o que eles desejarem que esteja relacionado com o conto que eles produziram, para que em outro momento esses cartazes sejam colados pela escola. Eles serão avisados de que só têm uma aula para essa produção. Ao final da aula, deverão entregar os cartazes para que as professoras possam guardá-los e trazê-los na próxima aula.
- Na segunda aula, os alunos se encaminharão para a biblioteca para realização da aula de leitura. Eles terão um tempo para lerem, cada um, um conto de assombração. Em seguida, a estagiária-professora responsável iniciará o

momento das contações com ela mesma contando um conto de assombração. Depois será feito um sorteio que definirá quais alunos contarão os contos que leram. Se for possível, todos deverão participar da contação contando um conto, mas se, por conta do tempo isso não for possível, os alunos estarão participando e sendo avaliados pela escuta atenta ao colega. A estagiária-professora responsável deverá anotar quais alunos participaram e como foi seu desempenho.

Recursos didáticos:

- Cartazes em branco.
- Contos de cada aluno digitados pelas professoras impressos. (21 folhas)
- Revistas para recorte.
- Lápis e canetas multicores.
- Lousa.
- Caneta esferográfica para lousa.
- Contos de assombração impressos para aula de leitura.
- Livros de contos de assombração para aula de leitura.

Avaliação: serão avaliadas a dedicação, o comprometimento e a criatividade dos alunos na criação dos cartazes; a coerência dos desenhos com os seus respectivos contos; a participação na contação dos contos, considerando a expressividade, clareza e fluência na apresentação oral do conto; a escuta atenta ao colega e à estagiária-professora; a compreensão dos elementos que constituem o gênero conto por fazer uso deles, mesmo que indiretamente, na contação do conto.

Referências:

BAKHTIN, M. [Volochínov]. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. p. 171-193.

GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

STREET, B. *Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento*. Teleconferência Brasil sobre o letramento, outubro de 2003.

TODOROV, T. *A literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira. 5. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2014.

VAL, M. da G. C. *Redação e Textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
E.E.B. Hilda Teodoro Vieira
Professor regente da turma: Evimarcio Cunha Aguiar
Estagiária-professora responsável pela aula: Grazielle Nack
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 6º – Turma 01

Plano das aulas 19 e 20 (06/11 – Segunda-feira – 08:00 – 09:30)

Tema: Socialização de contos e encerramento do estágio de docência.

Objetivo geral:

Desenvolver a expressão oral em situações de fala pública a partir da contação do próprio conto aos colegas.

Objetivos específicos:

- Expressar-se com fluência, entonação e ritmo através da leitura oral do próprio conto.
- Promover a troca de experiências com os colegas de turma e com a escola, pela exposição dos cartazes nos corredores da escola.
- Disseminar a contação de contos populares no ambiente escolar, pela apresentação dos contos às estagiárias-professoras e aos colegas.
- Respeitar o outro e o trabalho do outro, pela escuta atenta e ativa dos contos a serem lidos.

Conteúdo:

- Resgate da tradição oral de contação de contos.
- Expressividade, fluência, entonação, ritmo na apresentação oral do conto.
- Respeito ao outro e ao trabalho do outro.
- Conclusão e retomada de aprendizagens em sala de aula.

Metodologia:

- A estagiária-professora responsável pedirá que os alunos organizem suas carteiras em um círculo e em seguida entregará para cada aluno seu cartaz para que seja realizada a socialização dos cartazes e a socialização oral dos contos produzidos por eles, sendo pedido para que cada aluno, caso desejar, leia o seu conto para os colegas ou apenas apresente o cartaz (dependendo do número de alunos e do tamanho de seus contos, todos deverão ler suas produções).
- A estagiária-professora, não responsável pela aula, dará aos alunos fitas adesivas para poderem colar os cartazes na parede da escola, enquanto isso, um aluno por vez que já colocou a fita adesiva em seu cartaz, juntamente com a estagiária-professora responsável pela aula, irá colar o cartaz numa parede da escola.
- Será feita a premiação da gincana, sendo que o(a) aluno(a) que fizer mais pontos receberá um presente específico e todos os outros também ganharão um presente, que será igual para todos, por terem participado. Será feita, também, a reflexão sobre a experiência vivenciada durante o estágio de docência, sendo

permitido que não somente as duas estagiárias-professoras se expressem, como também os alunos.

- A estagiária-professora responsável fará uma breve revisão do que foi aprendido no bimestre e entregará para os alunos as pastinhas que têm sido guardadas pelas estagiárias-professoras, e agora pertencerão aos alunos, com todas as atividades deles, incluindo uma carta de agradecimento (Anexo 1). As estagiárias-professoras lerão a carta com eles e será feito o encerramento do estágio.

Recursos didáticos:

- Cartazes produzidos pelos alunos.
- Fita adesiva.
- Medalha (de papel brilhante para colar no peito). Todos ganharão a medalha, pois todos terão sido vencedores por conseguirem alcançar o objetivo que é escrever um conto. (21 medalhas)
- Prêmios (21 prêmios).
- Prêmio especial (pode ser 1 ou mais).
- Pastinhas decoradas dos alunos com todas suas atividades (21 pastas).
- Carta de agradecimento das estagiárias-professoras (21 cópias).

Avaliação: Serão avaliadas: a participação dos alunos na atividade de contação, pela escuta atenta e ativa na apresentação dos textos e cartazes dos colegas e pela disponibilidade de apresentação do próprio texto; a expressividade, entonação, fluência, ritmo na socialização oral das produções elaboradas pelos próprios alunos e o respeito aos colegas. A média final do bimestre será composta por: nota do reconto do curta-metragem que valerá 10 (levando em conta a reescrita); nota do conto produzido pelos alunos que valerá 10 (levando em conta a reescrita) e a nota da gincana, que será avaliada pelo cumprimento de todas as regras e pelo preenchimento e adequação das respostas na tabela STOP, totalizando três atividades avaliativas com peso 10.

Referências:

ANTUNES, Irandé. Redimensionando a avaliação. In: *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p.155-166.

BAKHTIN, M. [Volochninov]. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. p. 171-193.

GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

STREET, B. *Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento*. Teleconferência Brasil sobre o letramento, outubro de 2003.

TODOROV, T. *A literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira. 5. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2014.

Anexos:

ANEXO 1 - CARTA DE AGRADECIMENTO DAS ESTAGIÁRIAS-PROFESSORAS

Queridas alunas e queridos alunos,

Hoje é nosso último dia de aula com a turma de vocês. Durante nossas aulas, aprendemos e ensinamos muitas coisas. Tínhamos o objetivo de ensiná-los sobre o gênero conto e que grande surpresa foi descobrir em vocês contadores de histórias tão talentosos.

Durante nossas aulas, fizemos leitura-fruição e leitura-estudo de contos. Também fizemos atividades de interpretação e atividades sobre os elementos da narrativa. Vocês produziram não apenas um, mas dois contos, e tiveram duas aulas de análise linguística com base nos trechos retirados das produções escritas por vocês.

Esperamos ter contribuído de alguma forma com cada um de vocês. Agradecemos a oportunidade e o acolhimento e gostaríamos de dizer que foi um prazer fazer estágio na turma do sexto ano 1.

Para a turma mais fofa e elétrica do Hilda Teodoro Vieira, nosso muito obrigada! Nossa experiência em sala de aula só foi possível graças a vocês.

Grazi e Jaíni

2.3 ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA¹

2.3.1 Relatos das aulas

Aula 01 e 02 – Segunda-feira (02/10/17) – Estagiária responsável: Grazielle Nack

Chegamos na sala acompanhadas da professora-orientadora e do professor-regente da turma. Os alunos estavam atentos ao que os professores tinham a dizer. Enquanto isso, a estagiária-professora não-responsável pela aula anotou no quadro qual era o conteúdo daquela aula, tendo escrito frases curtas apenas explicando que seria exposto aos alunos o projeto desenvolvido pelas estagiárias-professoras e, em seguida, seria lembrado o conteúdo que estavam vendo com o professor regente da disciplina, sendo este os elementos da narrativa, e, depois, seria feita uma atividade com a tabela STOP. O objetivo da anotação era de que os alunos estivessem conscientes de qual era o cronograma daquela aula. Quando os dois professores terminaram de explicar para os alunos sobre o estágio, se sentaram ao fundo da sala e a estagiária-professora responsável pela aula começou a apresentar o projeto de estágio para os alunos, lendo o texto de apresentação do projeto de docência.

Em seguida, foi entregue aos alunos o texto que foi lido e a tabela com as explicações da pontuação da gincana, que foi uma estratégia criada pelas estagiárias-professoras de estimular os alunos a realizar as atividades propostas, tendo cada atividade proposta uma pontuação e aquele que cumprisse todas as atividades não apenas teria uma nota 10 para somar as outras notas do bimestre, como também receberia um prêmio, que apenas no último dia eles descobriram ser um livro.

A estagiária-professora não responsável perguntou aos alunos quem trouxe o livro didático, tendo sido oito alunos e, por essa razão, ela foi até a biblioteca buscar mais livros. Ao receber a folha da tabela, um aluno percebeu que cometemos um erro de soma nos pontos da tabela, sendo que estava escrito era que o total de atividades cumpridas totalizaria 1000 pontos, enquanto que na verdade totalizaria 1100. A estagiária-professora responsável pela aula reorganizou a pontuação e assumiu o erro, mas concluiu que então a gincana valeria 1100 pontos.

¹ Como nossas aulas, apesar de ministradas pela estagiária-professora responsável pela aula, tiveram participação ativa das duas estagiárias ao longo de toda a prática e as ações se deram em dupla, decidimos descrever os relatos na 2ª pessoa do plural, optando pela 3ª pessoa do singular quando a ação descrita tivesse envolvimento de apenas uma das duas estagiárias-professoras.

Então foi entregue, para cada um deles, as pastinhas que serviram para eles colocarem suas atividades. Os alunos se mostraram bem surpresos e felizes com a capa criada pelas estagiárias-professoras. A estagiária-professora responsável pela aula explicou que eles deveriam pesquisar em casa para contar na próxima aula a história a que se referia a ilustração na pastinha de cada um. Eles se mostram muito animados com a ideia.

Quando a estagiária-professora responsável pela pediu que eles abrissem os livros na página da fábula ‘Quem tem razão? A Lebre ou o Leão?’ que o professor regente da disciplina estava trabalhando com eles, muitos alunos reclamaram, diante disso explicamos que agora seria uma atividade um pouco diferente. Então a estagiária-professora responsável começou a ler a fábula e os alunos prestaram bastante atenção, inclusive fazendo comentários durante a leitura, poucos foram os que se distraíram. Fizemos perguntas para eles sobre alguns aspectos da história, o que eles conseguiram entender, se eles sabiam identificar como a fala da lebre estava marcada e como a personagem é retomada sem que se use o ‘nome’ dela. Os alunos mostraram saber identificar apesar de não saberem como se chamam esses recursos da língua, então a estagiária-professora responsável esclareceu sobre a importância do uso do travessão em um diálogo escrito, fazendo uso da lousa para escrever exemplos pedindo para que os alunos contribuíssem com esses exemplos.

A estagiária-professora responsável pela aula perguntou se eles entenderam o final da fábula ‘Quem tem razão? A Lebre ou o Leão?’ quando mencionada outra fábula, ‘A Lebre e a Tartaruga’, sendo que eles não se mostraram muito certos sobre a relação delas. Por essa razão, ela fez um resumo dessa fábula e mostrou que pela fala do leão no fim da história é possível ver a relação das histórias. Os alunos entraram numa discussão se perguntando por que mesmo que o leão é considerado o rei da floresta. Em seguida, foi entregue a tabela STOP para que eles preenchessem juntamente com as estagiárias-professoras. A tabela STOP foi uma atividade pensada pelas estagiárias-professoras para tornar o processo de leitura e compreensão dos elementos da narrativa mais lúdicos, buscando com isso levar os alunos a compreenderem os conteúdos e desenvolverem gosto pela leitura. Para o jogo, as regras se aproximavam das regras do jogo STOP, tendo eles que preencher cada item o mais rápido possível.

Alguns alunos não entenderam exatamente o que era para fazer com a tabela e reclamaram bastante de ter que preencher afirmando não saber como fazer. Explicamos que iríamos resolver cada ponto da tabela com toda a turma e que eles precisavam ser pacientes. Antes que começassem a preencher a tabela, pedimos que eles anotassem o planejamento daquela aula que estava descrito no quadro, sendo passado de mesa em mesa para verificar se eles anotaram. Em seguida, passamos a resolver a tabela todos juntos. Os alunos participam indicando as respostas que eles sabiam, muitos participam quando eram perguntados sobre quais os personagens da história

Depois de resolvidas todas as questões, as estagiárias-professoras passaram de mesa em mesa verificando quem anotou as respostas. A estagiária-professora responsável pela aula recolheu as tabelas de todos os alunos e as pastinhas daqueles que não desejavam levar para casa. Um aluno fez as anotações nos espaços errados ocupando toda a tabela, então a estagiária-professora não responsável pela sentou com ele e o ajudou a apagar com corretivo e escrever novamente as respostas.

Aula 03 e 04 – Sexta-feira (06/10/17) – Estagiária responsável: Grazielle Nack

A estagiária-professora responsável pela aula anotou no quadro o conteúdo da aula, enquanto a estagiária-professora não responsável montava o projetor multimídia juntamente com a professora orientadora do estágio. Os alunos interagem à medida que descobriam o que iríamos passar. A estagiária-professora responsável perguntou quem havia feito a tarefa de casa que era pesquisar a história das imagens que ilustravam suas pastinhas, ao que alguns alunos se manifestaram que não haviam pesquisado, mas sabiam a história, logo a estagiária-professora responsável pela aula pediu que contassem. Um aluno contou a história da Mula sem cabeça e outra aluna contou a história da Branca de Neve, história essa que era da pastinha de outra aluna, que não quis contar por timidez, mas acabou participando da contação. Alguns alunos conversavam enquanto elas contavam, fazendo comentários sobre a história, tendo a participação também da estagiária-professora responsável pela aula, que fez comentários para complementar a contação.

Terminada a contação, todos se dirigiram para a sala de vídeo, sem esperar pelos professores para acompanhá-los. Quando todos estavam já acomodados em seus lugares, a estagiária-professora responsável explicou a diferença entre um curta e um longa-metragem e demos, então, início ao vídeo. Eles não conversaram alto durante a

apresentação, de modo que não precisamos chamar atenção de ninguém.

Quando o curta-metragem acabou, os alunos foram se manifestando sobre o que viram, comentando que queriam assistir mais, ou perguntando a razão de o Curupira ser representado de modo tão assustador. A estagiária-professora responsável fez algumas perguntas de interpretação, as quais eles responderam, muito participativos, sendo que a estagiária-professora responsável teve que mediar as falas para que todos tivessem a chance de participar. Em seguida, voltamos para a sala de aula e comentamos com eles qual seria o próximo passo: escrever uma história. Eles não mostraram muita resistência. Entregamos a proposta da atividade, que foi lida pela estagiária-professora responsável pela aula, e depois entregamos folhas de fichário para que eles pudessem escrever suas produções, mesmo assim alguns alunos preferiram escrever em seus próprios cadernos. Eles começaram a escrever e, como eles diziam não saber como começar um conto, demos sugestões.

Um aluno não demonstrou interesse em fazer a tarefa, mesmo depois de todos os quatro professores terem ido conversar com ele. Enquanto os alunos escreviam, os quatro professores passavam nas mesas ajudando-os e respondendo questões mais simples como dúvidas de ortografia. Outro aluno, apesar de ter se esforçado para fazer o reconto, foi o que mais mostrou dificuldade, mesmo recebendo ajuda de um colega.

Assim que foram terminando, os alunos começaram a se agitar, então, entregamos a fábula *A coruja e a águia*, de Monteiro Lobato, para eles lerem e completarem a tabela *stop*. Por fim, o sinal bateu e alguns alunos não terminaram a tempo a produção do reconto. Também, ninguém conseguiu preencher a tabela *stop*, mas alguns conseguiram terminar de ler a fábula.

Aula 05 e 06 – Segunda-feira (09/10/17) – Estagiária responsável: Grazielle Nack

Quando a aula iniciou, o projetor multimídia já estava conectado e tudo organizado, já que tínhamos, juntamente com a professora orientadora do estágio, chegado mais cedo. Assim, a estagiária-professora responsável pela aula iniciou explicando o que seria visto naquela aula e em seguida começou a apresentação do conteúdo com o auxílio dos slides.

A maior parte dos alunos se mostrou bastante participativa e atenta à explicação, sendo que apenas alguns deles estavam distraídos, cansados, desenhando ou

conversando, mas, conforme fomos chamando a atenção deles, a aula ocorreu muito bem. Como a explicação envolvia exemplos das produções deles que não estavam adequadas, a estagiária-professora responsável pedia para que os alunos dessem sugestões de como eles achavam que era a forma correta, já que agora eles haviam escutado a explicação do assunto, sendo que eles foram bem nas respostas, mas um ponto negativo foi que os alunos que participaram na aula eram sempre os mesmos.

Toda a explicação de conteúdo durou uma aula e um pouco da segunda. Em seguida, passamos novamente, dessa vez na sala de aula deles, o curta-metragem *O Curupira*, para que eles pudessem lembrar a história para a reescrita e também para que aqueles que faltaram na aula anterior tivessem a oportunidade de fazer a atividade. Apesar de ser algo que eles já tinham assistido, eles se mostraram bastante atentos, fazendo alguns comentários no final.

Assistido o curta-metragem, os alunos foram orientados a reescreverem seus recontos, corrigindo aquilo que era pedido, sempre lembrando das explicações realizadas no 1º momento da aula e também das anotações feitas pelas estagiárias-professoras na 1ª versão do texto que, muitas vezes, sugeria mudanças referentes a detalhamento do que estava acontecendo, caracterização da personagem ou da cena, algo que para eles se mostrou, em alguns casos, um pouco difícil. Durante a reescrita, os quatro professores estiveram atentos a eles, ajudando no que eles tinham dificuldades.

Aula 07 e 08 – Segunda-feira (16/10/17) – Estagiária responsável: Grazielle Nack

A estagiária-professora responsável começou a aula explicando que as próximas aulas deles seriam ministradas pela outra estagiária-professora, indicou também que na próxima aula seriam entregues os recontos deles corrigidos. Em seguida, a estagiária-professora responsável pela aula conversou um pouco com eles sobre a figura do Curupira e como ele pode ser descrito de modos diferentes e que naquele dia eles conheceriam outra forma de representar esse personagem. Nesse momento, os alunos se agitaram um pouco pensando que assistiriam a outro vídeo, mas logo a estagiária-professora responsável deixou claro que se tratava de um conto, tendo ela pedido que eles sentassem em duplas para realizar a leitura.

Depois de organizada a sala foi distribuído o conto para que eles lessem. Alguns alunos logo leram junto com a dupla, dando espaço para que a leitura fosse realizada ao

mesmo tempo, enquanto em alguns casos um integrante leu primeiro e depois deu a folha para o outro ler. A estagiária-professora responsável pela aula começou uma discussão sobre o conto lido, tendo os alunos participado pouco, estando todos bem agitados, naquele dia. Entregamos para eles uma atividade sobre o conto que também deveria ser realizada em dupla e entregue naquela aula valendo nota.

De modo geral, eles fizeram a atividade, mesmo que com muita conversa, o que fez com que tivéssemos de chamar a atenção deles várias vezes, até mesmo separando algumas duplas. Próximo ao fim da sala, a estagiária-professora responsável fez uma correção breve e oral das questões.

Aula 09 e 10 – Sexta-feira (20/10/17) – Estagiária responsável: Jaíni Teixeira

A aula foi programada para ser a primeira parte dedicada ao planejamento da 1ª versã dos contos a ser produzida na aula seguinte. Para tanto os alunos, selecionariam o tema, os personagens, entre outras características da narrativa, já estudadas em aulas anteriores, e a segunda parte seria leitura-fruição de contos na biblioteca com o jogo *stop*. Porém, ao prepararmos a aula, decidimos inverter a ordem, fazendo a aula de leitura na primeira parte, e na segunda, o planejamento dos elementos que constituiriam o conto a ser produzido pelos alunos.

No início da aula, a estagiária-professora não responsável pela aula registrou o conteúdo da aula no quadro enquanto a estagiária-professora responsável pela aula explicava o plano de aula do dia. Nesse dia, muitos alunos faltaram, e os alunos presentes se mostraram muito agitados. Eles receberam as tabelas *stop* e foram direcionados à biblioteca. Chegando lá, a estagiária-professora responsável pela aula espalhou pelas mesas contos impressos e livros de contos e explicou que cada um deveria escolher um conto para ler e, após a leitura, seria feito o preenchimento da tabela *stop* valendo pontos para a gincana. Ela explicou, também, como fazer uma pesquisa pelo sumário do livro, apresentando sua estrutura e função, exemplificando com um livro e mediando a formação leitora dos alunos.

Os alunos fizeram a leitura e, à medida que alguns alunos acabavam, eram dados novos contos a eles, com a promessa de que a leitura extra seria considerada como um *plus* na pontuação da tabela *stop*. Após a leitura (quem leu mais de um conto pôde escolher sobre qual gostaria de fazer o jogo), os alunos preencheram a tabela, que foi

conferida conforme foram acabando pelas estagiárias-professoras. Os que terminaram primeiro e preencheram corretamente, receberam o registro na tabela de 1º, 2º e 3º lugar. Alguns alunos resistiram a iniciar a leitura, mas com a constante insistência das estagiárias-professoras e a mediação durante a análise dos contos para identificar os elementos da narrativa, todos concluíram a atividade com sucesso.

Na segunda aula, os alunos voltaram para a sala de aula, onde a estagiária-professora responsável pela aula entregou a atividade com a proposta de planejamento do conto a partir de perguntas que direcionavam à reflexão dos elementos que constituiriam o conto que seria produzido por eles na aula seguinte. Após a entrega e leitura das questões e explicação da estagiária-professora responsável pela aula, os alunos começaram a produzir com mediação das estagiárias-professoras. As estagiárias-professoras prepararam ainda inícios de contos para quem apresentasse dificuldade em pensar em um tema para sua produção. Esses inícios de contos foram numerados e levados em um baú (para fazer referência ao tema do projeto *Baú de histórias*), para que pudéssemos sortear e dar à produção um ar de brincadeira, reforçando a ideia da gincana. Muitos alunos utilizaram os inícios, porém alguns criaram seus próprios roteiros, tendo também aqueles que utilizaram a ideia dos inícios, mas escreveram de outra forma.

Ao final da aula, os alunos entregaram o roteiro para a produção, sendo que alguns alunos, que terminaram antes, foram orientados a ajudar os colegas com mais dificuldade.

Aula 11 e 12 – Segunda-feira (23/10/17) – Estagiária responsável: Jaíni Teixeira

A aula começou com a estagiária-professora não responsável pela aula anotando a pauta no quadro e a estagiária-professora responsável pela aula retomando o que os alunos fizeram na aula anterior, mas como muitos alunos faltaram nessa última, decidimos dar a oportunidade de eles planejarem a escrita de seu conto com as mesmas perguntas orientadoras, porém usando-as diretamente para escrever a história.

Após a retomada do conteúdo e devolução dos roteiros de planejamento corrigidos e com anotações, os alunos receberam folhas fichário para começarem a escrever a 1ª versão de seus contos. A estagiária-professora responsável pela aula deu

orientação para que todos observassem os recados escritos nos roteiros, pois ajudariam na criação do conto.

Os alunos que não vieram na aula anterior foram orientados pelo professor-regente, pela professora-orientadora e pela estagiária-professora não responsável pela aula. Os alunos escreveram durante toda a aula, com mediação constante.

Ao final da aula, alguns alunos não tinham terminado ainda a 1ª versão de seu texto, mas a estagiária-professora responsável pela aula orientou-os a entregarem mesmo assim, pois após correção veríamos como proceder. Outros terminaram antes, sendo entregues para eles alguns livros para que lessem em suas carteiras.

Aula 13 e 14 – Sexta-feira (27/10/17) – Estagiária responsável: Jaíni Teixeira

Essa aula foi dedicada à explicação de conteúdo baseada nas dificuldades que os alunos apresentaram na produção da 1ª versão dos contos deles. Antes de iniciar, foram lidos para a turma dois recontos produzidos pelos próprios alunos que consideramos muito bons (Anexo 3). A escolha de ler os recontos foi para que eles pudessem ver como a turma é capaz e criativa, e para ajudar aqueles que ainda estavam com dificuldades para escrever, a terem ideias. Antes que a estagiária-professora responsável pudesse ler os contos, um aluno, que chegou atrasado, entrou na sala e exigiu sentar em seu lugar, o que não era possível porque outro colega estava naquele lugar. A estagiária-professora responsável pediu que todos se sentassem no seu lugar, considerando o espelho de classe, no que foi informada que não havia mais espelho de classe, diante disso ela tentou negociar com os alunos, mas eles estavam irredutíveis. Vendo isso, o professor regente da turma interveio e rapidamente resolveu a questão. Em seguida, a estagiária-professora responsável recomeçou a leitura do recontos. Os alunos ficaram bastante surpresos, tendo o efeito sido muito positivo. Eles prestaram atenção e fizeram diversas perguntas, questionando a maneira que o colega contou a história e comentando como eles mesmos tinham feito.

Depois desse momento, foi iniciada a apresentação dos slides de análise linguística. Os alunos participaram bastante e prestaram atenção. Ao terminar a explicação, a estagiária-professora sugeriu uma atividade bastante específica sobre problemas de ortografia que foi adaptada depois das produções deles, por conta da dificuldade que a turma tinha ao escrever algumas plosivas, trocando as sonoras e as

surdas, como a troca de /f/ por /v/ e de /p/ por /b/ ou de /k/ por /g/, e vice versa. Para resolver isso, a estagiária-professora responsável pela aula explicou que aquela era uma dificuldade da turma e não de alguns poucos alunos e que ninguém deveria achar graça disso, porque são questões que podem ser mais difíceis para alguns, ela pediu que eles colocassem suas mãos na garganta para sentirem as pregas vocais vibrarem ao falarem alguma plosiva sonora como o /v/ ou o /b/, e depois sentirem que elas não vibram ao falar /f/ e /p/, então, quando eles tivessem dúvida, eles poderiam fazer esse exercício, ou então perguntar para alguém. Enquanto prestavam atenção na explicação, os alunos imitavam a estagiária colocando a mão na garganta.

Para garantir que eles tinham entendido foi sugerida uma atividade, na qual a turma deveria se separar em 4 grupos e pensarem em 5 exemplos de palavras com o fonema /f/ e em 5 com o fonema /v/, que foi o que eles tiveram mais dificuldade. A turma levou muito tempo para se dividir em grupos, tendo, por fim, um aluno escolhido ficar sozinho. A proposta foi feita em forma de competição, sendo que o primeiro grupo a terminar, ganharia pontos extras na gincana, assim, eles receberam um tempo para escreverem e, à medida que entregavam a atividade, a estagiária-professora responsável anotava na folha em que posição o grupo estava. Depois que todos entregaram, os grupos receberam cada um deles um canetão para que escrevessem todos juntos no quadro suas palavras, cada um em uma coluna traçada previamente pela estagiária-professora. Todos se divertiram bastante e conseguiram se sair muito bem na atividade.

Aula 15 e 16 – Segunda-feira (30/10/17) – Estagiária responsável: Jaíni Teixeira

Essa aula foi inteiramente dedicada para reescrita dos contos que os alunos produziram em aulas anteriores. A estagiária-professora responsável pela aula explicou para os alunos que a partir daquele conto seriam feitos cartazes com ilustrações deles para exposição na aula seguinte, desse modo era muito importante que eles terminassem seus contos naquele dia e que eles estivessem presentes na próxima aula. Diante da notícia de que teriam que produzir um cartaz, os alunos mostraram certa resistência, mas, naquele momento, a estagiária-professora sugeriu que eles pensassem em um pseudônimo, tendo ela explicado o que significava isso e dando alguns exemplos e sugestões.

Entretanto, antes que eles iniciassem a reescrita, a estagiária-professora responsável leu dois contos (Anexo 4) dos alunos que, apesar de ainda precisarem de

algumas correções, foram considerados excelentes, sem contar para a turma quem foi que os escreveu, para que eles vissem como a turma deles é capaz e criativa. O efeito, novamente, se mostrou muito interessante, tendo eles feito comentários sobre as produções dos colegas. Após esse momento, os alunos passaram a aula reescrevendo seus contos, alguns deles escrevendo pela primeira vez, por terem faltado na aula da escrita da 1ª versão, e, também, pensando nos seus pseudônimos. Assim que terminavam, um dos quatro professores que estavam constantemente ajudando, conforme necessário, ia até o aluno e relia o conto, apontando outras mudanças, mas, em muitos casos, eles já não queriam refazer nada, nem sabendo que aquilo poderia aumentar a nota deles, por essa razão, encaminhamos aqueles que já tinham terminado para a biblioteca para leitura-fruição, ficando esses alunos aos cuidados da professora orientadora do estágio, enquanto aqueles que ainda estavam terminando o conto ficavam com os outros professores.

Aula 17 e 18 – Sexta-feira (03/11/17) – Estagiária responsável: Jaíni Teixeira

Por conta do feriado de finados que ocorreu no dia anterior a essa aula, era esperado que poucos alunos viessem nesse dia, por essa razão modificamos o nosso planejamento e, em vez de fazermos a criação dos cartazes naquele dia, deixamos como mais um dia para reescrita dos contos. Vieram no total 5 alunos, tendo o professor da disciplina informado que eles ganhariam um ponto extra na nota de participação pela presença.

A estagiária-professora responsável pela aula explicou que aquele seria um dia para os alunos reescreverem novamente seus contos, sendo muito importante que eles se dedicassem a essa tarefa, porque nós estávamos buscando meios de fazer um livro com os contos da turma, já que eles estavam ficando muito bons. Alguns alunos se mostraram bastante animados com a notícia. Todos eles começaram a refazer seus contos.

Como estávamos com poucos alunos, pudemos ajudá-los diretamente, dando ideias e explicando quando percebíamos que eles não tinham entendido algo que se pedia. Surgiram também perguntas referentes ao estado das pessoas mortas, se elas teriam alguma influência nas nossas vidas, por conta do feriado do dia anterior envolver crenças sobre esse assunto. Diante dessas perguntas, buscamos explicar que existem muitas crenças, então nós explicamos no que cada uma de nós acreditamos

acrescentando que isso poderia ser diferente do que eles tinham aprendido em casa. Esse momento foi muito interessante, porque pudemos fugir um pouco da estrutura de sala de aula e ter uma experiência diferente com os alunos.

À medida que alguns alunos terminavam suas produções, relíamos com eles e víamos se faltava algo, quando terminado, entregávamos para eles um livro para que fizessem a leitura em suas carteiras. Muitas vezes precisamos pedir para alguns alunos guardarem o celular.

Aula 19 e 20 – Segunda-feira (06/11/17) – Estagiária responsável: Grazielle Nack

Nessa aula, efetivamos o planejamento que havíamos pensado para as aulas 17 e 18. A estagiária-professora responsável explicou a todos que estávamos vendo meios de publicar os contos deles em um livro e por essa razão, também, gostaríamos que aqueles que não terminaram seus contos, o fizessem com bastante dedicação, considerando também que o conto valia nota para a disciplina e seria exposto no cartaz. Em seguida, a estagiária-professora responsável explicou para os alunos que naquele dia nós trouxemos impressos os contos daqueles que já haviam concluído suas produções e por isso eles receberiam também uma cartolina para que colassem o conto impresso e fizessem uma ilustração. Foi colocada uma mesa na frente da sala com revistas, lápis de cor, cola, tesoura, giz de cera, entre outros materiais para auxiliar na criação dos cartazes.

Entregamos, para aqueles que já haviam concluído a reescrita, uma cartolina e o conto impresso e, para os que não ainda não tinham terminado, a primeira produção com as indicações para reescrita e uma folha em branco. A partir desse momento, os quatro professores passaram a auxiliar os alunos nas suas produções. Na medida em que alguns foram terminando suas produções, fomos entregando para eles ou livros para lerem, ou o cartaz para começarem a ilustrar, para então colarmos o conto que imprimiríamos. Um aluno em específico reclamou de ter que ler, mas quando entregamos para ele o livro, ele se interessou e, quando bateu o sinal, ele contou toda a história que tinha lido para a estagiária-professora não responsável pela aula, pedindo que trouxesse o livro outro dia para ele terminar de ler a história.

Aula 21 e 22 – Sexta-feira (10/11/17) – Estagiária responsável: Grazielle Nack

Começamos a aula explicando para os alunos que aquele seria nosso último dia de aula com eles e que aquele dia seria um pouco diferente. Como tínhamos, juntamente com a professora orientadora do estágio, chegado mais cedo, as cadeiras estavam organizadas em círculo com algumas carteiras no centro e 21 pirulitos com um recadinho em cada um deles. Os alunos, à medida que foram chegando, sentiram dificuldade em escolher um lugar para sentar, por fim a sala ficou bem dividida entre os grupos de amigos, estando sempre as meninas de um lado e os meninos do outro.

Pedimos que, para começar, os alunos contassem seus contos ou lessem para toda a turma. Houve muita resistência, tendo o professor regente da disciplina que relembrar à turma de que a participação contava nota. Diante disso, alguns voluntários foram aparecendo, tendo quem pedisse para o colega ler seu conto ou então a uma de nós. De modo geral, eles foram bem na leitura, apesar de em alguns alunos terem um problema com o tom da voz muito baixo.

Em seguida, entregamos os pirulitos com os recados, tendo a estagiária-professora responsável pela aula lido o recado com os alunos e perguntado para eles o que acharam do período do estágio. As respostas foram bem poucas, sendo, em geral, que gostaram e que eles sempre faziam bagunça mesmo, mas que ‘curtiram’. Foi pedido, então, que os alunos não comessem o pirulito porque haveria um lanche para a turma.

Os alunos foram então orientados a colar os cartazes na parede do lado de fora da sala, mas, diante da dificuldade em colar com fita adesiva, a professora orientadora do estágio sugeriu que colocassem tachinhas, tendo sido difícil conseguir furar a madeira com as tachinhas, o que levou tempo e precisou ser adiado. Enquanto isso, devolvemos para os alunos suas pastinhas.

Depois, compartilhamos nossa gratidão para com eles pela participação da turma durante nosso período de docência e informamos que todos tinham sido campeões da gincana, por essa razão entregaríamos a todos uma medalha adesiva de 1º lugar para que colassem em suas roupas. Eles gostaram bastante das medalhas e alguns colaram na camiseta, outros guardaram para colar no caderno, outros na pastinha. Então, escrevemos no quadro a pontuação dos 4 primeiros lugares da gincana, frisando que a diferença de pontos de todos era muito pequena e que foi muito difícil chegar a um resultado ímpar, então, revelamos os que foram os campeões, entregando para eles os

presentes, que eram diferentes livros de contos que escolhemos de acordo com a personalidade de cada um deles.

Por fim, com o auxílio da professora orientadora do estágio e outros estagiários de docência trouxemos alguns salgados, bolo e refrigerante para a sala. Depois de organizada a mesa, todos puderam comer. Enquanto isso, a professora orientadora do estágio, juntamente com a estagiária-professora não responsável pela aula e alguns alunos foram colocando os cartazes dos alunos na parede do lado de fora da sala (Anexo 5). Para os alunos que não conseguiram fazer os cartazes, nós apenas colorimos o cartaz com alguma cor de giz e colamos o conto impresso. Após esse momento, todos agradeceram os alunos pela oportunidade e organizamos a sala para as próximas aulas.

2.3.2 Reflexão sobre a prática pedagógica

O momento dedicado à reflexão da prática docente é de extrema importância para avaliar nossa caminhada até aqui e dar continuidade ao processo de ensino e aprendizagem que nos aguarda no Estágio II com maior propriedade, evitando os mesmos erros e melhorando as estratégias que deram certo.

O desenvolvimento da prática docente nos permitiu não apenas a possibilidade de vivenciar na prática pedagógica as teorias estudadas ao longo do curso de Letras, mas, mais que isso, novas aprendizagens que ultrapassaram as teorias, através da vivência no espaço escolar, do convívio e da troca de saberes com alunos, professores e demais sujeitos envolvidos no fazer escolar. Podemos afirmar, sem relutância, que todos os obstáculos e desafios foram combustíveis para nossa realização na profissão que escolhemos.

Durante o período em que estivemos em sala de aula, tanto na observação quanto na prática da docência, pudemos pensar em aulas direcionadas ao perfil dos alunos que nos acolheram, o que não só facilitou o processo de ensino e aprendizagem, como também nos trouxe bons resultados, considerando os objetivos que delimitamos no projeto de docência. Tais objetivos abarcavam uma relação entre a leitura crítica e o desenvolvimento da escrita de contos, ou seja, a apropriação dos gêneros do discurso por meio da leitura e o ato de relacionar esses gêneros ao contexto social e político, além da análise linguística e expressão oral, sendo a língua portuguesa o fio condutor

destes, o que se deu por meio da interação dos alunos na aula de língua portuguesa. Buscamos, ao longo da prática docente, trabalhar com a língua sob a perspectiva sociointeracionista, aos moldes dos estudos de Bakhtin e outros estudiosos da área, como Geraldi e Antunes.

Quando colocamos em prática o nosso projeto de docência, pudemos ver todos esses objetivos ganhando vida, apesar de algumas dificuldades e mudanças que surgiram no percurso. Entre as situações com as quais tivemos que nos readaptar estava a dificuldade dos alunos com algumas questões básicas de ortografia, o que nos levou a desenvolver uma atividade na aula 13 e 14, especialmente para trabalhar essa questão; ou então o número de falta dos alunos, situação que afetava muito o desempenho deles e todo nosso planejamento, para nos adaptarmos a isso acrescentamos uma nova aula ao planejamento inicial. Reconfigurar a aula de acordo com necessidades manifestadas pelos alunos vai de encontro ao que defende Geraldi, já exposto neste relatório, acerca da aula como acontecimento. Outra dificuldade que surgiu na busca para alcançar esses objetivos foi a de os alunos realizarem leitura-fruição de contos, para que pudessem compreender o gênero, ampliar repertório e ter novas ideias para suas produções, essa questão não pôde ser resolvida por nós por conta das outras dificuldades que os alunos mostravam, apesar de termos nos dado conta disso durante a docência.

Quanto às aulas de leitura, que eram aulas fixas no planejamento do professor regente de língua portuguesa, buscamos mantê-las no planejamento das nossas aulas com o objetivo de permitir aos alunos entrar em contato com diferentes histórias e tipos de personagens dentro do universo dos contos, gênero ao qual nos dedicamos, percebendo os elementos da narrativa, por exemplo, algo que facilita a aquisição por meio da leitura. Entretanto, ainda que tenhamos planejado manter as aulas de leitura com o máximo de frequência possível, não conseguimos manter a constância com a qual o professor regente da disciplina mantinha. Tal impossibilidade pôde ser reconhecida nas próprias produções dos alunos, nas quais eles demonstraram certa dificuldade em usar diferentes recursos linguísticos para descrição de espaço, personagens e demais elementos da narrativa, também o uso dos conectivos entre as orações estava indiretamente ligado à falta de bagagem literária (Anexo 6).

Outra questão que buscamos trabalhar ao longo do estágio foi a expressão oral dos alunos, incentivando-os em diferentes momentos, seja por meio da postura, da

entonação, do ritmo ou da dicção, a participar oralmente das aulas, em momentos como a contação de histórias, a leitura de suas produções e apresentação de seus cartazes, o que acreditamos não termos alcançado na totalidade, pois alguns alunos ainda se recusaram a participar oralmente, mas, para um ponto de partida, tivemos uma boa resposta.

Aos nossos olhos, a dificuldade em cumprir alguns pontos do nosso planejamento se deu por ele ter sido muito extenso, fato que se justifica por ainda não termos experiência como docentes, e, com isso, termos planejado muitas produções e atividades que não sabíamos que demorariam tanto para serem realizadas pelos nossos alunos. Além disso, ainda estávamos aprendendo como lidar com o conteúdo, como usar os materiais da sala de aula em nosso favor, como chamar atenção dos alunos e levá-los a participar, entre outros pontos. Todas essas questões podem ter colaborado para o atraso de nosso planejamento, nos restando poucos momentos para análise e estudo dessas produções que os alunos realizaram.

Almejavamos que ao final do estágio, os alunos tivessem o domínio do gênero conto, sabendo identificar não apenas elementos de estilo, como também os elementos da narrativa, ou seja, narrador, personagens, enredo, tempo e espaço. Como eles já vinham trabalhando os elementos da narrativa com o professor regente nos bimestres anteriores, nosso projeto veio como uma continuação do conteúdo, o que se mostrou positivo, pois para muitos alunos que apresentavam dificuldades, foi um momento de tirar dúvidas e aprender. Quanto a esse objetivo, acreditamos, a partir da avaliação processual da turma, que todos obtiveram sucesso. Dessa forma, não consideramos as questões acima discutidas como um problema grave da nossa docência, porque os alunos, em geral, alcançaram muitos dos objetivos que almejamos para eles, além do mais, nós mesmas conseguimos nos apropriar de uma experiência realista sobre a prática docente e conquistamos outros objetivos que antes não haviam sido pensados por nós.

Por fim, acreditamos que a experiência do período de docência, tanto em sala de aula com a turma do sexto ano, como também no projeto extraclasse e nos eventos da escola, foi muito gratificante, trazendo uma perspectiva diferente às nossas reflexões acerca do ensino e do espaço escolar, revelando-nos saberes e aprendizados múltiplos,

que envolvem a realidade do contexto escolar, os quais nós jamais poderíamos alcançar apenas nos estudos acadêmicos.

3 A DOCÊNCIA NO PROJETO EXTRACLASSE

3.1 O PROJETO DE DOCÊNCIA

3.1.1 Contextualização

A instituição na qual realizamos nosso estágio de docência possui uma rádio escolar com espaço e equipamento apropriados para o seu funcionamento. Ele foi desenvolvido apenas no ano de 2014, e foi retomado em 2017, com o título “Fala, Hilda!”, como resultado de discussão em reunião pedagógica com todo o corpo docente. Atualmente, o projeto tem direção do professor de língua portuguesa e tem como objetivo geral construir uma rádio que funcione como espaço de interação entre alunos, professores e demais atores da comunidade, possibilitando, assim, o contato dos sujeitos com letramentos midiáticos relativos à preparação e execução da programação da rádio.

Como parte do projeto de docência de nosso estágio supervisionado, está prevista a docência em atividades extraclasse para que, desse modo, tivéssemos a experiência de planejar uma aula envolvendo conhecimentos da língua portuguesa, com formato distinto daquele que se concretiza em sala de aula como disciplina regular do currículo e um público diversificado, ou seja, alunos de diferentes turmas. Em nosso caso, tratou-se, também, de uma experiência diferenciada da que vivenciamos com a turma do 6º ano, pois não tivemos o tempo de observação para o planejamento como ocorreu com o projeto de docência para a disciplina de Língua Portuguesa. Para tanto, resolvemos aproveitar um projeto que já estava em andamento e tem grande potencial para o desenvolvimento de conhecimentos relativos ao uso da língua, que é a rádio escolar, e dar nossa contribuição.

O letramento midiático tem grande relevância para o ensino, uma vez que a mídia tem grande influência no modo de pensar e agir da sociedade contemporânea, logo, explorar esse universo com os alunos permite a eles olhar de forma crítica para os discursos que circulam no meio em que vivem.

Para o desenvolvimento desse projeto, tivemos seis aulas, divididas em dois dias, 13 e 14 de novembro, quando todos os alunos do ensino fundamental II participaram de oficinas realizadas pelos estagiários do Curso de Letras Português que atuaram na escola e ofereceram, ao todo, três diferentes oficinas. As oficinas foram divulgadas previamente pelos estagiários em todas as turmas e também através de cartazes fixados nas paredes da escola e nas portas das salas de aula (Anexo 7). Com base nessa divulgação, os alunos escolheram uma das oficinas para participar. Por essa razão, em cada oficina houve alunos de diferentes anos escolares, já que o objetivo era eles escolherem a oficina pelo tema que lhes interessava e não pelo ano que frequentam. Para que a realização da oficina fosse viável, estipulou-se o limite de 27 alunos por oficina.

Assim, delimitamos como objetivo de nossa oficina a elaboração de uma programação temática para ir ao ar na rádio durante a Semana da Consciência Negra (do dia 20/11 a 24/11). A oficina teve como atividades pesquisa, análise e seleção de canções que tratam do preconceito racial, que exaltam a beleza negra e outros temas ligados à reflexão da inserção do negro na sociedade brasileira atual, que foram tocadas na rádio durante a semana. Também foram produzidas radiobiografias e peças radiofônicas curtas que foram anunciadas pelos alunos durante o funcionamento da rádio com mensagens de protesto ao racismo e à desigualdade social.

A escolha do tema da Consciência Negra refere-se à extrema importância que essa discussão assume para a formação ética do sujeito aluno, para que sua inserção na sociedade seja um diferencial na evolução da sociedade brasileira atual no que diz respeito à desigualdade racial e social.

No dia 20 de novembro é celebrado em todo o país o Dia da Consciência Negra. Estabelecido pela Lei 12.519/2011, ele foi criado em homenagem a Zumbi dos Palmares, sendo que a data marca a morte do líder do Quilombo dos Palmares. Tal local era conhecido como refúgio dos escravos e também foi onde se fortaleceu o movimento de libertação dos escravos. Zumbi dos Palmares lutou pela libertação dos negros durante toda sua vida, sendo um líder político de grande importância para o movimento de libertação.

Portanto, esse dia tem o papel não apenas de exaltar a cultura afro-brasileira, mas também de nos lembrar dos processos pelos quais os negros foram submetidos no

passado e continuam passando ao longo da história, nos conscientizando de nossa dívida histórica para com todo um povo, uma cultura, uma identidade. A data ainda funciona como uma oportunidade para denunciarmos e refletirmos sobre os problemas sociais relacionados a esse processo histórico e trabalharmos na inserção do negro na sociedade atual, valorizando a cultura de seus antepassados, rompendo preconceitos e empoderando os discursos antirracismo.

O Dia Nacional da Consciência Negra faz parte do calendário escolar, decisão decretada pela Lei 10.639/2003, que também impõe a obrigatoriedade da inclusão de disciplinas e conteúdos que visam estudar a história da África e da cultura afro-brasileira. Para tanto, a Semana da Consciência Negra é um momento em que todo corpo docente e toda comunidade escolar reflete sobre o tema por meio de atividades e projetos de ensino. Foi nesse contexto que também se inseriu o projeto extraclasse *Rádio Hilda em cores*.

3.1.2 Fundamentação teórica

O projeto extraclasse que propusemos está embasado teoricamente nos estudos de Street (2003), para quem o modelo ideológico de letramento possibilita que se considere, no ensino de língua, o contexto cultural e social no qual o sujeito está inserido, levando em consideração, no processo de aprendizagem, não o domínio apenas do sistema alfabético, mas o que o aprendiz faz ou não com o uso desse sistema e como isso afeta a sua realidade na condição de alfabetizado. Esse modelo envolve reconhecer as condições em que o uso da leitura e da escrita se dá e as questões de identidade cultural e política que o envolvem.

Segundo Street (2003),

O modelo ideológico alternativo de letramento oferece uma visão com maior sensibilidade cultural das práticas de letramento, na medida em que elas variam de um contexto para outro. Esse modelo parte de premissas diferentes das adotadas pelo modelo autônomo – propondo por outro lado que o letramento é uma prática de cunho social, e não meramente uma habilidade técnica e neutra, e que aparece sempre envolto em princípios epistemológicos socialmente construídos. (STREET, 2003, p. 4).

Portanto, a nossa ação docente, no projeto extraclasse *Rádio Hilda em Cores*, visou estabelecer na escola um espaço para a prática da linguagem em ambientes discursivos distintos daqueles vistos na aula de língua portuguesa, possibilitando a prática de leitura de textos de gêneros que normalmente circulam em outras esferas que não a escolar, como a letra de música, o que concluímos ser de grande importância para o desenvolvimento do sujeito aluno.

Como já mencionado, no projeto de docência, Street (2003) retrata dois tipos de letramento, o autônomo e o ideológico. O modelo autônomo, para Street (2003), traz a ideia de que o sujeito só é capaz de desenvolver habilidades cognitivas mais complexas e de ter ascensão socioeconômica se for alfabetizado no sistema dominante da língua. Como nosso projeto toma como base o modelo de letramento ideológico, os sujeitos alunos desenvolveram, para além do domínio dos códigos alfabéticos, o seu uso na prática social por meio da produção de uma programação musical e discursiva para a rádio escolar.

3.1.3 Objetivos

Considerando a importância da data que nos motivou a desenvolver esse projeto de docência em atividades extraclasse, nosso objetivo foi levar os alunos a pensarem sobre a forma como as pessoas negras eram vistas no passado e como elas são vistas na nossa sociedade atualmente, desenvolvendo uma opinião crítica. Por meio da análise e interpretação de canções pré-escolhidas, provocamos os alunos a pensarem sobre os preconceitos que nossa sociedade ainda carrega em relação às pessoas negras, o que faz com que elas, muitas vezes, sejam excluídas das esferas dominantes da sociedade, sendo sua cultura tomada como algo inferior que deva ser negado em favor da cultura dos eurodescendentes.

Além disso, levamos os alunos a pensarem na luta que tem sido travada por muitas pessoas negras ao longo da história por lermos, em nossa rádio, frases históricas ditas por figuras importantes que lutaram contra o racismo. Essa atividade também objetivou ajudar os alunos a melhorarem suas habilidades de uso oral da língua em situações mais formais, por meio da leitura e do ensaio de formas de falar em uma rádio.

Outro objetivo desse projeto de docência foi dar continuidade ao projeto ‘Fala, Hilda!’ desenvolvido pelo professor de língua portuguesa na escola desde o início deste ano, contribuindo com novas ideias de temas e estilos musicais que possam ser inserido na programação da rádio e despertando nos alunos o desejo de fazer parte da rádio escolar, reforçando que aquele espaço é uma oportunidade para que os alunos ‘tenham voz’ no contexto escolar.

3.1.4 Conhecimentos trabalhados

A partir dos objetivos delineados, trabalhamos com leitura-estudo de letras de canções, as quais foram impressas e disponibilizadas aos alunos por nós para análise do discurso de empoderamento do sujeito negro e de sua inserção na sociedade brasileira atual, entre outras discussões referentes ao tema da Consciência Negra. Além da leitura-estudo de letras de canções, estudamos o gênero radiobiografia, que pode ser entendido como a reunião de dados biográficos sobre cantores e canções, chamando a atenção para fatos importantes da trajetória da personalidade a que se referem. Essas radiobiografias tiveram como foco os cantores/bandas eleitos para comporem a seleção musical preparada pelos alunos, logo, contribuiu para a própria leitura-estudo das letras, aproximando os elementos biográficos com a produção da canção. Outro gênero que foi estudado para desenvolvimento do programa de rádio foi a peça radiofônica, que tem várias definições, mas a que utilizamos foi a de propaganda social, curta, com o intuito de chamar a atenção para o tema do nosso projeto de docência extraclasse.

3.1.5 Metodologia

Como já indicado, a proposta foi desenvolvida em dois dias, ocupando em cada dia o período de três aulas.

No primeiro dia, iniciamos a oficina com a explicação da proposta de trabalho e, em seguida, iniciamos o planejamento da programação musical da rádio que foi tocada durante a Semana da Consciência Negra, no horário do recreio, que ocupa quinze minutos da manhã.

A seleção de músicas foi feita por meio de dois momentos: o primeiro deles foi uma discussão prévia com os alunos participantes sobre o que eles entendem por

Consciência Negra, e o segundo consistiu na apresentação e análise das letras de músicas pré-selecionadas. Foram organizados cinco grupos, sendo que cada grupo ficou responsável pela seleção e análise das músicas que seriam tocadas na rádio, tornando-se responsável por um dia de programação da rádio na Semana da Consciência Negra. Cada música devia contemplar a inserção do negro na sociedade brasileira atual, o que foi percebido por meio de discussões e análise, sempre mediadas pelas estagiárias-professoras.

No segundo dia, a oficina foi organizada da seguinte forma: os alunos fizeram um estudo de radiobiografias e peças radiofônicas e, a partir disso, produziram suas próprias peças e radiobiografias (as radiobiografias foram dos cantores das músicas selecionadas), relacionadas ao tema combate ao preconceito racial, as quais foram anunciadas na rádio nos intervalos entre as músicas, totalizando uma peça/radiobiografia por dia. A peça radiofônica tem várias definições, mas a que utilizaremos foi de propaganda social, curta, com o intuito de chamar a atenção para o tema. Já a radiobiografia é a reunião de dados biográficos sobre os cantores e canções que foram tocadas na programação, chamando a atenção para fatos importantes da trajetória da personalidade negra eleita.

3.1.5.1 Recursos utilizados

Como recursos utilizados para execução desse projeto, podemos citar a sala de informática, tanto pelos computadores, aparelho de som e projetor multimídia, que utilizamos no primeiro dia da nossa oficina para que pudesse ser feita a análise e escuta das letras das músicas selecionadas, que foram trazidas por nós em um pendrive.

Fizemos uso também da música “Mulheres Negras”, da cantora Yzalurú, que foi trazida impressa com cópias para os alunos e em formato de áudio, para que antes da análise da letra em grupo, todos pudessem ouvi-la. Também trouxemos cópias das letras das músicas que foram analisadas pelos alunos para que eles selecionassem quais iríamos ouvir na rádio na Semana da Consciência Negra.

Para o segundo dia de oficina, nós organizamos e trouxemos pequenas biografias impressas dos cantores das músicas que os alunos haviam escolhido para que escrevessem as radiobiografias. Como modo de exemplificar para eles o que era uma radiobiografia, trouxemos um vídeo compilado de três vídeos encontrados na internet.

Além disso, foi permitido que os alunos usassem os celulares para pesquisar as frases para a peça radiofônica e outras músicas que eles desejassem tocar no dia em que ficariam responsáveis pela rádio.

3.1.5.2 Cronograma

DATAS DOS ENCONTROS	ATIVIDADES
1º ENCONTRO (13/11 – segunda-feira – 08:00 – 10:30)	<ul style="list-style-type: none">• Contextualização sobre a Semana da Consciência Negra e seleção de músicas para serem tocadas na rádio.
2º ENCONTRO (14/11 – terça-feira – 08:00 – 10:30)	<ul style="list-style-type: none">• Escrita da pauta para a programação da rádio, o que inclui duas radiobiografias, a partir da seleção das músicas, e uma peça radiofônica.

3.1.5.3 Planos de aula

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
E.E.B. Hilda Teodoro Vieira
Estagiárias-professoras: Grazielle Nack e Jaíni Teixeira

Plano da oficina 1 (13/11 – 9:30 às 12:00)

Tema: Introdução ao tema “Rádio Hilda em Cores” e estudo de canções.

Objetivo geral:

Estabelecer contato com a temática da inserção do negro na sociedade brasileira atual através do projeto “Rádio Hilda em Cores”, por meio de leitura, análise e escolha de canções para serem tocadas na rádio da escola durante a Semana da Consciência Negra, que acontecerá na semana seguinte à oficina.

Objetivos específicos:

- Conhecer o projeto “Rádio Hilda em Cores” por meio de apresentação da proposta de trabalho pelas estagiárias-professoras e discussão coletiva.
- Identificar os discursos sobre a inserção do negro na sociedade brasileira atual por meio da escuta da música “Mulheres Negras”, de Yzalú e discussão seguindo um roteiro pré-elaborado pelas estagiárias-professoras.
- Desenvolver a prática da leitura-estudo a partir da análise de letras de canções relacionadas ao tema da consciência negra.
- Selecionar letras de canções para comporem o repertório da rádio escolar na semana da consciência negra.

Conteúdo:

- O projeto de docência "Rádio Hilda em Cores".
- Leitura-estudo de letras de canções.
- Elementos constituintes do gênero letra de canção: função social, esfera de circulação, forma de composição.
- Discurso racial na palavra escrita.

Metodologia:

- A oficina inicia com a apresentação do projeto “Rádio Hilda em Cores” pela estagiária-professora responsável pelo encontro do dia.
- Depois, será entregue a letra da canção “Mulheres Negras”, da cantora Yzalú (Anexo 1), seguida de escuta e discussão, buscando provocar nos alunos a análise dos elementos na letra que a relacionam à inserção do negro na

sociedade brasileira atual, a partir de roteiro pré-elaborado. A partir da discussão, serão apresentados os critérios para escolha das letras de canção: retomada histórica; exaltação da beleza natural negra; crítica ao preconceito; elementos culturais, para avaliação das letras das canções acerca de como abordam o tema da consciência negra. Os critérios serão anotados no quadro.

- Após a discussão, a estagiária-professora pedirá aos alunos que pensem em músicas que abordam aspectos que reforçam a necessidade de se pensar na questão racial e de problematizar o preconceito que é velado. A partir das respostas dos alunos, a estagiária-professora solicitará que, aqueles que desejarem, tragam essas canções com as letras no encontro do dia seguinte.
- A estagiária-professora irá organizar a turma em cinco grupos encarregando cada grupo de analisar quatro letras de canções pré-selecionadas que serão entregues a eles, sendo que cada grupo deverá selecionar duas dessas letras, que poderão ser de estilos musicais variados, como samba, rap, pop, soul, funk, entre outros, para serem tocadas na programação da rádio escolar cada dia da Semana da Consciência Negra.
- A partir disso, os grupos ouvirão e analisarão as letras e montarão argumentos que convençam os demais colegas de que as duas músicas que eles escolheram se encaixam nos critérios decididos anteriormente para a seleção da programação da rádio e são as melhores do que as outras duas opções dadas a eles para ser tocadas na Semana da Consciência Negra.
- Cada grupo exporá os seus argumentos e os outros 4 grupos, mediados pelas estagiárias-professoras, decidirão se concordam ou não com os argumentos dos colegas.

Recursos didáticos:

- Sala de informática.
- Computadores.
- Aparelho de som.
- Músicas salvas em *pendrive* que será distribuída em 5 computadores (um para cada grupo).
- Letra da música “Mulheres Negras”, da cantora Yzálú impressa (25 cópias).
- Letras das músicas que serão trabalhadas impressas (cada grupo receberá as letras pré-selecionadas para escuta e análise).
- Lousa.
- Caneta esferográfica para lousa.

Avaliação: Serão avaliadas a capacidade de analisar os discursos que atravessam as canções, a partir da coerência dos argumentos apresentados oralmente pelos alunos após leitura; a escolha adequada de canções para a programação da rádio da escola para a Semana da Consciência Negra, considerando a adequação ao tema proposto e aos critérios selecionados.

Referências:

CAMAFEU, Paulinho. **Que Bloco É Esse**. Ilê Aiyê e Criolo. [S.l.] : Natasha Records, 1999, (3 min 5). Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/ile-aiye/285914/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

CÉSAR, Augusto; COMBO, Gerson King; LUZ, Pedrinho da. **Mandamentos Black**. Gerson King Combo. Rio de Janeiro: Polydor, 1977, (4 min 2). Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/gerson-king-combo/mandamentos-black/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

CÉSAR, Chico. MATUMBI, Lazzo. **Negão**. Chico César. São Paulo: Urban Jungle, 2015, (3 min 37). Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/chico-cesar/negao/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

CÉSAR, Chico. **Respeitem Meus Cabelos, Brancos**. Chico César. [S.l.]: MZA Music, 2002, (3 min 38). Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/chico-cesar/134011/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

CONKA, Carol; BEATZ, Nave. **Bate a Poeira**. Carol Conka. [S.l.]: Deckdisc, 2013, (3 min 33). Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/karol-conka/bate-a-poeira/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

DUARTE, Mauro; PINHEIRO, Paulo César. **Canto das Três Raças**. Clara Nunes. [S.l.]: Som Livre, 2008, (4 min 27). Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/clara-nunes/83169/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

Então vem! Edi Rock, Karol Conká, Negra Li, Projota, Rapadura, Rashid, Ricón Sapiência. 2016, (4 min 2). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=MHgQ6Hwjwhs>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

FUNCHAL, Roberta. Índia Negra. Cores de Aidê. 2017, (3 min 13). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=qhwHcIgk4cw>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

GERMER, Iara. **Negra**. Cores de Aidê. 2017, (3 min 34). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0QAunY6iA2Y>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

GIL, Gilberto, SALMOÃO, Waly. **Quilombo, O Eldorado Negro**. Gilberto Gil. [S.l.]: Warner Bros. Records, 1984, (4 min 38). Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/gilberto-gil/quilombo-o-eldorado-negro.html>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

GONÇALVES, Genival Oliveira. **Carta a Mãe África**. GOG. São Paulo: Só balanço, 2006, (5 min 33). Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/gog/872766/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

JOR, Jorge Ben. Zumbi. Jorge Bem Jor. [S.l.]: Philips Records, 1974, (3 min 30). Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/jorge-ben-jor/zumbi.html>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

MACAU. **Olhos coloridos**. Sandra de Sá. [S.l.]: RCA Victor/ RCA Ariola, 1986, (6 min 44). Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/sandra-de-sa/74666/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

MARVYN; JHOW, Ene; BLACK, Dino. **Respeita minha pele preta**. Marvyn, 2016, (2min 23). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Uu6JeisMqFE>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

OZANAN, João Goés. **Pele Preta**. Berimbrown. 2016, (5min 27). Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/berimbrown/pele-preta.html>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

RARA, Preta. Falsa Abolição. Preta Rara. São Paulo: OQ Produções, 2015, (5 min 48). Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/preta-rara/falsa-abolicao.html>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

REIS, Tássia. **Ouçame**. Tássia Reis. 2016 (3 min 54). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7cVZ-Rur9uY>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

SARGENTO, Nelson. **Agoniza Mas Não Morre**. Nelson Sargento. [S.l.]: Eldorado, 1979, (3 min 26). Disponível em: <<https://m.letras.mus.br/nelson-sargento/2001487/>> Acesso em: 10 nov. 2017.

SCIENCE, Chico; MAIA, Lúcio. Etnia. Chico Science. Rio de Janeiro: Chaos, 1996, (2 min 33). Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/chico-science/83236/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

Sou negro. Toni Tornado. [S.l.]: Odeon, 1970 (2 min 29). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cN-NSLBOrvw>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

STREET, B. **Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento**. Teleconferência Brasil sobre o letramento, outubro de 2003.

TADDEO, Carlos Eduardo. **Mulheres Negras**. Yzalu, 201?, (3 min 42). Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/yzalu/mulheres-negras/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

Anexos:

ANEXO 1 - CANÇÃO PARA ANÁLISE EM GRUPO

Mulheres Negras

Yzalu

Enquanto o couro do chicote cortava a carne
A dor metabolizada fortificava o caráter
A colônia produziu muito mais que cativos
Fez heroínas que pra não gerar escravos,
matavam os filhos
Não fomos vencidas pela anulação social
Sobrevivemos à ausência na novela, no comercial
O sistema pode até me transformar em empregada
Mas não pode me fazer raciocinar como criada
Enquanto mulheres convencionais lutam contra o
machismo
As negras duelam pra vencer o machismo, o
preconceito, o racismo
Lutam pra reverter o processo de aniquilação
Que encarcera afrodescendentes em cubículos na
prisão
Não existe lei maria da penha que nos proteja
Da violência de nos submeter aos cargos de
limpeza
De ler nos banheiros das faculdades hitleristas
Fora macacos cotistas
Pelo processo branqueador não sou a beleza
padrão
Mas na lei dos justos sou a personificação da
determinação
Navios negreiros e apelidos dados pelo
escravizador
Falharam na missão de me dar complexo de
inferior
Não sou a subalterna que o senhorio crê que
construiu
Meu lugar não é nos calvários do Brasil
Se um dia eu tiver que me alistar no tráfico do
morro
É porque a lei áurea não passa de um texto morto
Não precisa se esconder, segurança
Sei que cê tá me seguindo, pela minha feição,
minha trança
Sei que no seu curso de protetor de dono praia
Ensinarão que as negras saem do mercado com
produtos em baixo da saia

Não quero um pote de manteiga ou um xampu
Quero frear o maquinário que me dá rodo e uru
Fazer o meu povo entender que é inadmissível
Se contentar com as bolsas estudantis do péssimo
ensino
Cansei de ver a minha gente nas estatísticas
Das mães solteiras, detentas, diaristas
O aço das novas correntes não aprisiona minha
mente
Não me compra e não me faz mostrar os dentes
Mulher negra não se acostume com termo
depreciativo
Não é melhor ter cabelo liso, nariz fino
Nossos traços faciais são como letras de um
documento
Que mantém vivo o maior crime de todos os
tempos
Fique de pé pelos que no mar foram jogados
Pelos corpos que nos pelourinhos foram
descarnados
Não deixe que te façam pensar que o nosso papel
na pátria
É atrair gringo turista interpretando mulata
Podem pagar menos pelos mesmos serviços
Atacar nossas religiões, acusar de feitiços
Menosprezar a nossa contribuição na cultura
brasileira
Mas não podem arrancar o orgulho de nossa pele
negra
Mulheres negras são como mantas kevlar
Preparadas pela vida para suportar
O racismo, os tiros, o eurocentrismo
Abalam mas não deixam nossos neurônios cativos

Composição: Carlos Eduardo Taddeo
<https://www.lettras.mus.br/yzalu/mulheres-negras/>

ANEXO 2 - LETRAS DAS CANÇÕES

Canto das Três Raças Clara Nunes

Ninguém ouviu
Um soluçar de dor
No canto do Brasil

Um lamento triste
Sempre ecoou
Desde que o índio guerreiro
Foi pro cativo
E de lá cantou

Negro entoou
Um canto de revolta pelos ares
No Quilombo dos Palmares
Onde se refugiou
Fora a luta dos Inconfidentes
Pela quebra das correntes
Nada adiantou

E de guerra em paz
De paz em guerra
Todo o povo dessa terra
Quando pode cantar
Canta de dor

E ecoa noite e dia
É ensurdecido
Ai, mas que agonia
O canto do trabalhador
Esse canto que devia
Ser um canto de alegria
Soa apenas
Como um soluçar de dor.

Composição: Mauro Duarte / Paulo César Pinheiro
<https://www.lettras.mus.br/clara-nunes/83169/>

Respeitem Meus Cabelos, Brancos
Chico César

Respeitem meus cabelos, brancos
Chegou a hora de falar
Vamos ser francos
Pois quando um preto fala
O branco cala ou deixa a sala
Com veludo nos tamancos

Cabelo veio da África
Junto com meus santos

Benguelas, zulus, gêges
Rebolos, bundos, bantos
Batuques, toques, mandingas
Danças, tranças, cantos
Respeitem meus cabelos, brancos

Se eu quero pixaim, deixa
Se eu quero enrolar, deixa
Se eu quero colorir, deixa
Se eu quero assanhar, deixa
Deixa, deixa a madeixa balançar

Composição: Chico César
<https://www.letras.mus.br/chico-cesar/134011/>

Agoniza Mas Não Morre
Nelson Sargento

Samba,
Agoniza mas não morre,
Alguém sempre te socorre,
Antes do suspiro derradeiro.
Samba,
Negro, forte, destemido,
Foi duramente perseguido,
Na esquina, no botequim, no terreiro.

Samba,
Inocente, pé-no-chão,
A fidalguia do salão,
Te abraçou, te envolveu,
Mudaram toda a sua estrutura,
Te impuseram outra cultura,
E você não percebeu,
Mudaram toda a sua estrutura,
Te impuseram outra cultura,
E você não percebeu.

Samba,
Agoniza mas não morre,
Alguém sempre te socorre,
Antes do suspiro derradeiro.

Samba,
Negro, forte, destemido,
Foi duramente perseguido,
Na esquina, no botequim, no terreiro.

Samba,
Inocente, pé-no-chão,
A fidalguia do salão,
Te abraçou, te envolveu,
Mudaram toda a sua estrutura,

Te impuseram outra cultura,
E você não percebeu,
Mudaram toda a sua estrutura,
Te impuseram outra cultura,
E você não percebeu.

Composição: Nelson Sargento
<https://m.letras.mus.br/nelson-sargento/2001487/>

Mandamentos Black **Gerson King Combo**

Brother!

Assuma sua mente, brother!

E chegue a uma poderosa conclusão de que os blacks

Não querem ofender a ninguém, brother!

O que nós queremos é dançar!

Dançar, dançar e curtir muito som.

Não sei se estou me fazendo entender.

O certo é seguir os mandamentos blacks,

Que são, baby, come on, brother:

Dançar, como dança um black!

Amar, como ama um black!

Andar, como anda um black!

Usar, sempre o cumprimento black!

Falar, como fala um black!

Eu te amo, brother!

Viver, sempre na onda black!

Ter orgulho de ser black!

Curtir o amor de outro black!

Saber. Saber que a cor branca, brother,

É a cor da bandeira da paz, da pureza

E esses são os pontos de partida para toda a coisa boa, brother!

Divina razão pela qual eu amo você também, brother!

Eu te amo, brother!

Composição: Augusto Cesar / Gerson King Combo / Pedrinho Da Luz

<https://www.letras.mus.br/gerson-king-combo/mandamentos-black/>

Bate a Poeira
Karol Conka

Os perturbados se prevalecem
Enquanto atingidos adoecem
Palavras soltas que aborrecem
Esperança depois de uma prece
Um povo com crise de abstinência
Procura explicação pra existência
Num mundo onde dão mais valor pra
aparência
Tem sua consequência

Negro, branco, rico, pobre
O sangue é da mesma cor
Somos todos iguais
Sentimos calor, alegria e dor
Krishna, Buda, Jesus, Allah
Speed Black profetizou
Nosso Deus é um só
Vários nomes pro mesmo criador
Pouco me importa sua etnia
Religião, crença, filosofia
Absorvendo sabedoria
Desenvolvendo meu dia-a-dia

Nesse mundo poucas coisas são certas
Amor, sorte, morte, a vida que se leva
Do sul para o norte, da Ásia à América
Se errar é humano o erro te liberta
Seja o que tiver que ser, seja o que quiser ser
Bate a poeira, bate a poeira, bate a poeira
Seja o que quiser ser
Bate a poeira, bate a poeira, bate a poeira
Seja o que tiver que

O preconceito velado
Tem o mesmo efeito, mesmo estrago
Raciocínio afetado
Falar uma coisa e ficar do outro lado
Se o tempo é rei vamos esperar a lei
Tudo que já passei nunca me intimidei
Já sofri, já ganhei, aprendi, ensinei

Tentaram me sufocar mas eu respirei
Há tanta gente infeliz
Com vergonha da beleza natural
É só mais um aprendiz
Que se esconde atrás de uma vida virtual
Gorda, preta, loira o que tiver que ser
Magra, santa, doida somos a força e o poder
Basta, chega, bora, levanta a cabeça e vê
Vem cá, viva, sinta, o que quiser você pode
ser

Nesse mundo poucas coisas são certas
Amor, sorte, morte, a vida que se leva
Do sul para o norte, da Ásia à América
Se errar é humano, o erro te liberta

Seja o que tiver que ser, seja o que quiser ser
Bate a poeira, bate a poeira, bate a poeira
Seja o que quiser ser
Bate a poeira, bate a poeira, bate a poeira
Seja o que tiver que

Composição: Carol Conka e Nave Beatz
<https://www.lettras.mus.br/karol-conka/bate-a-poeira/>

Negra Cores de Aidê

Negra,
Esse turbante na cabeça
Esse teu porte de rainha
A nos mostrar como a história foi injusta e cruel

Negra
Praia viva, nossa memória
É que caminhas tão altiva
Soberana desde a
Ingrata escravidão

Negra,
Sou cativa da sua luta
Contra a ingloria e a disputa
A liberdade é nossa agora

Bate tambor no coração para semear e cultivar amor
Bate tambor no coração para semear e cultivar amor
Bate tambor no coração para semear e cultivar amor
Bate tambor no coração para semear e cultivar amor
Bate tambor no coração para semear e cultivar amor

Composição: Iara Germer

<https://www.youtube.com/watch?v=0QAunY6iA2Y>

Índia Negra Cores de Aidê

Índia, oh, índia,
Teu cabelo negro se soma ao meu
Índia, oh, índia,
Me acolhe nos braços teus

Índia, oh, índia,
Teu cabelo negro se soma ao meu
Índia, oh, índia,
Me acolhe nos braços teus

Da terra tomada como eu,
Dos filhos tirados como os meus,
Dos sonhos roubados lá vou eu

Índia, oh, índia,
Me cobre com tuas ervas sagradas
Índia, oh, índia,
Me ilumina na mata fechada

Batendo tambor encantando a alma
Sofrendo terror se banhando com calma
Vem comigo, vem sem pressa
Índia negra, negra, índia presa
Um encontro de grandeza
Na paz dos povos somos um
Um por todos, todos por um

Índia, oh, índia,
Teu cabelo negro se soma ao meu
Índia, oh, índia,
Me acolhe nos braços teus

Da terra tomada como eu,
Dos filhos tirados como os meus,
Dos sonhos roubados, lá vou eu

Da terra tomada como eu,
Dos filhos tirados como os meus,
Dos sonhos roubados, lá vou eu

A valente índia guerreira,
Na memória da história
Teu legado, meu orgulho
E o teu fruto, cafusa sou eu
Cafusa sou eu
Cafusa sou eu

Composição: Roberta Funchal
<https://www.youtube.com/watch?v=qhwHcIgk4cw>

Então vem!

Edi Rock, Karol Conká, Negra Li, Projota, Rapadura, Rashid, Ricón Sapiência

Então vai!
Nó na garganta, grave no peito
Arrepiando, fazendo efeito
Sente a força, a garra, sente a presença
Sente o nosso poder fazendo a diferença
Chegando pesado, impondo respeito
Com ginga moleque, alma de rap, ho!
É o plano perfeito
A vontade eu aumento, a confiança é o momento
Com ímpeto, impulso, gana, vitória, glória é
questão de tempo

Vem! Não demora, vem! Se joga na pista
É pra cima, a hora é agora
Esse é o som da conquista
Felicidade grita, silêncio é barulheira
Tá na cara, tá na cor, a ginga brasileira

Tâmo sagaz, oh!
Quebrar a barreira, a gente é capaz
Só correndo atrás, lutando mais
Que o sonho tá vivo e ele se faz
Minha ambição, Minha missão
Pra chegar no topo com os pés no chão
O povo tá na praça, só na vibração
A energia passa pelo coração

São vários sotaques, cores e ritos
São várias vozes, tambores e mitos
Muitas histórias e um objetivo
A multidão unida num só grito

[REFRÃO]

Vem! Então, vem!
Vem! Então, vem!
Ouve esse chamado e vem!
A gente junto é mais do que cem
Tamo junto também
Tamo junto também
Vem! Então, vem!
Vem! Então, vem!
Ouve esse chamado e vem!
A gente junto é mais do que cem
Tamo junto também

Tamo junto também

Juntos pra vencer, fortes pra encarar
Do fio ao pavio, o desafio, objetivo pra se
superar
Mente afiada, mente afinada, mente aguçada,
pronta pra lutar
Nessa pegada, a minha chegada, tudo ou nada pra
comemorar

Que você vai passar, que vai conquistar
Vai olhar lá de cima, vendo o *flash* passar
Sua história feita com as próprias mãos
Se ontem foi atitude, hoje é superação

Eu falo, eu faço, eu sigo
Se quiser vencer começa contigo
Pra realizar pode contar comigo
Vem pro nosso lado, encontra um abrigo
Digo: Juntos somos mais, canta a voz, mais veloz
Tudo que aqui vem de nós, desata os nós, não
estão sós
O trecho após, o amor constrói o que ninguém
destrói

Olha só quem chegou, se juntou
E acreditou que tentar é querer
Meu suor multiplica o valor
Tipo uma semente, eu vim pra crescer
Sua vontade é poder, deixa os outros serem o que
quiser
Porque só você pode vencer sendo você

São vários sotaques, cores e ritos
São várias vozes, tambores e mitos
Muitas histórias e um objetivo
A multidão unida num só grito

[REFRÃO]

Composição: não encontrada
<https://www.youtube.com/watch?v=MHgQ6Hwjwhs>

Pele Preta Berimbrown

Não me conhece ainda, então venho lhe mostrar
Sacode a cabeleira e deixa a juba balançar
E não alisa não, o bonito é o sarará
A beleza que tá junto da pele pra acompanhar

Morena, de bata, crioula, nega, preta
Cultura rica, afro-brasileira
Assuma sua pele, atitude de primeira
Se tá tudo junto, é black com certeza
Afro ilê aiê

Venho te perguntar se o mundo negro já encantou você
Sua vida não faz sentido, valorize o viver
Faça o que quiser, eu valorizo por você

Pele Preta
Junto e misturado, atitude de primeira
Se não conhece o meu valor tá de bobeira
Passei óleo de dendê, tempero da cozinha

Pele Preta
Debaixo do sol, trabalhou a vida inteira
Viva pele brilha, que vira namorada
Protegido da minha terra
Minha mãe também é preta

Composição: João Góes Ozanan

<https://www.vagalume.com.br/berimbrown/pele-preta.html>

Sou Negro (I'm black)
Toni Tornado

Dessa vida, nada se leva.
Não sei porque você tem tanto orgulho assim
Você sempre me despreza
Sei que sou negro, mas ninguém vai rir de mim

Vê se entende, vê se ajuda
O meu caráter não está na minha cor
O que eu quero, não se iluda,
Por Deus, eu juro, é bom seguir o seu amor

Dessa vida, nada se leva.
Não sei porque você tem tanto orgulho assim
Você sempre me despreza
Sei que sou negro, mas ninguém vai rir de mim

Sou negro sim, sou negro sim, sou negro sim,
Mas ninguém vai rir de mim.

Composição: não encontrada

<https://www.youtube.com/watch?v=cN-NSLBOrvw>

Respeita minha pele preta
Marvyn

Respeita minha pele preta
Meu orgulho negro
E é assim que eu sou
Respeita meu cabelo crespo
Essa batida é o swing do gueto

Luta por liberdade
Está além de igualdade
Conceito entre os irmãos
União lealdade

Quando o chicote estralou
Quem chorou? Quem chorou
Quando o escravo chegou
Quem chorou? Quem sorriu?
Quantos morreram naquele navio
No plantio, no Brasil, ninguém viu?

Então não vem agora
Querer amenizar toda história
Todo o sangue escorrido
Estará sempre na memória
Fomos tratados como escória

Por isso eu sei de onde eu vim
Sei onde eu 'tô'
Sei onde eu quero chegar

Sei de onde vim
Já sei quem sou
Já sei qual é meu lugar

Então devolva minha coroa de rei
Quero de volta minha coroa de rei
Traga de volta minha coroa de rei

Composição: Marvyn/Ene Jhow/Dino black
<https://www.youtube.com/watch?v=ZBWKxgQoyyo>

Olhos Coloridos

Sandra de Sá

Os meus olhos coloridos
Me fazem refletir
Eu estou sempre na minha
E não posso mais fugir...

Meu cabelo enrolado
Todos querem imitar
Eles estão baratinados
Também querem enrolar...

Você ri da minha roupa
Você ri do meu cabelo
Você ri da minha pele
Você ri do meu sorriso...

A verdade é que você
(Todo brasileiro tem!)
Tem sangue crioulo
Tem cabelo duro
Sará, sarará
Sará, sarará
Sará crioulo...
Sará crioulo
Sará crioulo...

Os meus olhos coloridos
Me fazem refletir
Que eu tô sempre na minha
Não! Não!
Não posso mais fugir
Não posso mais!
Não posso mais!
Não posso mais!
Não posso mais!

Meu cabelo enrolado
Todos querem imitar
Eles estão baratinados
Também querem enrolar...

Cê ri! Cê ri! Cê ri!
Cê ri! Cê ri!
Cê ri da minha roupa
Cê ri do meu cabelo
Cê ri da minha pele
Cê ri do meu sorriso...

Mas verdade é que você
(Todo brasileiro tem!)
Tem sangue crioulo
Tem cabelo duro
Sará, sarará
Sará, sarará
Sará crioulo...

Sará crioulo
Sará crioulo...

Composição: Macau

<https://www.letras.mus.br/sandra-de-sa/74666/>

Ouçá-me
Tássia Reis

Ouçá meu grito
Invadindo os teus ouvidos
Tomando a sua casa e tocando lá no seu radin
Se o que eu digo lhe fizer algum sentido
É porque o sangue de rainha ginga e ainda corre em mim
Simples assim, os meios irão justificar os fins
E as manas e minas que colam comigo também tão a fim
De ter a sua voz ouvida e não mais oprimida
Equalizada por todos cafundós e confins

Eu fui até o pelorin pra entender
O que já nasci sabendo mas preciso comprovar pra crer
Que todo axé que faz minha pele tremer
É a força que me trará transcender pra acender
Uma fagulha ou um pavio que transforma em uma revolução
Um lacre primaveril
É engraçado mas não é brincadeira, viu?
Não toleramos mais o seu xiu

Ouçá-me, ouçá-me, ouçá-me
(Vai, presta atenção!)
Ouçá-me, ouçá-me, ouçá-me
(Vai, presta atenção!)
Ouçá-me, ouçá-me, ouçá-me

Eu tentei falar baixinho, mas ninguém me ouviu
Eu tentei com carinho e o sistema me agrediu
Então eu grito! Elevo o meu agudo ao infinito!
Pra mim não tem dilema
Se tá difícil eu explico

Não têm coragem de reconhecer o próprio erro
Não são capazes pois querem sair dessa ilesos
Eu sou a resposta e a pergunta do seu desespero
O que eles têm de idiotice meu som tem de peso
Meu rap é crespo, melanina nesse rolê
Meu hair é bom, o que já não faço questão de ser
Eu vou ser ruim que é pra você perceber
Se não me dar o valor ceis vão pagar muito caro pra ver

Ouçá-me, ouçá-me, ouçá-me
(Vai, presta atenção!)
Ouçá-me, ouçá-me, ouçá-me
(Vai, vai, vai)
Ouçá-me, ouçá-me, ouçá-me
(Presta atenção!)
Ouçá-me, ouçá-me, ouçá-me
(Vai. Presta atenção!)

A revolução será crespá
E não na TV
A revolução será crespá
Doa quem doer
A revolução será crespá
E você pode crer
Não podem conter, não podem conter

A revolução será crespá
E não na TV
A revolução será crespá
Doa quem doer
A revolução será crespá
Quem vai pagar pra ver?
Não podem conter, não podem conter

Composição: Tássia Reis
<https://www.vagalume.com.br/tassia-reis/ouca-me.html>

Negão
Chico César

Negam que aqui tem preto, negão
Negam que aqui tem preconceito de cor
Negam a negritude, essa negação
Nega a atitude de um negro amor

Mas pra todo canto aonde tem você, eu vou
Com o canto do olho lançam setas de indagação
Ainda não sabem, mas sabemos que opressão
É a falta de pressa do opressor pedir perdão
A quem não perdeu tempo e a muito tempo perdoou
Mas nunca esqueceu, não

Composição: Chico Cesar / Lazzo Matumbi
<https://www.lettras.mus.br/chico-cesar/negao/>

Quilombo, O Eldorado Negro
Gilberto Gil

Existiu
Um eldorado negro no Brasil
Existiu
Como o clarão que o sol da liberdade produziu
Refletiu
A luz da divindade, o fogo santo de Olorum
Reviveu
A utopia um por todos e todos por um

Quilombo
Que todos fizeram com todos os santos zelando
Quilombo
Que todos regaram com todas as águas do pranto
Quilombo
Que todos tiveram de tombar amando e lutando
Quilombo
Que todos nós ainda hoje desejamos tanto

Existiu
Um eldorado negro no Brasil
Existiu
Viveu, lutou, tombou, morreu, de novo ressurgiu
Ressurgiu
Pavão de tantas cores, carnaval do sonho meu
Renasceu
Quilombo, agora, sim, você e eu

Quilombo
Quilombo
Quilombo
Quilombo

Composição: Gilberto Gil e Waly Salomão

<https://www.vagalume.com.br/gilberto-gil/quilombo-o-eldorado-negro.html>

Carta a Mãe África

GOG

É preciso ter pés firmes no chão
Sentir as forças vindas dos céus, da missão
Dos seios da mãe África e do coração
É hora de escrever entre a razão e a emoção
Mãe! Aqui crescemos subnutridos de amor
A distância de ti, o doloroso chicote do feitor
Nos tornou algo nunca imaginável,
imprevisível
E isso nos trouxe um desconforto horrível
As trancas, as correntes, a prisão do corpo
outrora
Evoluíram pra prisão da mente agora
Ser preto é moda, concorda? Mas só no visual
Continua caso raro ascensão social
Tudo igual, só que de maneira diferente
A trapaça mudou de cara, segue impunemente
As senzalas são as ante salas das delegacias
Corredores lotados por seus filhos e filhas
Hum! Verdadeiras ilhas, grandes naufrágios
A falsa abolição fez vários estragos
Fez acreditarem em racismo ao contrário
Num cenário de estações rumo ao calvário
Heróis brancos, destruidores de quilombos
Usurpadores de sonhos, seguem reinando
Mesmo separado de ti pelo Atlântico
Minha trilha são seus românticos cânticos
Mãe! Me imagino arrancado dos seus braços
Que não me viu nascer, nem meus primeiros
passos

O esboço! É o que tenho na mente do teu
rosto
Por aqui de ti falam muito pouco
E penso... Qual foi o erro cometido?
Por que fizeram com a gente isso?
O plano fica claro... É o nosso sumiço
O que querem os partidários, os visionários
disso
Eis a questão
A maioria da população tem guetofobia
Anomalia sem vacinação
E o pior, a triste constatação
Muitos irmãos patrocinam o vilão
De várias formas oportunistas, sem perceber
Pelo alimento, fome, sede de poder
E o que menos querem ser e parecer
Alguém que lembre, no visual, você
A carne mais barata do mercado é a negra
A carne mais marcada pelo Estado é a negra
A carne mais barata do mercado é a negra
A carne mais marcada pelo Estado é a negra
Os tiros ouvidos aqui vêm de todos os lados
Mas não se pode seguir agachado
É por instinto que levanto o sangue Banto-
Nagô
E em meio ao bombardeio
Ainda reconheço quem sou, e vou

Mesmo ferido, ao fronte, ao combate
E em meio a fumaça, sigo sem nenhum
disfarce
Pois minha face delata ao mundo o que quero
Voltar pra África, viver meus dias sem terno
Eterno! É o tempo atual, na moral
No mural vendem uma democracia racial
E os pretos, os negros, afrodescendentes
Passaram a ser obedientes, afroconvenientes
Nos jornais, entrevistas nas revistas
Alguns de nós, quando expõem seus pontos de
vista
Tentam ser pacíficos, cordiais, amorosos
E eu penso como os dias tem sido dolorosos
E rancorosos, maldosos muitos são
Quando falamos numa mínima reparação
Ações afirmativas, inclusão, cotas?!
O opressor ameaça recalçar as botas
Nos mergulharam numa grande confusão
Racismo não existe e sim uma social exclusão
Mas sei fazer bem a diferenciação
Sofro pela cor, pelo patrão e o padrão
E a miscigenação, tema polêmico no gueto
Relação do branco, do índio com preto
Fator que atrasou ainda mais a autoestima
-Tem cabelo liso, mas olha o nariz da menina
O espelho na favela após a novela é o divã
Onde os parceiro sonha em ser galã
Onde as garota viaja

Quer ser atriz ao em vez de meretriz
Onde a lágrima corre como num chafariz
Quem diz! Que este povo foi um dia unido
E que um plano o trouxe para um lugar
desconhecido
Hoje amado (Ah! muito amado), são mais de
quinhentos anos
Criamos nossos laços, reescrevemos sonhos
Mãe! Sou fruto do seu sangue, das suas
entranhas
O sistema me marcou, mas não me arrebanha
O predador errou quando pensou que o amor
estanca
Amo e sou amado no exílio por Dona
Sebastiana

A carne mais barata do mercado é a negra
A carne mais marcada pelo Estado é a negra
A carne mais barata do mercado é a negra
A carne mais marcada pelo Estado é a negra

Composição: Genival Oliveira Gonçalves
<https://www.lettras.mus.br/gog/872766/>

Etnia
Chico Science

Somos todos juntos uma miscigenação
E não podemos fugir da nossa etnia
Índios, brancos, negros e mestiços
Nada de errado em seus princípios
O seu e o meu são iguais
Corre nas veias sem parar
Costumes, é folclore é tradição
Capoeira que rasga o chão
Samba que sai da favela acabada
É hip hop na minha embolada

É o povo na arte
É arte no povo
E não o povo na arte
De quem faz arte com o povo

Por de trás de algo que se esconde
Há sempre uma grande mina de conhecimentos
e sentimentos

Não há mistérios em descobrir
O que você tem e o que gosta
Não há mistérios em descobrir
O que você é e o que você faz

Maracatu psicodélico
Capoeira da Pesada
Bumba meu rádio
Berimbau elétrico
Frevo, Samba e Cores
Cores unidas e alegria
Nada de errado em nossa etnia.

Composição: Chico Science / Lúcio Maia
<https://www.lettras.mus.br/chico-science/83236/>

Zumbi
Jorge Ben Jor

Angola Congo Benguela
Monjolo Cabinda Mina
Quilo a Rebolo
Aqui onde estão os homens
Há um grande leilão
Dizem que nele há
Uma princesa à venda
Que veio junto com seus súditos
Acorrentados em carros de boi
Eu quero ver
Eu quero ver
Eu quero ver

Angola Congo Benguela
Monjolo Cabinda Mina
Quilo a Rebolo
Aqui onde estão os homens
De um lado cana de açúcar
Do outro lado cafezal
Ao centro senhores sentados
Vendo a colheita do algodão branco
Sendo colhidos por mãos negras
Eu quero ver
Eu quero ver
Eu quero ver

Quando Zumbi chegar
O que vai acontecer
Zumbi é senhor das guerras
É senhor das demandas
Quando Zumbi chega é Zumbi
É quem manda
Eu quero ver
Eu quero ver
Eu quero ver

Composição: Jorge Ben Jor

<https://www.vagalume.com.br/jorge-ben-jor/zumbi.html>

Falsa Abolição Preta Rara

Meninas negras não brincam com bonecas pretas!
Pretas! Pretas!
Infelizmente, é a realidade do Brasil.
Pobres meninas não brincam com bonecas pretas
Mas a Preta Rara tá aqui pra mostrar que pode ser diferente, firmeza?

Tô cansada do embranquecimento do Brasil
Preconceito racismo como nunca se viu
Meninas negras não brincam com bonecas pretas
Foi a Barbie que carreguei até chegar na minha adolescência

Por que não posso andar no estilo da minha raiz?
Sempre riam do meu cabelo e do meu nariz
Na novela, sou empregada
Da globo, sou escrava
Não me dão oportunidade aqui pra nada

Sou revolucionária, negra consciente
Eu uso corpo, eu me mostro, eu uso a mente
Sou afrodescendente, você vai ter que me aceitar assim
Cabelo enraizado é bom pra mim

Patrão puto que não me contrata na sua empresa
Porque não tenho o olho claro, ele não me aceita
Eu entro no seu comércio
Eu gasto, eu consumo
Aí você me aceita
Isso é um absurdo

Dinheiro não tem cor, mas pra trabalhar tem
Há muitos negros vencedores
Eu digo: Amém!

Negra mudando de cor não é normal
Pra poder ser aceita no país do real
Não troco minha raça por nada essa é minha casa
Mais uma negra militante mostrando a cara

Branco correndo tá atrasado
Preto correndo tá armado
E é tiro da polícia para todos os lados

[Refrão 4x]

Meninas negras
Não brincam com bonecas
Somos todos iguais
Porque você me rejeita

Genocídio cresce no meu povo negro
Por que temos que morrer só porque somos pretos?
Sistema racista, raça do diabo
Estão nas ruas correndo
Pra todos os lados
Com sangue no olho, em desespero
Pego o negro estudante e fala que é suspeito

20 de novembro, não nasceu por acaso
Zumbi Palmares lutou e foi executado
Teve sua cabeça cortada, salgada e espetada
Num poste em Recife na luta pela causa
Sou quilombola, descendente do guerreiro Zumbi
Não é você sistema opressor, que vai me impedir de sorrir,
13 de maio a falsa libertação dos escravos
A princesinha nos livrou e nos condenou
O sistema fez ela passar como adoradora
Não nos deu educação e nem informação
Lei do sexagenário aí foi tiração
Libertaram os negros velhos, sem nenhuma condição
Lei do Ventre livre ou do condenado
Pequenos negros sem pai, para todos os lados

Na escola, não aprendi
Aprendi na escola da vida
Estudei me informando atrás de sabedoria

Nossa cultura esquecida
Apagada e queimada
Na escola nunca ouvi
Falar de Dandara

Somos obrigados aprender o que é de fora
Europa, Oriente, essa cultura não é nossa

Discriminam as religiões afro brasileiras
Falando que é do diabo
Que é coisa feia
Mas temos que se mexer para acreditar
Pra obter conquista é preciso reivindicar

Rei de quilombos que foram no passado
De sua terra natal, foram arrancados
Agora tentam esconder com cotas de igualdades
Se a maior parte do preconceito
Está na faculdade

Dominam os meus pensamentos
Como grande líder negro
Eu não espero e vou à luta
De tudo o que quero
Sou puro sangue envenenada
Corpo mente e alma
Não tenho medo de nada
Brasil é minha casa

Honro minha raiz
Luto pela minha cor
Tudo o que busco é por nós
E faço com amor
Cabelo pixaim, da pele preta
Aparência não me rebaixa, porque amo ser negra
Sou mais uma guerreira que como Dandara
Quero conhecer o meu passado
E família na África

Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaela
Gabriela Rafaela Gonzales de Bragança,
Que se fez de boazinha, aquela cretina
Assinou abolição, sem nos dar esperança

Quem lutou subiu, quem não lutou ainda espera
Quilombos formados
Hoje codinome favela

Algemar minhas verdades
Ninguém é dono dela
Queimar arquivos não consolam os negros dessa
terra
A porcentagem não sei, por isso não citarei
A grande parte dos carentes são negros eu sei

Eu não consigo me ver tomando chibatada
Roupa rasgada na mata violentada
Brasil o primeiro em miscigenação
Mistura de raça camufla a História da nação

Algemas nos punhos e nos pensamentos
Ainda somos escravos mesmo não querendo
A luta continua só você não vê
Abra os olhos que ninguém abrirá pra você

Olha lá, olha lá
Mais um navio negreiro
Mais mão de obra de graça
Pros canavieiros
Será que a história da época
Era a mesma de hoje
Promessas de empregos
Que iludem a cabeça dos negros

Muitos morreram antes da liberdade sonhada
Gotas de sangue escorriam do couro da chibata
Lágrimas derramadas pra muitos foi piada
Soltos das correntes
Sem poder voltar pra casa

[Refrão 4x]

Meninas negras
Não brincam com bonecas
Somos todos iguais
Porque você me rejeita

Composição: Preta Rara

<https://www.vagalume.com.br/preta-rara/falsa-abolicao.html>

Que Bloco É Esse Ilê Aiyê (part. Criolo)

Hoje terra vai tremer
Hoje terra vai tremer
Vulcão da Bahia é tambor de Ilê Aiyê
Vulcão da Bahia é tambor de Ilê Aiyê

Onda para na pedra
Pedra não segura mar
Quem segura mar é lua
Num agrado pra Iemanjá

Liberdade é um bairro
Que a alma quer visitar
Lave a boca, limpe os pés
Na pisa que for levar

Somo crioulo doido e somo bem legal.
Temos cabelo duro é só no black power.
Somo crioulo doido e somo bem legal.
Temos cabelo duro, somos black power.

Que bloco é esse? Eu quero saber.
É o mundo negro que viemos mostrar pra você
(pra você).
Que bloco é esse? Eu quero saber.
É o mundo negro que viemos mostrar pra você
(pra você).

Branco, se você soubesse o valor que o preto tem.
Tu tomavas banho de piche pra ficar negrão
também.
E não te ensino a minha malandragem.
Nem tão pouco minha filosofia, não?
Quem dá luz a cego é Bengala Branca e Santa
Luzia.

Que bloco é esse? Eu quero saber.
É o mundo negro que viemos mostrar pra você
(pra você).
Que bloco é esse? Eu quero saber.
É o mundo negro que viemos mostrar pra você
(pra você).

Somos crioulo doido, somo bem legal.
Temos cabelo duro, somos black power.
Somo crioulo doido, somo bem legal.
Temos cabelo duro, somos black power.

Eu sou filho de preto
Sou brasileiro
Eu sou filho de preto
Sou brasileiro

Branco, se você soubesse o valor que o preto tem.
Tu tomavas banho de piche pra ficar negrão
também.
E não te ensino a minha malandragem.
Nem tão pouco minha filosofia, não?
Quem dá luz a cego é Bengala Branca e Santa
Luzia.

Que bloco é esse? Eu quero saber.
É o mundo negro que viemos mostrar pra você
(pra você).
Que bloco é esse? Eu quero saber.
É o mundo negro que viemos mostrar pra você
(pra você).

Somos crioulo doido, somo bem legal.
Temos cabelo duro, somos black power.
Somo crioulo doido, somo bem legal.
Temos cabelo duro, somos black power

Composição: Paulinho Camafeu
<https://www.lettras.mus.br/ile-aiye/285914/>

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
E.E.B. Hilda Teodoro Vieira
Estagiárias-professoras: Grazielle Nack e Jaíni Teixeira

Plano da oficina 2 (14/11 – 9:30 às 12:00)

Tema: criação de peças radiofônicas e radiobiografias.

Objetivo geral: Produzir peças radiofônicas e radiobiografias, considerando a adequação ao gênero e à temática da Semana da Consciência Negra.

Objetivos específicos:

- Reconhecer a importância dos elementos que constituem uma peça radiofônica e uma radiobiografia para o entendimento da mensagem a ser transmitida.
- Desenvolver a criatividade na produção de peças radiofônicas e radiobiografias com o tema da Consciência Negra.
- Aprimorar o modo de expressão oral por meio de leitura e ensaio do que será falado durante a execução do projeto na rádio.

Conteúdo:

- Gênero Peça radiofônica: função social, esfera de circulação e forma de composição
- Gênero Radiobiografia: função social, esfera de circulação e forma de composição.
- Análise do discurso de empoderamento do sujeito negro e sua inserção na sociedade brasileira atual, entre outras discussões referentes ao tema da Consciência Negra.
- Produção textual de radiobiografia e peça radiofônica.

Metodologia:

- As estagiárias-professoras irão iniciar a oficina apresentando a proposta de criar peças radiofônicas e radiobiografias, explicando o conceito de cada desses gêneros e apresentando exemplos através de slides (alguns exemplos serão tirados de propagandas criadas para a data, como as disponíveis na página <https://cidadeverde.com/noticias/207167/no-dia-da-consciencia-negra-relembre-frases-celebres-contr-o-racismo>).
- Após, explicarão que as peças serão lidas e apresentadas durante a programação da rádio escolar, no intervalo entre as músicas, apresentação esta a ser realizada pelos próprios alunos, que podem se organizar e eleger um responsável do grupo

para ler as produções e apresentar as canções no dia que lhe foi destinado para apresentação na rádio.

- Será exibido um vídeo no qual é apresentada uma biografia do cantor/banda, e também exemplos de apresentação de uma rádio, para que, concluído o vídeo, as estagiárias-professoras possam ressaltar elementos importantes, desde entonação de voz até dados relevantes a serem selecionados para a apresentação na rádio.
- Concluída a exposição, os alunos receberão matérias impressas pré-selecionadas pelas estagiárias-professoras sobre os cantores/bandas eleitos pelos grupos para programação musical para que criem a radiobiografia que será apresentada (Anexo 2).
- Com a conclusão da radiobiografia, cada grupo será orientado a criar sua peça radiofônica com o tema “Semana da Consciência Negra” para ser apresentada ao longo da semana na rádio.
- Depois de criarem as peças, os grupos ensaiarão como será feita a leitura das peças na rádio, sendo essa atividade mediada pelas estagiárias-professoras, que darão dicas de como eles podem melhorar o modo como estão se expressando.

Recursos didáticos:

- Sala de informática.
- Computadores.
- Aparelho de som.
- Projetor multimídia
- Conteúdo sobre os cantores/bandas impressos. (5 impressões).
- Vídeo compilado pelas estagiárias-professoras.

Avaliação: Será avaliado o entendimento da estrutura dos gêneros radiobiografia e peça radiofônica durante a análise e criação de produções escritas nos gêneros propostos, por meio da adequação à estrutura apresentada e ao tema da Semana da Consciência Negra.

Referências:

BALTAR, M. **Letramento radiofônico na escola**. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ld/v8n3/08.pdf>. Acesso em: 16/10/2017.

STREET, B. **Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento**. Teleconferência Brasil sobre o letramento, outubro de 2003.

Anexos:

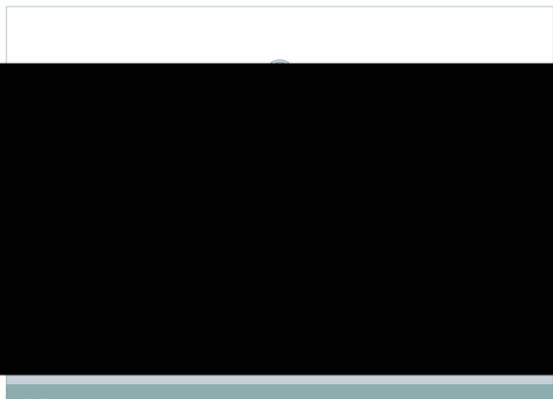
ANEXO 1 - SLIDES

RÁDIO HILDA EM CORES

CRIANDO UM ROTEIRO PARA A RÁDIO

Como falar na rádio?

- O texto de rádio deve ser escrito para ser falado.
- Três princípios básicos facilitam a recepção da mensagem e também a locução:
 1. Objetividade: fala direta e coloquial, com frases curtas;
 2. Clareza: evitar frases de duplo sentido para melhorar a compreensão da mensagem;
 3. Brevidade – passar a mensagem no menor espaço de tempo, para isso prefira a frase na ordem direta (sujeito+verbo+predicado).



Roteiro para rádio

- O que é um roteiro para um programa de rádio?
É o detalhamento sequencial de todas as ações e recursos técnicos necessários para a realização de um programa.

Como criar um roteiro

- Escolha o tema. **Rádio Hilda em cores**
- Escolha o texto base.
- Adapte o texto básico para a locução (linguagem radiofônica).
- Escolha as trilhas musicais.
- Organize a sequência para a produção do programa.

RADIOBIOGRAFIA

- A radiobiografia nada mais é do que a criação de uma biografia de personalidades famosas, normalmente do mundo da música, para ser apresentada oralmente na rádio. Funciona como elemento contextualizador das músicas escolhidas para o programa, fazendo o ouvinte saber mais sobre quem canta a música, suas referências, seu gênero musical, entre outros dados relevantes.

PEÇA RADIOFÔNICA

- Peça radiofônica: ainda bastante usada na Europa, a peça radiofônica é uma produção unitária que pode ser tanto a dramatização de uma situação social pertinente à realidade da comunidade que a produz (sociodrama) como uma produção original ou a adaptação de um texto (livro, conto, crônica, história em quadrinhos, etc).
- **Ex:**
- “Sonho com o dia em que todos se levantarão e compreenderão que fomos feitos para viver como irmãos” (Nelson Mandela).
- “O meu cabelo não é ruim, ruim é seu racismo”.

EXEMPLO DE ROTEIRO

- **Apresentação**
- BOM DIA, GALERA DO HILDA! HOJE VAMOS PARA MAIS UM DIA DA SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA, SE LIGA NESSA PROGRAMAÇÃO ESPECIAL.
- **Música “Mulheres Negras” - Yzalú**
- **Radiobiografia**
- ESSA FOI A VOZ DE YZALÚ, CANTORA PAULISTA QUE VIRALIZOU NO YOUTUBE COM A MÚSICA “MULHERES NEGRAS”, MÚSICA QUE COMBATE O RACISMO E EXALTA A BELEZA NEGRA.

EXEMPLO DE ROTEIRO

- **Música “Identidade” – Alessandra Crispin**
- ESSA FOI A MÚSICA “IDENTIDADE”, DA CANTORA ALESSANDRA CRISPIN, QUE JÁ PARTICIPOU DO THE VOICE E TEM UM PROJETO QUE LEVA ESSE SOM E OUTROS PRAS ESCOLAS DO RIO DE JANEIRO, FAZENDO UM TRABALHO DE CONSCIENTIZAÇÃO DA LUTA CONTRA O RACISMO NO BRASIL.
- **Peça radiofônica do dia**
- NÃO SOU DESCENDENTE DE ESCRAVOS! EU DESCENDO DE SERES HUMANOS QUE FORAM ESCRAVIZADOS. (MAKOTA VALDINA).
- E ESSA FOI A PROGRAMAÇÃO DO DIA HOJE, GALERA. AMANHÃ SEGUIMOS COM A RÁIO HILDA EM CLIMA DE LUTA.

REFERÊNCIAS

- <http://quilombodosopapo.redelivre.org.br/files/2015/09/Roteiro-para-R%C3%A1dio.pdf>
- http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Graduacao/CL/PIPE/A_estrutura_do_texto_radiofonico_-_Prof.a_Dra_Paula_Renata_Camargo_de_Jesus.pdf
- <https://cidadeverde.com/noticias/207167/no-dia-da-consciencia-negra-relembre-frases-celebres-contr-o-racismo>
- GOLIN, Cida. *Princípios básicos da redação radiofônica*. Disponível em: https://www.ufrgs.br/estudioderadio/wp-admin/textos/0000orientacoes_redacao_radio.pdf. Acesso em: 13/11/17.

ANEXO 2 - BIOGRAFIAS

GRUPO 1 - SEGUNDA-FEIRA

Sandra de Sá - Sandra Cristina Frederico de Sá, nasceu no dia 27 de agosto de 1955, em Pilares, subúrbio da cidade do Rio de Janeiro. Seu bairro de origem é também o berço da mais crítica de nossas Escolas de Samba, a "Caprichosos de Pilares", o que, provavelmente, deve ter influenciado Sandra. Seu pai era baterista e a família possuía tantos músicos que, nos bailes de carnaval, os Sá tocavam em diferentes clubes da cidade, participando de várias bandas. No subúrbio, o rádio da época ensinava democracia, e grandes nomes internacionais, como Ray Charles e Sara Vaughan, conviviam com a prata da casa, Moreira da Silva, Cauby Peixoto e Lana Bittencourt, entre outros. Admirando ídolos de várias línguas e estilos, a menina Sandra aprendeu que o coração do povo abriga todas as tendências e fez dessa lição uma diretriz para nortear seu futuro artístico. Encantada com as músicas que ouvia nos bailes, começou a aprender violão sozinha, e não se conformou em tocar só o que ouvia; partiu como as primeiras composições, logo concorrendo com êxito em festivais estudantis. Em 1977, começou a estudar psicologia e ingressou em sua primeira gravadora. Fez também muitas viagens pelo interior do Brasil. Por suas letras belíssimas e de forte conscientização social, ganhou prêmios como cantora e compositora em diversos festivais de Música Brasileira, nos quais, em geral, era inscrita pela amiga e grande fã Fafy Siqueira.

Referências:

<https://www.letras.com.br/biografia/sandra-de-sa>

<https://som13.com.br/sandra-de-sa/biografia>

Cores de Aidê - Cores de Aidê surge no cenário artístico de Florianópolis, Santa Catarina, em 21 de fevereiro de 2015 por meio da concretização de um sonho antigo da Sarah Massí, atualmente regente e percussionista, que pretendia formar uma banda de samba reggae e, reunindo as mulheres em seu entorno, tudo foi possível. Ao longo da sua existência a Banda Cores de Aidê agregou mulheres diversas em seus percursos, histórias, estéticas, vivências, gerações e procedências através da percussão, fazendo-as convergir na compreensão da potência artística e política do samba reggae e na construção coletiva da identidade conceitual da criação da logomarca, composições autorais, espetáculos cênico, repertório, figurino, coreografia, arranjos de vozes, entre outros. A percepção de um meio percussivo hegemonicamente masculino no cenário musical do país, especialmente no samba reggae, torna a proposta de uma formação de mulheres estrategicamente transgressora e provocativa, uma vez que, por meio dos seus tambores, fazem suas vozes ecoarem e serem ouvidas. É, também, por meio do samba reggae que as Cores de Aidê vislumbram um caminho possível de se posicionar artístico-politicamente no Sul do Brasil. As atividades da banda são ensaios semanais e rodas de conversa periódicas com o "Bloco Cores de Aidê" que, atualmente, contam com mais de 100 mulheres e teve seu primeiro carnaval em 2017, inaugurando o que muitas chamaram de "carnaval feminista". Nosso repertório, composições autorais e temas das rodas de conversa contemplam os debates sobre gênero e racismo.

Referência:

<http://coresdeaide.com.br/sobre-a-banda/>

GRUPO 2 - TERÇA-FEIRA

Berimbrown - Berimbrown surgiu de um projeto sócio-cultural em 1991 na comunidade do Maria Goretti, pela direção de seu fundador Mestre Negoativo, capoeirista. Lançou seu primeiro CD em 2000 com participação do Soul Man Gerson King Combo, em 2002 o CD Aglomerado com participações de, Sandra de Sá e Thaide, em 2005 o CD Irmandade com participação de Milton Nascimento em “Fé Cega, Faca Amolada”. Berimbrown construiu uma caminhada em território nacional e no exterior, 05 turnês pela Europa e três nos Estados Unidos. Em seu novo show intitulado “Lamparina” mantém acesa a cultura, a memória e a tradição das comunidades quilombolas de Minas Gerais. Com um repertório que enfatiza e reconsidera a trajetória dos trabalhadores historicamente situados à margem da sociedade, as letras tratam desde um passado de trabalho forçado nos garimpos até o domínio do capital financeiro na contemporaneidade. A musicalidade da matriz africana ancestral se faz presente juntamente com o groove dos anos 70. Num embalo de James Brown, Hip-Hop, capoeira, vissungos e os tambores de Minas, o Berimbrown promete fazer o público se agitar ao som de músicas que animam não só ao corpo, mas que também convidam o ouvinte a repensar os desdobramentos do atual processo de globalização.

Referência:

<https://www.berimbrown.com/>

Karol Conka - Karoline dos Santos Oliveira, mais conhecida como Karol Conka, nasceu em Curitiba, Paraná, em 1987. Ela é uma rapper, cantora e compositora brasileira. Considerada internacionalmente como a M.I.A. do Brasil, Conka é uma das principais representantes do rap feminino dos últimos tempos. Em 2002 aos 16 anos, Karol participou de um concurso escolar de rap e ganhou o mesmo, e desde foi aos poucos apresentando a sua carreira. Participou de um grupo chamado "Agamenon", onde foi lançado uma mixtape com sete canções, embarcando depois por dois anos no grupo "Upground" promovendo-se com dois mixtapes. Após disponibilizar no myspace algumas músicas soltas, em 2011 finalmente Karol disponibilizou seu primeiro EP intitulado "PROMO". Depois de algumas parcerias, encontrou Nave que foi produtor de seu primeiro álbum "Batuk Freak", este lançado em 2013, rendeu hits como "Boa Noite", "Gandaia" e "Olhe-se" o som casou perfeitamente com a sua proposta de fazer um rap com sonoridade universal, aliando batidas pesadas a timbres orgânicos, levando influências da música eletrônica, funk carioca, dubstep, reggae, r&b, soul e repente.

Referência:

<https://www.last.fm/pt/music/Karol+Conka/+wiki>

GRUPO 3 - QUARTA-FEIRA

Cores de Aidê - Cores de Aidê surge no cenário artístico de Florianópolis, Santa Catarina, em 21 de fevereiro de 2015 por meio da concretização de um sonho antigo da Sarah Massí, atualmente regente e percussionista, que pretendia formar uma banda de samba reggae e, reunindo as mulheres em seu entorno, tudo foi possível. Ao longo da sua existência a Banda Cores de Aidê agregou mulheres diversas em seus percursos, histórias, estéticas, vivências, gerações e procedências através da percussão, fazendo-as convergir na compreensão da potência artística e política do samba reggae e na construção coletiva da identidade conceitual da criação da logomarca, composições autorais, espetáculos cênico, repertório, figurino, coreografia, arranjos de vozes, entre outros. A percepção de um meio percussivo hegemonicamente masculino no cenário musical do país, especialmente no samba reggae, torna a proposta de uma formação de mulheres estrategicamente transgressora e provocativa, uma vez que, por meio dos seus tambores, fazem suas vozes ecoarem e serem ouvidas. É, também, por meio do samba reggae que as Cores de Aidê vislumbram um caminho possível de se posicionar artístico-politicamente no Sul do Brasil. As atividades da banda são ensaios semanais e rodas de conversa periódicas com o “Bloco Cores de Aidê” que, atualmente, contam com mais de 100 mulheres e teve seu primeiro carnaval em 2017, inaugurando o que muitas chamaram de “carnaval feminista”. Nosso repertório, composições autorais e temas das rodas de conversa contemplam os debates sobre gênero e racismo.

Referência:

<http://coresdeaide.com.br/sobre-a-banda/>

Chico César - Francisco César Gonçalves, nascido em 26 de janeiro de 1964, no município de Catolé do Rocha, interior da Paraíba, aos dezesseis anos Chico César foi para a capital João Pessoa, onde se formou em jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba, ao mesmo tempo em que participava do grupo Jaguaribe Carne, que fazia poesia de vanguarda. Pouco depois, aos 21 anos, mudou-se para São Paulo. Trabalhando como jornalista e revisor de textos, aperfeiçoou-se em violão, multiplicou suas composições e começou a formar o seu público. Sua carreira artística tem repercussão internacional. A maioria de suas canções são poesias de alto poder de encanto lingüístico. Em 1991, foi convidado para fazer uma turnê pela Alemanha, e o sucesso o animou a deixar o jornalismo para dedicar-se somente à música.

Chico César sobre seu álbum:

Quando digo “respeitem meus cabelos, brancos” não falo só de mim nem quero dizer só isso. Debaixo dos cabelos, o homem como metáfora. A raça. A geração. A pessoa e suas idéias. A luta para manter-se de pé e mantê-las, as idéias, flecheiras. É como se alguém dissesse “respeitem minha particularidade”. É o que eu digo, como artista brasileiro nordestino descendente de negros e índios. E brancos. Ou ainda no plural: minhas particularidades mutantes. Fala-se em tolerância. Pois não é disso que se trata. Trata-se de respeito.

Referência:

<http://chicocesar.com.br/index.php/>

GRUPO 4 - QUINTA-FEIRA

GOG - Genival Oliveira Gonçalves, nascido em Sobradinho, Distrito Federal, em 1965, mais conhecido como GOG, é um rapper e escritor brasileiro. Foi um dos pioneiros do movimento rap em Brasília. Desde o início da carreira, ganhou a alcunha de Poeta. Seu mais recente trabalho é o DVD Cartão Postal Bomba!, lançado em fevereiro de 2009. Seu primeiro disco de carreira foi gravado no ano de 1992. No final dos anos 80, em Brasília, o "Movimento hip hop" começou a crescer gradatamente, mesmo independente de outros estados. Genival adota o pseudônimo GOG - que significa a inicial de seu nome completo e inicia sua carreira artística. A aproximação com a literatura marginal e os movimentos culturais são essenciais para a sobrevivência do texto e do teor evolutivo do Hip Hop, segundo Gog, que estreita alianças com vários ativistas: Sérgio Vaz, Cooperifa, Férrez, IdaSul, Nelson Maka, Coletivo Blackitude, Alessandro Buzo, Suburbano Convicto e Sacolinha Graduado, entre vários outros.

Referência:

<http://www.noticiario-periferico.com/2009/05/biografia-de-genival-oliveira-goncalves.html#.WgpGh1tSzIW>

Marvyn - Morador da Candangolândia desde 1997, o cantor Marvyn se apresenta em casas noturnas, bares e restaurantes da capital e já revelou ter desenvolvido gosto pela música começou aos nove anos, quando ganhou o primeiro violão do pai. Desde 2008, começou a se profissionalizar e de lá para cá vem ganhando popularidade na capital com ajuda da internet. Seu estilo musical próprio, a Música Negra Brasileira (MNB), tem influências de outras sonoridades. O repertório mistura músicas autorais e clássicos da MPB, reggae, funk, samba, soul, entre outros. O artista afirma que recebeu a “benção” da apresentadora Regina Casé durante uma participação no programa “Esquenta”, da TV Globo. Marvyn também atuou em espetáculos musicais no teatro.

Referência:

<https://www.facebook.com/CDG00/videos/1452752661692900/>

GRUPO 5 - SEXTA-FEIRA

Gerson King Combo - Gerson Combo, nasceu em Madureira (subúrbio do Rio de Janeiro) e começou sua carreira fazendo dublagem no programa Hoje é Dia de Rock, de Jair de Taumaturgo. Depois, levado pelo irmão, começou a dançar no Jovem Guarda, de Roberto Carlos. Com a soul music tomando seu corpo, Gerson cantou nas bandas de Wilson Simonal e Erlon Chaves e ajudou a fundar a Banda Black Rio. Mas foi em carreira solo, rebatizado de Gerson King Combo (em homenagem à banda de soul e jazz King Curtis Combo), que ele experimentou o auge de sua popularidade, como o Rei dos Bailes Black cariocas. Os dois volumes da série de LPs "Gerson King Combo" espalharam sucessos como "Mandamentos Black", "Jingle Black" e "O Rei Morreu". Nos anos de 1990, há um bom tempo afastado do cenário musical, Gerson começou a ser reconhecido, por causa de suas falas improvisadas sobre a base funk, como precursor do rap nacional. Chegou então a gravar com o grupo Artigo 288 e a participar de shows de soul music, com o grupo Funk Como Le Gusta, tradicional banda Funk dos Bailes carioca.

Referência:

<https://www.lettras.com.br/biografia/gerson-combo>

Ilê Aiyê – Criado em 1974, a riqueza sonora e plástica do bloco Ilê Aiyê é atração no Carnaval de Salvador. Hoje em dia, mais de 3 mil pessoas estão associados ao Ilê, trabalhando ativamente na manutenção desta tradição carnavalesca, que muito contribuiu em resgatar a história do negro no Brasil. O Ilê Aiyê ficou conhecido depois de revolucionar o Carnaval baiano ‘invadindo’ a avenida com um bloco composto por 100 integrantes – todos negros -, na década de 70, e após criar o concurso da Beleza Negra, que valoriza a auto-estima da juventude afrodescendente no Estado. Hoje, o Ilê Aiyê é patrimônio da cultura baiana, um marco no processo de reafricanização do Carnaval da Bahia. A batida do Ilê resgatou o elo que une a Bahia à África e despertou a Salvador Negra.

Referências:

<https://www.geledes.org.br/ile-aiye-e-criolo-que-bloco-e-esse-o-primeiro-videocli-pe-de-um-bloco-afro-da-bahia/>

<http://www.ileaiyeoficial.com/o-bloco/>

Criolo – Kleber Cavalcante Gomes, nascido na cidade de São Paulo em 1975, é mais conhecido como o rapper Criolo Doido ou simplesmente Criolo. Porém sua música não se prende somente ao termo rap. Soul, MPB, samba, hip hop e afrobeat são alguns dos gêneros pelos quais suas canções transitam. Apesar de ter começado a cantar rap em 1989, Criolo somente começou a aparecer no cenário musical na primeira década dos anos 2000. Com o nome artístico de Criolo Doido, o rapper lançou o seu primeiro álbum ‘Ainda Há Tempo’ em 2006. Nesse mesmo ano, Criolo fundou a Rinha de MC's, evento promovendo as batalhas de improvisação, shows, exposições de graffiti e fotografias. Foi na Rinha de MC's que o rapper gravou o DVD "Criolo Doido Live in SP", lançado em 2010. Em 2011, mudou o nome artístico de Criolo Doido para Criolo e lançou o seu segundo álbum, ‘Nó na Orelha’. Em 2017, lançou um novo álbum chamado ‘Espiral de Ilusão’.

Referência:

<http://www.muzplay.net/musica/criolo>

3.2 ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA²

3.2.1. Relatos das aulas

Aula 01 – Segunda-feira (13/11/17)

A aula iniciou na sala de aula do 9º ano, nós e o professor de língua portuguesa. Fizemos a chamada dos inscritos na oficina e, em seguida, nós duas nos apresentamos e apresentamos o projeto da oficina. A estagiária-professora Grazi apresentou a oficina, explicando que prepararíamos uma programação musical temática para a rádio Hilda, com o tema Semana da Consciência Negra. Ela explicou como seria a dinâmica das aulas e a estagiária-professora Jaíni deu continuidade à explicação, introduzindo o tema Consciência Negra, provocando a participação dos alunos, o que se mostrou bastante positivo. Em seguida, direcionamos os alunos à sala de informática para iniciar os trabalhos do dia, acompanhados pela professora de matemática e por uma professora auxiliar que trabalha juntamente com um aluno com necessidades especiais e, momentos depois, o professor de língua portuguesa também se juntou a nossa oficina.

Na sala de informática, nós entregamos cópias da letra da canção Mulheres Negras, da cantora Yzalur e pedimos que os alunos sentassem em duplas para a escuta da música e leitura da letra. A estagiária-professora Jaíni colocou a música para tocar, todos ouviram a canção, e em seguida houve análise e discussão da letra, mediadas por nós. Dentre as questões abordadas, foi falado sobre a escravidão, a visão que as pessoas brancas tinham das pessoas negras, sobre a segregação racial dentro dos mais variados contextos, sobre a Segunda Guerra Mundial, entre outros pontos que a canção traz. Alguns alunos participaram bastante da discussão, em especial os alunos do nono ano, tendo também aqueles que ficaram completamente dispersos. Nesse momento, o sinal bateu para o intervalo.

Na volta do intervalo, nós destacamos alguns pontos que foram mais frequentes na canção, como todos puderam perceber durante a análise. Esses pontos foram anotados no quadro, sendo eles: 1. Retomada histórica; 2. Exaltação da beleza natural negra; 3. Crítica ao preconceito; 4. Elementos culturais e serviram, mais tarde, para auxiliar as análises das músicas feitas pelos alunos. Para a etapa seguinte, explicamos

² Como as oficinas foram ministradas por ambas as estagiárias-professoras, decidimos descrever os relatos na 1ª pessoa do plural, optando pela 3ª pessoa do singular quando a ação descrita tiver envolvimento de apenas uma das duas estagiárias-professoras.

que a turma se dividiria em cinco grupos de cinco alunos, cada grupo ficaria responsável por um dia de programação da rádio. Houve muita resistência ao formar os grupos, pois como havia alunos de turmas distintas, alguns alunos se negaram a entrar em grupos que não fossem de suas turmas, mas, no fim, todos concordaram e os grupos foram formados.

Cada grupo, então, recebeu quatro letras para escuta e análise. Orientamos os alunos a primeiramente ler e analisar as letras, observando se elas contemplavam os quatro pontos que destacamos na lousa anteriormente, e cada um desses pontos deveria ser apresentado depois aos colegas. Após a análise, eles elegeram duas das quatro canções para irem ao ar na rádio. Durante o trabalho de escolha e análise, estivemos mediando constantemente as análises, sempre provocando os alunos a observarem mais atentamente elementos nas letras que fizessem referência a algum dos critérios apontados na lousa ou a outras questões que poderiam ser interessantes ao tema.

Durante essa análise, as músicas que haviam sido distribuídas para eles foram tocadas como música de fundo. Os alunos, ao mesmo tempo que faziam a análise, conversavam bastante, estando, em alguns casos, bem divididos, sendo que enquanto duas pessoas pesquisavam sobre uma música, as outras três do mesmo grupo pesquisavam sobre a outra música. Depois de eles terem decidido, a conversa paralela foi algo crescente e difícil de controlar por causa do modo como a sala de informática se distribuiu, estando os alunos muito próximos uns dos outros.

Após a discussão dos alunos, orientamos cada grupo a apresentar as canções escolhidas e, então, todos ouviram a letra apresentada, o que muitas vezes causou surpresa aos alunos, pois esperavam um estilo musical e encontravam outro, surpresa essa, ao que se pôde perceber, positiva. Também nós fomos surpreendidas positivamente, em algumas situações, por verem que eles conheciam algumas das músicas trazidas, mesmo que estivessem distantes do gosto deles.

A apresentação das canções ocorreu do seguinte modo, a estagiária-professora Jaíni colocava para tocar as músicas escolhidas pelo grupo, ao final de cada música pedíamos que os alunos explicassem quais elementos mencionados pelas estagiárias-professoras estavam presentes na música, por qual razão eles haviam escolhido aquelas músicas e se elas eram o que eles esperavam.

Nós pedimos aos grupos para pensarem em músicas que eles gostassem e que estivessem relacionadas ao tema discutido, e trouxessem na aula seguinte como sugestão. Ao final da aula, recolhemos as letras e avisamos os alunos que no segundo dia de oficina eles continuariam com a preparação da programação. As músicas que foram escolhidas pelos alunos são: *Olhos Coloridos*, da Sandra de Sá, *Negra*, da Cores de Aidê, *Bate a poeira*, da Karol Conka, *Pele preta*, do Berimbrown, *Índia Negra*, da Cores de Aidê, *Respeitem meus cabelos, brancos*, do Chico César, *Carta à mãe África*, do GOG, *Respeita minha pele preta*, do Marvyn, *Mandamentos black*, do Gerson King Combo e *Que bloco é esse?*, do Criolo ft. Ilê Aiyê.

Aula 02 – Terça-feira (14/11/17)

A aula foi iniciada na sala do 9º ano, quando retomamos o trabalho realizado no dia anterior e pedimos aos grupos que se juntassem novamente, o que não ocorreu naquele momento. Após, foi apresentado o plano do dia e realizada a chamada pela estagiária-professora Grazielle, enquanto Jaíni estava montando o projetor multimídia. Nesse dia, apenas a professora auxiliar do aluno com necessidades especiais estava acompanhando a oficina, estando presente só mais tarde e em apenas alguns momentos a professora orientadora do estágio.

Em seguida, iniciamos a apresentação em slides, sendo explicado que, a partir da apresentação, cada grupo prepararia a pauta do dia de programação da rádio. A pauta incluiria apresentação, radiobiografia dos cantores selecionados, uma peça radiofônica e encerramento, além das músicas já selecionadas na aula anterior. Nos slides, apresentamos, pausadamente, cada ponto que os alunos teriam que montar em sua pauta, ilustrando com exemplos e dando espaço para os alunos que tinham dúvidas e/ou sugestões se expressarem. O grupo estava bastante tranquilo nesse dia, tendo poucos alunos faltado.

Após a apresentação, falamos da postura do apresentador de rádio, focando na entonação, o que foi exemplificado com dois vídeos de apresentações de rádio ao vivo. Os alunos pareceram gostar do fato de as apresentações serem curtas, não tendo dificuldades em entender o que se pedia, mas, ao mesmo tempo, mostrando resistência ao fato de terem que falar na rádio. Ao fim da apresentação, a bateria do notebook que estava sendo utilizado acabou, fazendo com tivéssemos que interromper a aula, usando

o tempo que tínhamos para escrever no quadro a pauta que os alunos deveriam escrever, logo em seguida o sinal do intervalo bateu.

Ao voltarem para sala após o intervalo, encerramos a apresentação de slides, sendo entregue a cada grupo as biografias que selecionamos previamente dos cantores eleitos pelos alunos, e folhas para prepararem a pauta. Cada grupo iniciou a produção, sempre mediados por nós. Alguns grupos que tinham membros de turmas diferentes tiveram muita dificuldade em fazer essa parte, por não conseguirem definir quem faria o quê, enquanto que outros grupos conseguiram fazer essa parte com muita facilidade, já definindo quem iria falar no dia da apresentação na rádio. Durante a realização do exercício, a estagiária-professora Jaíni passou nas mesas de cada grupo informando-os o dia que eles seriam responsáveis pela programação da rádio e perguntando quem ficaria responsável em falar, sendo que em apenas um grupo todos os integrantes se recusaram a falar na rádio.

Ao final, apesar de alguns grupos resistirem à apresentação, 3 dos 5 grupos apresentaram para a turma sua pauta com sucesso (Anexo 8). Em seguida, avisamos que as pautas seriam digitadas e na semana seguinte, Semana da Consciência Negra, os integrantes de cada grupo responsáveis pela apresentação na rádio seriam lembrados da responsabilidade que tinham naquele dia com a rádio, e que auxiliaríamos cada aluno a seguir a pauta feita por cada grupo. Ao fim da aula, fizemos uma despedida, na qual nós e a professora orientadora do estágio agradecemos os alunos pela participação, reforçando a importância de falar daquele tema. Em seguida, passamos a música *Identidade*, da cantora Alessandra Crispin, sendo entregue a letra da música para que os alunos acompanhassem e pudessem levar aquela importante mensagem de luta contra o racismo e de valorização da cultura negra.

Semana da Consciência Negra - Segunda à Sexta (dia 20/11/17 ao 25/11/17)

Durante essa semana, nós fomos todos os dias ao colégio durante o horário do intervalo na parte da manhã (das 10h15min às 10h30min) para acompanhar os alunos na apresentação da programação da rádio feita durante as oficinas, (Anexo 9) tendo sido auxiliadas, exceto na quarta e quinta feira (22 e 23 de novembro), pelo professor de língua portuguesa que é, também, o professor responsável pela rádio, sua ausência, nesses dois dias, se deu por conta das aulas que ele ministra em outro colégio. Algo interessante de se destacar é que nesses dias de apresentação, alguns alunos de outras

turmas vieram pedir para tocar alguma música ou perguntaram por que não passávamos determinadas músicas que estavam relacionada ao tema. Nós respondemos a eles como foi possível e sugerimos que eles trouxessem essas músicas para serem tocadas na rádio a partir da próxima semana.

Na segunda-feira, o responsável pela apresentação era um aluno do sétimo ano, quando chamado para falar na rádio, ele prontamente veio e apesar de uma timidez inicial, conseguiu falar muito bem, colocando bastante entonação em sua fala. Foi entregue para ele, assim como combinado, a pauta digitada que eles tinham produzido, sendo tocadas as músicas *Olhos Coloridos*, da Sandra de Sá, e *Negra*, da Cores de Aidê.

Na terça-feira, o grupo que havia ficado responsável para falar na rádio, deixou bem claro no dia da oficina que não queria falar na rádio, reafirmando isso logo quando nos viram chegando na escola. Por causa dessa recusa, nós apresentamos o que o grupo havia programado. A primeira parte foi apresentada pela estagiária-professora Jaíni, e a música foi *Bate a poeira*, da Karol Conka, e a segunda parte foi realizada pela estagiária-professora Grazi, que apresentou a música *Pele preta*, do Berimbrown.

Na quarta-feira, o grupo responsável era do nono ano, estando uma aluna responsável para falar na rádio. Assim que a chamamos, ela veio e prontamente leu a pauta, mesmo um pouco tímida, se esforçou para ler com clareza. Nesse dia, foram tocadas as músicas *Índia Negra*, da Cores de Aidê e *Respeitem meus cabelos, brancos*, do Chico César.

Na quinta-feira, o grupo responsável também era de alunos do nono ano e um aluno do sétimo, tendo ficado como responsável uma aluna. Ela foi chamada para falar na rádio assim que o sinal do intervalo tocou, mas, como estava comendo, pediu que esperássemos um pouco. Assim que ela terminou, veio ler a pauta e conseguiu ir muito bem, até mesmo adicionando falas improvisadas. Durante a execução das músicas, ela voltava para perto das amigas e quando a música estava acabando voltava para terminar de apresentar. As músicas tocadas foram *Carta à mãe África*, do GOG e *Respeita minha pele preta*, do Marvyn.

Na sexta-feira, houve um atraso no início da programação, pois o professor de língua portuguesa estava resolvendo algum problema de ordem burocrática e não pôde auxiliar na atividade. A diretora, então, nos ajudou a abrir a rádio e as alunas

responsáveis pela programação do dia apresentaram o programa. Uma aluna do sétimo ano, muito proativa e com ótima desenvoltura, apresentou a primeira música e as biografias. A outra aluna era da nossa turma do sexto ano e, apesar da timidez, apresentou com boa desenvoltura a peça radiofônica e o encerramento da programação. As músicas tocadas foram *Mandamentos black*, do Gerson King Combo e *Que bloco é esse?*, do Criolo ft. Ilê Aiyê.

3.2.2. Reflexão sobre a prática pedagógica durante o extraclasse

A etapa do estágio referente ao projeto extraclasse veio somar à nossa prática docente a experiência do trabalho docente fora da sala de aula, percebendo o ambiente escolar como um organismo complexo e cheio de possibilidades.

Durante as oficinas ministradas, tivemos a oportunidade de preparar aulas que fugiam à estrutura formal, trabalhando com um formato distinto daquele que se concretiza em sala de aula como disciplina regular do currículo, e com um público diversificado, ou seja, alunos de diferentes turmas, sem um período prévio de observação como nos foi possibilitado no estágio de docência da disciplina de Língua Portuguesa na turma do sexto ano. E, ainda, com uma temática de interesse nosso, que era a valorização do projeto da Rádio Escolar e análise de canções.

Enquanto planejávamos o projeto, idealizamos uma turma que seria capaz de compreender questões bastante complexas sobre o racismo e a Consciência Negra, o que foi mais difícil alcançar por estarmos lidando com crianças ainda do Ensino Fundamental II e não colegas universitários. Por essa razão, adaptamos nossa fala para que pudéssemos ser bem entendidas. Além disso, conforme a oficina acontecia, tivemos medo da resistência e falta de compromisso dos alunos, pois estes não se mostravam muito interessados pelo projeto, já que escolheram nossa oficina por não ter vaga em outras. Porém, à medida que as atividades foram se desenvolvendo, a interação acontecendo e permitindo a criação de um vínculo entre estagiárias-professoras e alunos, os objetivos foram alcançados e o interesse despertado. E, na maioria dos casos, os resultados foram muito positivos e renderam, inclusive, um olhar mais atento dos alunos para o projeto da Rádio, que não recebia muita atenção da parte deles.

Tivemos mais problema, ao longo da prática, com a formação dos grupos para realização do trabalho, passando por situações como a de ter de dividir um grupo em

dois para realizar o mesmo trabalho, e até de alunos que se negavam a participar. Mas, com a mediação e constante incentivo, ao fim, todos puderam participar da atividade de forma direta ou indireta.

Outro ponto que não conseguimos realizar, apesar de planejado, foram os momentos de aperfeiçoamento da entonação da voz de acordo com um programa de rádio, ainda assim, conseguimos levar os alunos a entenderem a importância daquela data de 20 de novembro, como também a reconhecerem aspectos sobre programas de rádio. Desse modo, mesmo que tenham ocorrido algumas dificuldades, podemos dizer, certamente, que o projeto pôde ser realizado muito bem. Os alunos tiveram uma ótima participação, apesar da conversa paralela, mas se mostraram atentos e participativos durante as discussões e produção da programação para a rádio.

Quanto ao momento que colocamos em prática a programação da rádio elaborada durante as oficinas do extraclasse, podemos dizer que os alunos se mostraram, em sua maioria, dispostos a participar e ler suas produções, tendo alunos que até mesmo usaram de uma boa entonação enquanto apresentavam a programação elaborada por eles, ao mesmo tempo passamos pelo desafio de lidar com alunos muito tímidos que não falaram, fazendo com que nós, as duas estagiárias-professoras, falássemos no lugar deles. Isso nos mostrou como existe uma resistência, por parte de alguns alunos, na fala em público, por vergonha ou medo de sofrer algum tipo de *bullying*, sendo que nós não trabalhamos com essa questão e, desse modo, não conseguimos ajudar essas pessoas a superar essa resistência.

4 VIVÊNCIAS DO FAZER DOCENTE NO ESPAÇO ESCOLAR

4.1 A FEIRA DE CIÊNCIAS

No dia 29 de agosto, nós tivemos a oportunidade de acompanhar as atividades da Feira de Ciências que envolveu todas as turmas do Ensino Fundamental I e II do turno matutino (Anexo 10). Inicialmente, quando chegamos na escola, notamos que alguns professores ainda estavam em dúvida a respeito de como seria a organização das aulas naquele dia, tendo sido resolvido que os alunos poderiam usar das aulas anteriores ao intervalo para organizar e montar seus trabalhos, e apresentá-los após o intervalo. Como os pais não foram avisados previamente que haveria uma feira na escola, poucos foram os que vieram prestigiar, tendo a feira como público nós, estagiários-professores da UFSC, alguns estagiários do PIBID, e os professores e outros funcionários da escola, além dos próprios colegas.

Essa experiência pôde nos mostrar como os alunos se comportam fora da sala de aula e quando estão realizando um trabalho dentro da sua área de interesse. Alguns alunos que vimos muito tímidos em sala de aula mostraram-se empolgados ao compartilhar a montagem do trabalho e a intenção dos projetos apresentados, cada um a sua maneira. Porém, apesar da participação ativa de alguns alunos da turma do 6º ano, muitos alunos faltaram nesse dia. Ainda assim, os alunos que estavam ali, em sua maioria, estavam bastante dispostos, tendo eles tirado boas lições do projeto.

Foi especialmente interessante observar a organização da turma do nono ano na apresentação de seus trabalhos sobre temas relevantes dentro do nosso contexto atual, como: xenofobia, igualdade de gênero, homofobia, racismo e autismo. Os trabalhos foram apresentados para turmas da primeira etapa do ensino fundamental e os alunos participaram e fizeram comentários diante da apresentação.

O movimento da escola perante a feira foi eficiente quanto à organização das turmas e distribuição de responsabilidades entre os profissionais envolvidos, a organização das turmas estando por conta dos professores regentes e a recepção e solução de possíveis problemas pela diretoria e secretaria. O que se pôde analisar como ponto negativo foi a ausência dos pais dos alunos, que se deu por não ter sido entregue

convites formais aos pais, o que impossibilitou estabelecer ligação entre a escola e os pais por meio daquele evento.

4.2 A GINCANA CULTURAL

A gincana cultural aconteceu no dia 11 de outubro como uma forma de comemorar o dia das crianças e ao mesmo tempo desenvolver algumas habilidades físicas e comportamentais dos alunos (Anexo 11). Havia no total quatro equipes, que foram divididas em cores: vermelho, rosa, azul e preto. Elas eram formadas por alunos de todas as turmas do ensino fundamental I e II. Cada equipe tinha como responsáveis dois professores.

No início, as equipes se dividiram e ensaiaram um grito de guerra. Foi organizado um ‘ringue’ no meio do pátio onde os alunos fazem lanche para que a equipe fosse até lá dar seu grito de guerra e depois voltasse para seu lugar para ouvir as equipes adversárias. O professor que ficou responsável por mediar toda a gincana foi o professor de educação física do ensino fundamental I. Em seguida, começaram as provas que exigiam uma preparação prévia. Foram pedidos documentos antigos, moedas, um *cosplay* de alguém famoso, entre outras coisas. Nem todas as equipes se mostraram preparadas nessas provas.

Em um segundo momento, os alunos foram orientados a irem até a quadra de esportes da escola, para as provas de habilidades físicas, como corrida de carrinho de mão, carregar algo sem derrubar, entre outras provas. Essa etapa foi prejudicada por uma chuva torrencial que caiu próximo às 10h00min, ficando impossível de os alunos ouvirem o que o professor pedia, mesmo com o uso de microfone e caixa de som. Ainda assim, o professor explicou para cada grupo qual seria a tarefa e, com um certo atraso, conseguiram realizar as provas que haviam planejado.

A gincana se mostrou bastante interessante porque nos ajudou a ver como os alunos conseguem trabalhar em equipe, mesmo com diferenças de idade. Ainda que existissem grupos fechados dentro das equipes, não houve brigas ou discussões para que só determinada pessoa participasse. Diante do objetivo em comum de ganhar a gincana, todos concordavam com a escolha que parecia mais certa de dar a vitória para eles.

Desse modo, podemos dizer que a gincana foi bem sucedida em proporcionar, além de um momento lúdico com as crianças, um momento de trabalho de equipe.

4.3 O CONSELHO DE CLASSE

Em uma terça-feira, dia 10 de outubro, tivemos a oportunidade de participar do conselho de classe da turma do 6º ano. O horário previsto para início era às 08h00min, mas o início atrasou em torno de meia hora. A previsão era de que conselho duraria 1 hora para cada turma do ensino fundamental II, mas em razão do tempo necessário para a discussão dos problemas de aprendizagem de número significativo de alunos, apenas foi realizado o conselho do sexto ano no dia 10/10, e o das outras turmas foi realizado no dia 23 de outubro. Estavam presentes no dia todos os professores da turma.

No início, foram discutidas questões gerais sobre a escola, seus resultados no quesito desempenho em provas de avaliação da qualidade da escola, e estratégias para melhora de resultados nas próximas avaliações. Depois, estando a diretora como mediadora do conselho, foi mencionado o nome de cada aluno, em ordem alfabética, e discutido sobre seu desempenho, possíveis melhoras ou pioras e questões que precisariam ser conversadas com os responsáveis das crianças.

Todos, inclusive nós, puderam dar opiniões sobre o desempenho dos alunos, sendo todos ouvidos, na busca de melhorar a qualidade de aprendizado dos alunos. Enquanto falávamos, a diretora fazia algumas anotações e, mesmo que houvesse discordâncias, todos conseguiram dar suas opiniões.

Em certo momento, uma aluna do sexto ano foi chamada a falar sobre a sua turma, se ela gostaria de mudar algo, se ela achava algo positivo na turma, entre outras coisas, mas, por conta de a menina ser muito tímida e não estar preparada para falar naquele dia, ela não disse nada, recebendo apenas um agradecimento por ter vindo participar e depois foi liberada.

Os professores precisaram fazer uma pausa por conta do horário que se estendeu mais do que o esperado. Nesse momento foi oferecido um lanche a todos, por conta do dia dos professores que estava se aproximando. Por fim, a diretora mediou uma conversa sobre um investimento financeiro ao qual a escola estava concorrendo e foram

discutidas as atividades que seriam oferecidas no projeto extraclasse que envolvia a Semana da Consciência Negra.

Podemos afirmar que essa experiência foi muito benéfica para nós, por ter nos permitido ver a realidade escolar pelo olhar do corpo docente, o contexto e como funcionam determinadas decisões, conhecer mais nossos alunos e pensar no progresso deles e na nossa atuação como professoras diante de suas dificuldades e do ambiente vivo que a escola se mostrou ser, uma vez que ser professora de português não envolve apenas o domínio de temas relacionados à língua portuguesa, mas também uma capacidade de diálogo com questões reais do contexto do aluno e de diálogo com os outros professores e com as programações da escola.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante nosso período de docência, pudemos conhecer melhor a realidade de um professor de língua portuguesa numa escola do nosso estado, a qual concluímos ser bastante desafiadora por conta da quantidade de preparação exigida para a execução da aula e, ao mesmo tempo, o pouco tempo disponibilizado para o preparo dessas aulas. Pudemos também experienciar as mais diversas vivências que o ambiente escolar pode proporcionar. A cada momento, percebemos o quanto as teorias aprendidas ao longo do curso puderam servir de base para que pensássemos no desenvolvimento das nossas aulas, mas, ao mesmo tempo, aprendemos muito do que precisamos para as aulas durante a prática docente. Foi durante as aulas, no convívio com os alunos, nas produções deles, nas dúvidas que eles nos lançavam, que nós nos reorganizávamos para podermos atendê-los e promover um real aprendizado, para eles, sobre a língua portuguesa e, para nós, sobre o que é sermos professoras.

Mesmo com algumas dificuldades, que foram superadas com a ajuda da professora orientadora do estágio e do professor regente da disciplina de língua portuguesa da escola, nós pudemos ser bem sucedidas em alcançar os objetivos que traçamos para nosso período de docência, que eram, no caso da aula de língua portuguesa, fazê-los se apropriarem do gênero conto e promover a leitura de contos; e, no caso das oficinas do projeto extraclasse, discutir sobre questões referentes à Consciência Negra e levá-los à apropriação dos gêneros textuais veiculados em uma rádio.

Podemos afirmar que esse período de estágio modificou nossa perspectiva em relação à profissão de professor, ao ambiente escolar e à prática docente, nos tornando mais preparadas para a profissão escolhida e para o próximo estágio que faremos.

6 REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. Redimensionando a avaliação. In: *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p.155-166.

BAKHTIN, M. [Volochínov]. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BALTAR, M. **Letramento radiofônico na escola**. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ld/v8n3/08.pdf>. Acesso em: 16/10/2017.

CAMAFEU, Paulinho. **Que Bloco É Esse**. Ilê Aiyê e Criolo. [S.l.] : Natasha Records, 1999, (3 min 5). Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/ile-aiye/285914/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. p. 171-193.

CÉSAR, Augusto; COMBO, Gerson King; LUZ, Pedrinho da. **Mandamentos Black**. Gerson King Combo. Rio de Janeiro: Polydor, 1977, (4 min 2). Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/gerson-king-combo/mandamentos-black/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

CÉSAR, Chico. MATUMBI, Lazzo. **Negão**. Chico César. São Paulo: Urban Jungle, 2015, (3 min 37). Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/chico-cesar/negao/>>.

CÉSAR, Chico. **Respeitem Meus Cabelos, Brancos**. Chico César. [S.l.]: MZA Music, 2002, (3 min 38). Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/chico-cesar/134011/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

CONKA, Carol; BEATZ, Nave. **Bate a Poeira**. Carol Conka. [S.l.]: Deckdisc, 2013, (3 min 33). Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/karol-conka/bate-a-poeira/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

CUADRA, P. A. de. O barco negro (Nicarágua). In: VÁRIOS AUTORES. *Contos de assombração*. 3ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1993, p. 86-89.

DUARTE, Mauro; PINHEIRO, Paulo César. **Canto das Três Raças**. Clara Nunes. [S.l.]: Som Livre, 2008, (4 min 27). Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/clara-nunes/83169/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

Então vem! Edi Rock, Karol Conká, Negra Li, Projota, Rapadura, Rashid, Ricón Sapiência. 2016, (4 min 2). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=MHgQ6Hwjwhs>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

FUNCHAL, Roberta. Índia Negra. Cores de Aidê. 2017, (3 min 13). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=qhwHcIgk4cw>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

GANCHO, Candida Vilares. *Como analisar narrativas*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002. 70 p. (Série princípios; 207).

GERALDI, J. W. *Ancoragens: estudos bakhtinianos*. São Carlos/SP: Pedro e João, 2010.

GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GERMER, Iara. **Negra**. Cores de Aidê. 2017, (3 min 34). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0QAunY6iA2Y>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

GIL, Gilberto, SALMOÃO, Waly. **Quilombo, O Eldorado Negro**. Gilberto Gil. [S.l.]: Warner Bros. Records, 1984, (4 min 38). Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/gilberto-gil/quilombo-o-eldorado-negro.html>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

GIL, Gilberto, SALMOÃO, Waly. **Quilombo, O Eldorado Negro**. Gilberto Gil. [S.l.]: Warner Bros. Records, 1984, (4 min 38). Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/gilberto-gil/quilombo-o-eldorado-negro.html>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

GONÇALVES, Genival Oliveira. **Carta a Mãe África**. GOG. São Paulo: Só balanço, 2006, (5 min 33). Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/gog/872766/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

JOR, Jorge Ben. Zumbi. Jorge Bem Jor. [S.l.]: Philips Records, 1974, (3 min 30). Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/jorge-ben-jor/zumbi.html>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

Juro que vi - O Curupira. YouTube. Brasil: 2016. Duração: 11:09. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ydISANJYwus>. Acesso em: 24/09/2017.

LOBATO, Monteiro. *Fábulas*. São Paulo: Brasiliense, s/d, 20ª edição. Disponível em: <http://contobrasileiro.com.br/a-coruja-e-a-aguia-fabula-de-monteiro-lobato/>. Acesso em: 25/09/2017.

MACAU. **Olhos coloridos**. Sandra de Sá. [S.l.]: RCA Victor/ RCA Ariola, 1986, (6 min 44). Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/sandra-de-sa/74666/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

MARTINS, Valdenise do Nascimento. A compreensão da leitura de fábulas. O professor e os desafios da escola pública paranaense. Produção didático-pedagógica. Paranaguá, 2012, v. 2, p. 16-18. In: OLIVEIRA, Tania Amaral de. [et al.]. *Tecendo Linguagens: Língua Portuguesa: 6º ano*. 4 ed. São Paulo: IBEP, 2015, p. 182-183.

MARVYN; JHOW, Ene; BLACK, Dino. **Respeita minha pele preta**. Marvyn, 2016, (2min 23). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Uu6JeisMqFE>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

- MIOTELLO, V. *O discurso da ética e a ética do discurso*. 2011. Disponível em: <https://dspace.almg.gov.br/bitstream/11037/1276/3/0001276.pdf>. Acesso em: 30/09/2017.
- OLIVEIRA, Tania Amaral de. [et al.]. *Tecendo Linguagens: Língua Portuguesa: 6º ano*. 4 ed. São Paulo: IBEP, 2015.
- OZANAN, João Goés. **Pele Preta**. Berimbrown. 2016, (5min 27). Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/berimbrown/pele-preta.html>>. Acesso em: 10 nov. 2017.
- RARA, Preta. Falsa Abolição. Preta Rara. São Paulo: OQ Produções, 2015, (5 min 48). Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/preta-rara/falsa-abolicao.html>>. Acesso em: 10 nov. 2017.
- REIS, Tássia. **Ouçá-me**. Tássia Reis. 2016 (3 min 54). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7cVZ-Rur9uY>>. Acesso em: 10 nov. 2017.
- SARGENTO, Nelson. **Agoniza Mas Não Morre**. Nelson Sargento. [S.l]: Eldorado, 1979, (3 min 26). Disponível em: <https://m.letras.mus.br/nelson-sargento/2001487/>> Acesso em: 10 nov. 2017.
- SCIENCE, Chico; MAIA, Lúcio. Etnia. Chico Science. Rio de Janeiro: Chaos, 1996, (2 min 33). Disponível em: <https://www.letras.mus.br/chico-science/83236/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.
- Sou negro**. Toni Tornado. [S.l]: Odeon, 1970 (2 min 29). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cN-NSLBOrvw>>. Acesso em: 10 nov. 2017.
- STAHEL, Monica. *Um saci no meu quintal: mitos brasileiros*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- STREET, B. *Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento*. Teleconferência Brasil sobre o letramento, outubro de 2003.
- TADDEO, Carlos Eduardo. **Mulheres Negras**. Yzalu, 201?, (3 min 42). Disponível em: <https://www.letras.mus.br/yzalu/mulheres-negras/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.
- TODOROV, T. *A literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira. 5. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2014.
- TV ESCOLA. **Um brinde à conscientização pela diversidade racial!** Disponível em: <https://tvescola.mec.gov.br/tve/post?idPost=7689>. Acesso em: 20/10/2017.
- VAL, M. da G. C. *Redação e Textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

7 ANEXOS

ANEXO 1 - EXEMPLO DE CAPA DAS PASTINHAS

E.E.B. Hilda Teodoro Vieira

Professor regente da turma: Evimárcio Cunha Aguiar

Estagiárias-professoras: Grazielle Nack e Jaíni Teixeira

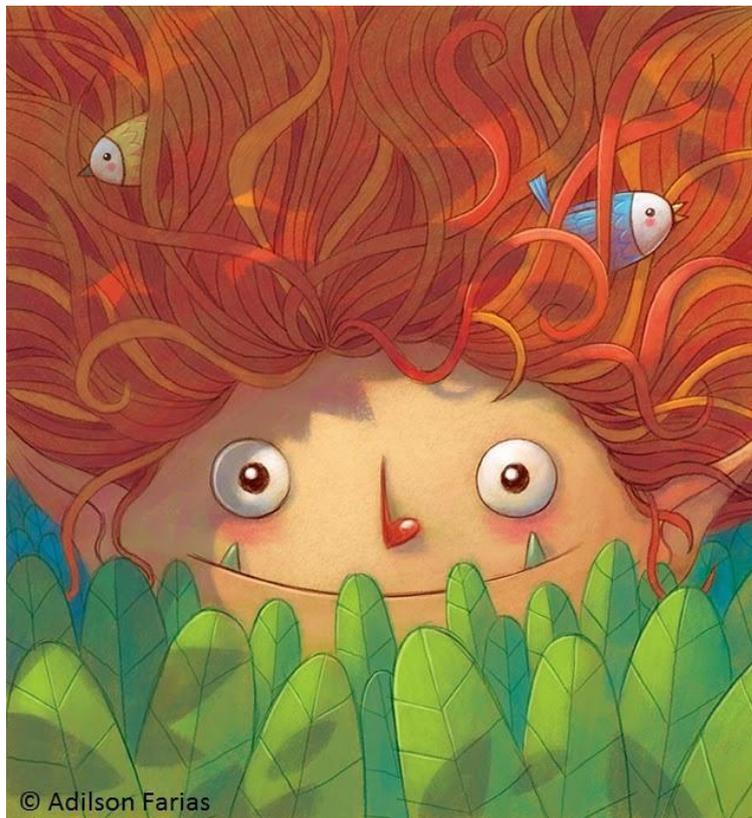
Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 6º – Turma 01

Nome do(a) aluno(a):

.....

BAÚ DE HISTÓRIAS



O Curupira

ANEXO 2 - MEDALHAS ENTREGUES AOS ALUNOS



Figura 11 – Foto dos alunos depois de colarem a medalha nas camisas.

ANEXO 3 - RECONTOS DOS ALUNOS LIDOS PARA A TURMA

A lenda do curupira

Era noite de lua cheia em uma floresta com vagalumes zanzando, e um menino auxiliando um caçador nesta floresta os dois estavam sentados descansando no lado de uma fogueira, mais tarde eles foram caçar, o menino se separa do caçador para ter mais chance de ~~pegar~~ pegar um animal e de repente o menino acaba se encontrando com o curupira ~~na~~ nessa hora o curupira fica enfurecido.

Em descobrir que o menino era um caçador, ele o curupira tentou matar ele mas de repente o caçador maior aparece, atira no ~~curupira~~ curupira mas ele ~~depois~~ ^{saído} desvia ~~o curupira~~ ^{e transforma o} ~~o curupira~~

~~o caçador~~ ~~em um~~ ~~caçador~~ ~~em um~~ ~~caçador~~
caçador em um caçador.

O menino foge e fica recluso se cuidando sozinho na floresta para sempre.

Figura 12 - Primeira versão de um dos contos lidos para os alunos.

06/10/2017

A HISTORIA COMEÇOU EM UMA FLORESTA.

↳ Isso é um título? Podemos repensar.

TUDO COMEÇOU NUMA NOITE FRIA E ESCURA ONDE TINHA UMA PESSOA MUITO MA' QUE QUERIA MATAR OS ANIMAIS. E ESSA PESSOA ERA O CAÇADOR. ELE MATOU UM TATU.

DEPOIS ELE FEZ UMA FOGUEIRA, E ELE TEOU UM ASUDANTE E UMA BARRACA.

acho que podemos reorganizar essa frase. O ajudante veio antes da fogueira, certo? Por que não escrevemos: Depois ele e seu ajudante e menino que não faziam uma fogueira e montaram uma barraca. E apenas uma moçoita! O que você acha?

E ESSE ASUDANTE MAIS ARRABANHAVA DO QUE ASUDA, POIS ELE NÃO QUERIA MATAR OU PRENDER OS ANIMAIS, ELE ATÉ SOLTOU O MACACO.

ATÉ QUE O CURUPIRA APARECE E O CAÇADOR YAI ATRAS DELE FURIOSO E TENTA MATAR ELE.

↳ que o caçador perdeu? ↳ porque?

MAIS A BARRACA DA ESPINGARDA DELE VIRA UM YAGALUME E O CURUPIRA TRANSFORMA O CAÇADOR EM JAYANI.

↳ dele quem? e a mala vem de onde? Ele atrai com a espingarda. Você precisa corrigir.

E O CURUPIRA DO ~~MAIS~~ APARECE EM DIA DE SUA CHEIA, E DE TEM ALGUM ANIMAL MORTO ELE RESUSCITA.

Sua história está sensacional! Se arrumar umas casinhas aqui, outras ali, é nota 10!

Figura 13 – Primeira versão de um dos contos lidos para os alunos.

ANEXO 4 – CONTOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS E LIDOS PARA A TURMA

A caça ao tesouro

Era uma tarde de domingo de chuva e eu estava sem vontade de fazer nada. Eu já estava cochilando deitado no sofá quando ouvi meu cachorro latindo, o susto me fez cair do sofá e dar de cara no chão. Depois de um momento tentando me recuperar, reparei em algo brilhando debaixo do sofá. Tive que ver o que era, sou muito curioso! Com ajuda de uma vassoura, aproximei o objeto de mim. Era uma caixinha estranha com as pontas douradas, quando abri não acreditei no que via: moedas de ouro e prata e um papel que marcava uma estrada e um enorme X no final da página.

Comecei a reparar que o mapa se parecia muito com a minha cidade, Silent Hill, isso significava que eu poderia encontrar o que tinha naquele X. Não demorou muito e eu fui buscar informações sobre as moedas na biblioteca. Depois de horas eu achei o livro certo que dizia que as moedas eram uma chave para abrir um portão no fundo do lago de Silent Hill. Eu saí da biblioteca e fui à casa do meu irmão Caio, contei a ele tudo e pedi para ele me ajudar e ele aceitou.

Eu e Caio fomos comprar equipamentos de mergulho e arpão de gancho e fomos ao lago de Silent Hill. Quando chegamos, mergulhamos no lago bem fundo. Eu e meu irmão seguimos o mapa até que o Caio achou um templo e me disse:

— Gustavo, olha! Um templo.

Então eu e meu irmão fomos ao templo, entramos e lá dentro não tinha água. Nós seguimos o mapa e achamos uma sala com um polvo gigante e em cima dele tinha um lustre com a ponta afiada e o cabo que segura o lustre estava quase partindo. Eu e meu irmão atiramos no lustre e ele caiu em cima do polvo e o matou. Atrás dele tinha o portão do livro. Eu coloquei as moedas, e a porta abriu e dentro tinha muito ouro. Nós dividimos e vivemos felizes para sempre.

FIM

O companheiro Barnabé

Foi no inverno desse ano. Eu e meu fiel companheiro, Barnabé, um buldogue de cinco anos, estávamos de guarda novamente. Estava tudo calmo... Calmo demais. Vi dois vultos, mais rápidos do que pude acompanhar, mas fui tentar acompanhá-los. Então eu vi que eram dois fantasmas. Eles pegaram o meu companheiro fiel e falaram:

— O cachorro é meu, por que você matou a gente no dia 02/10/12?

Nesse momento, eu lembrei do dia 02/10/12, quando adotei meu companheiro. Ele estava triste chorando ao lado de um corpo na rua. Naquele dia, o trânsito estava complicado porque aconteceu um acidente. Os donos do Barnabé foram atropelados. Eles achavam que eu tinha causado o acidente. Então eu disse:

— Eu devolvo o Barnabé para vocês.

— Nós vamos levar ele para o além.

E o Barnabé foi feliz para o além junto com seus donos.

FIM

ANEXO 5 - CARTAZES DOS CONTOS COLADOS NA PAREDE DA ESCOLA



Figura 14 – Foto dos cartazes colocados na parede do lado de fora da sala da turma.

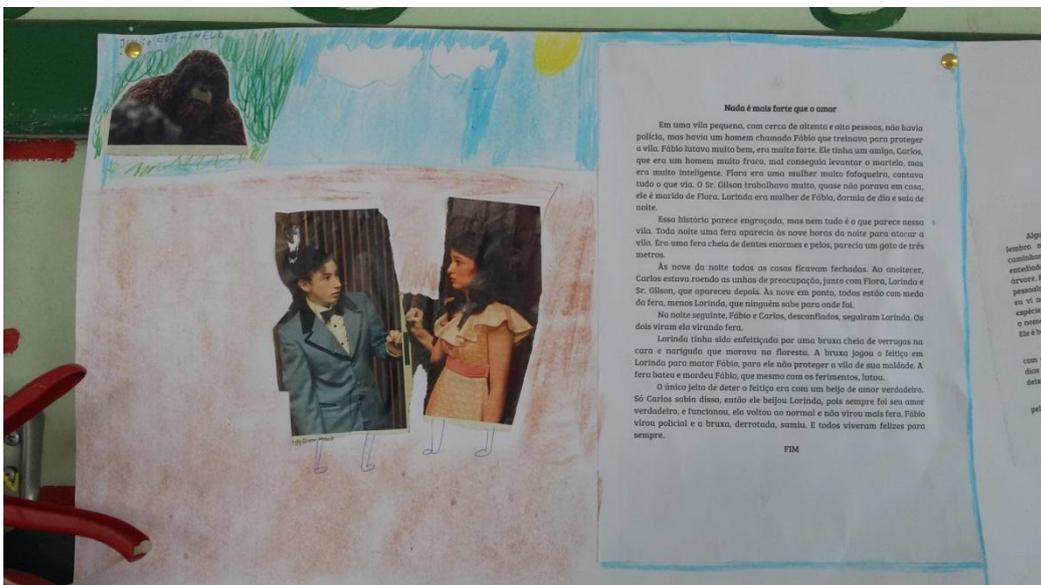


Figura 15 – Foto de um cartaz ilustrado pelo próprio aluno.



Figura 16 – Foto de um cartaz ilustrado pelo próprio aluno.

ANEXO 6 – CONTOS DOS ALUNOS QUE APRESENTARAM DIFICULDADES

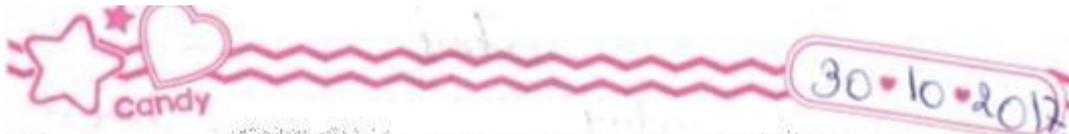

Nome: _____
Prof: Evimarció _____ 601
A bailarina Dora Judy
A menina Dora ia participar de uma dança de balé, só que a Dora disse ^{para o} pro mãe ^{quem é ele?} que ela tinha que cuidar da avó, porque ela estava muito doente. Então a mãe falou que ia ^{arranjar} arranjar alguém ^{para} pro cuidar dela. A menina foi falar ^{para a} pro avó dela, a Dora ^{perguntou para} disse pro avó se ela podia ^{ela} deixar, a menina falou ^{para o} pro mãe que ela ia participar.

Figura 17 – Primeira versão do conto do(a) aluno(a).

O fantasma Bill Carter

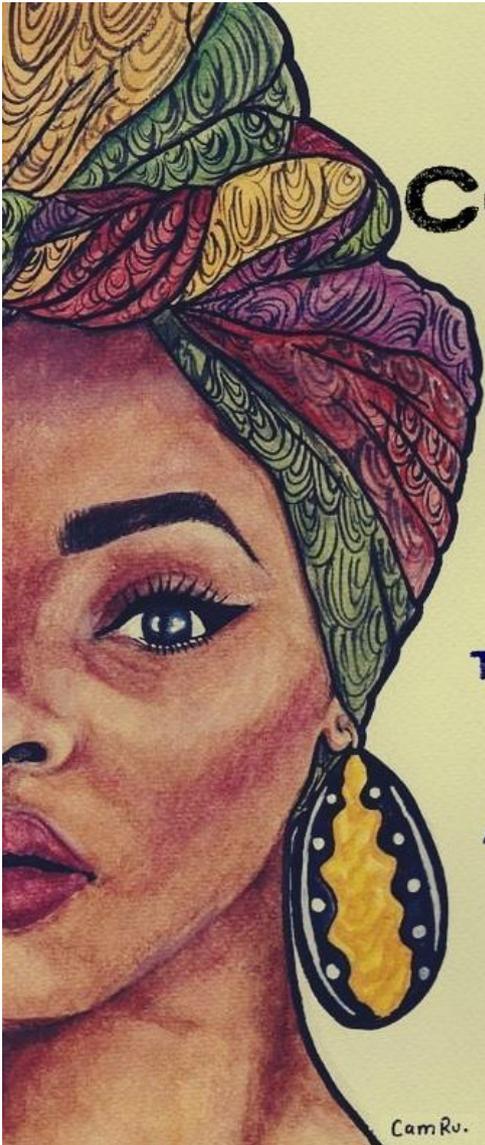
Numa vila pequena, perto de um cemitério,
 havia uma enorme mansão. As pessoas dizem que ^{viam} ~~veem~~
 os portais abertos do nada, ^{acreditava.} ~~eu não acreditava.~~ ^{porquê?}
 que na manhã ^{seguinte ao quê?} eu ^{fui} ~~acabei~~ de uma vez por todas
 com ^{este beato.} ~~isso~~ ^{meu nome} ~~eu sou Carter~~, ^{é minha amiga} ~~eu sou filho~~ ^{de uma} ~~pois~~ ^{essa} ~~que~~ ^{essa} ~~me~~ ^{essa}
 dores de fantasmas. ^{Quando} ~~fa~~ ^{eu fui} ~~o~~ ^{o quê?} ~~meu~~ ^{essa} ~~caso~~ ^{essa}
 ver se encontrava alguma coisa. ^{Essa!} ~~o~~ ^{o quê?} ~~que~~ ^{essa} ~~o~~ ^{essa}
 encontrarei. ^{Nessa} ~~o~~ ^{essa} ~~o~~ ^{essa} ~~o~~ ^{essa} ~~o~~ ^{essa}
 oha esse homem. ^{Que roupa enfiada!}



ha ha ha
 — Ha ha ha ^{isso é o meu} ~~isso~~ ^{isso} ~~isso~~ ^{isso} ~~isso~~ ^{isso} ~~isso~~ ^{isso}
^{malígna} ~~isso~~ ^{isso} ~~isso~~ ^{isso} ~~isso~~ ^{isso} ~~isso~~ ^{isso}
 usado Malígna ^{Malígna} ~~isso~~ ^{isso} ~~isso~~ ^{isso} ~~isso~~ ^{isso} ~~isso~~ ^{isso}

Figura 18 – Primeira versão do conto do(a) aluno(a).

**ANEXO 7 - CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DAS OFICINAS DO PROJETO
EXTRACLASSE**



**SEMANA DA
CONSCIÊNCIA
NEGRA**

EM BREVE

OFICINAS:

**CONSCIÊNCIA NEGRA PARA
TODOS: EXPRESSÃO NA RUA**

RÁDIO HILDA EM CORES

**A CONTAÇÃO E A SELEÇÃO
DE CONTOS AFRICANOS:
POR UMA ANTOLOGIA DA
CONSCIÊNCIA NEGRA**

E.E.B. HILDA TEODORO VIEIRA

CamRu.

ANEXO 8 - PAUTAS DA PROGRAMAÇÃO DA RÁDIO

Grupo 1 – Segunda-feira

BOM DIA, GALERA. TUDO BEM?

HOJE É O DIA NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA E TEMOS UMA PROGRAMAÇÃO ESPECIAL ESSA SEMANA.

A PRIMEIRA MÚSICA DE HOJE É DA CANTORA SANDRA DE SÁ.

ELA NASCEU NA CIDADE DO RIO, NO SUBÚRBIO. FOI INFLUENCIADA A CANTAR SAMBA PELO PAI E PELOS SEUS ÍDOLOS DE VÁRIOS ESTILOS E LÍNGUAS.

Música: Olhos Coloridos – Sandra de Sá

SARAH MASSÍ É ATUALMENTE REGENTE E PERCUSSIONISTA.

ELA PRETENDIA CRIAR UMA BANDA DE SAMBA REGGAE.

CORES DE AIDÊ SURGE NO CENÁRIO ARTÍSTICO DE FLORIANÓPOLIS, SANTA CATARINA, EM 21 DE FEVEREIRO DE 2015 POR MEIO DE UM SONHO.

Música: Negra – Cores de Aidê

ENQUANTO A COR DA PELE FOR MAIS IMPORTANTE QUE O BRILHOS DOS OLHOS HAVERÁ GUERRA. (BOB MARLEY)

(pausa)

TENHAM UM BOM DIA E BOA AULA A TODOS.

Música sugerida: Nego Drama – Racionais Mc's

Grupo 2 – Terça-feira

BOM DIA, GALERA DO HILDA.

MAIS UM DIA DE RÁDIO HILDA EM CORES PARA VOCÊS.

COMEÇANDO COM “BATE A POEIRA” DA KAROL CONKA.

A KAROL É UMA RAPPER, CANTORA E COMPOSITORA BRASILEIRA, É UMA DAS PRINCIPAIS REPRESENTANTES DO RAP FEMININO DOS ÚLTIMOS TEMPOS, QUE QUEBRA TABUS SOBRE O PRECONCEITO E RACISMO DA SOCIEDADE.

Música: Bate a poeira – Karol Conka

BERINMBROWN LANÇOU SEU PRIMEIRO CD EM 2000.

CONSTRUIU UMA CAMINHADA EM TERRITÓRIO NACIONAL E NO EXTERIOR, FAZENDO 5 TURNÊS PELA EUROPA E 3 NOS ESTADOS UNIDOS. ELE MANTÉM ACESA A CULTURA, A MEMÓRIA E A TRADIÇÃO DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE MINAS GERAIS.

Música: Pele preta – Berimbrown

SOU NEGRA SIM!

E TENHO MEU BLACK SIM!

E NEM POR ISSO VOU DEIXAR O PRECONCEITO DA SOCIEDADE ME AFETAR.

TODAS AS NEGRAS, MULATAS, MORENAS SÃO LINDAS.

A SOCIEDADE QUE É PRECONCEITUOSA.

(pausa)

BOM, GALERA, MUITO OBRIGADA POR MAIS UM DIA DE RÁDIO.
ATÉ A PRÓXIMA.

Música sugerida: Ouça-me – Tássia Reis

Grupo 3 – Quarta-feira

BOM DIA, GENTE.

HOJE ESTAMOS AQUI NA RÁDIO HILDA POR CONTA DA SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA.

ESSA MÚSICA É CANTADA PELO GRUPO CORES DE AIDÊ.

O GRUPO FOI CRIADO NO DIA 21 DE FEVEREIRO DE 2015.

ELAS SÃO DAQUI DE FLORIANÓPOLIS.

E HOJE TOCAREMOS A MÚSICA “ÍNDIA NEGRA”.

Música: Índia Negra – Cores de Aidê

E AGORA SEGUIREMOS COM A MÚSICA “RESPEITEM MEUS CABELOS, BRANCOS”, DE CHICO CÉZAR.

NASCIDO EM 26 DE JANEIRO DE 1964 NO MUNICÍPIO DE CATOLÉ DO ROCHA, INTERIOR DA PARAÍBA.

Música: Respeitem meus cabelos, brancos – Chico César

A COR DA MINHA PELE NÃO DEFINE QUEM EU SOU.

(pausa)

ENTÃO, PESSOAL, ESSA FOI A NOSSA PROGRAMAÇÃO DE HOJE, ESPERO QUE VOCÊS TENHAM GOSTADO.

DIGA NÃO AO RACISMO.

Música sugerida: 500 anos – Gabriel, o Pensador

Grupo 4 – Quinta-feira

BOM DIA, GALERINHA DO HILDA.

AQUI QUEM TÁ FALANDO SÃO AS MENINAS MAIS LINDAS DO NONO
PARA A SEMANA ESPECIAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA.

Música: Carta à mãe África – GOG

GENIVAL OLIVEIRA GONÇALVES – CONHECIDO COMO GOG - NASCEU EM
SOBRADINHO EM 1965 E É UM CANTOR DE HIP HOP.

E AGORA COM VOCÊS O CANTOR MARVYN COM A MÚSICA “RESPEITA
MINHA PELE PRETA”.

Música: Respeita minha pele preta - Marvyn

MORADOR DA CANDANGOLÂNDIA (DISTRITO FEDERAL) DESDE 1997, O
CANTOR MARVYN SE APRESENTA EM CASAS NOTURNAS.

COMEÇOU AOS 9 ANOS QUANDO GANHOU O SEU PRIMEIRO VIOLÃO DO
PAI E VEM GANHANDO POPULARIDADE NA CAPITAL COM AJUDA DA
INTERNET.

(pausa)

AS PESSOAS NÃO NASCEM RACISTAS, ELAS SE TORNAM!

NÃO VIEMOS PARA AGRADAR, VIEMOS PARA SER RESPEITADOS.

Música sugerida: Menina pretinha - Mc Soffia

Grupo 5 – Sexta-feira

FALA, GALERA DA ESCOLA HILDA!

HOJE TÁ UM DIA LINDO E PRA MELHORAR, NÓS VAMOS COLOCAR UMA MÚSICA QUE FALA SOBRE O RACISMO, É ISSO AÍ, GENTE, O RACISMO É UMA COISA QUE JÁ ERA PRA TER ACABADO E NÃO ACABOU.

GERSON COMBO NASCEU EM MADUREIRA, SUBÚRBIO DO RIO DE JANEIRO, E COMEÇOU SUA CARREIRA FAZENDO DUBLAGEM NO PROGRAMA “HOJE É DIA DE ROCK”.

Música: Mandamentos black – Gerson King Combo

CRIADO EM 1974, A RIQUEZA SONORA E PLÁSTICA DO BLOCO ILÊ AIYÊ É ATRAÇÃO NO CARNAVAL DE SALVADOR.

HOJE EM DIA, MAIS DE 3 MIL PESSOAS ESTÃO ASSOCIADOS AO ILÊ AIYÊ TRABALHANDO CONTRA O RACISMO.

KLEBER CAVALCANTI GOMES, MAIS CONHECIDO COMO CRIOLO DOIDO, NASCEU EM SÃO PAULO EM 1975, É UM RAPPER E LUTA CONTRA O RACISMO E A DESIGUALDADE SOCIAL EM SUA MÚSICA.

Música: Que bloco é esse? – Criolo ft. Ilê Aiyê

ENQUANTO NÓS NÃO PARARMOS DE NOS PREOCUPAR COM A COR DO OUTRO, O MUNDO NUNCA VAI PRA FRENTE.

(pausa)

PESSOAL, PRA ACABAR NÓS VAMOS COLOCAR UMA MÚSICA MANEIRA DA ANA CAÑAS. ESPERAMOS QUE VOCÊS GOSTEM.

Música sugerida: Respeita - Ana Cañas

ANEXO 9 - FOTOS DA RÁDIO DURANTE AS APRESENTAÇÕES



Figura 19 – Foto da rádio durante a apresentação de uma aluna.



Figura 20 – Foto da rádio durante a apresentação de uma aluna.

ANEXO 10 – FOTOS DA FEIRA DE CIÊNCIAS



Figura 21 - Cartaz ilustrando a ocasião da Feira de Ciências

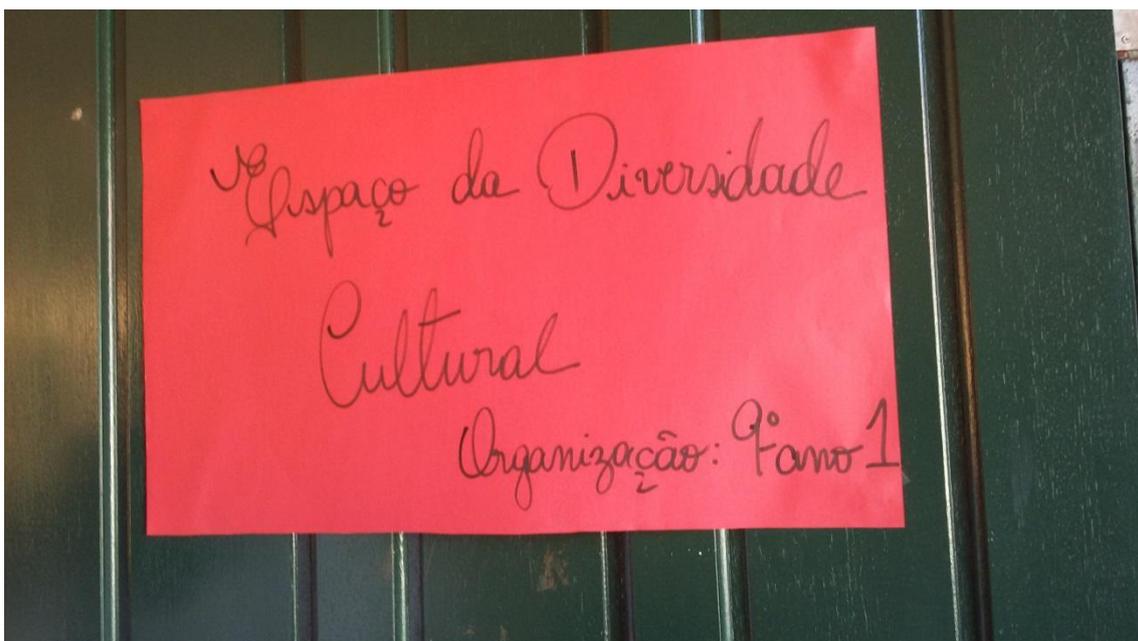


Figura 22 – Apresentações na sala de informática sobre diversidade cultural



Figura 23 – Trabalho sobre insetos, produzido por alunos do sétimo ano.



Figura 24 – Ciclo da água, trabalho produzido por uma aluna do sexto ano.



Figura 25 – Trabalho produzido por uma turma do Ensino Fundamental I

ANEXO 11 – FOTOS DA GINCANA CULTURAL



Figura 26 – Gincana Cultural



Figura 27 – Gincana Cultural

ANEXO 12 – FOTOS DO PERÍODO DE DOCÊNCIA E EXTRACLASSE



Figura 28 – Aula de produção do conto



Figura 29 – Aula de produção do conto

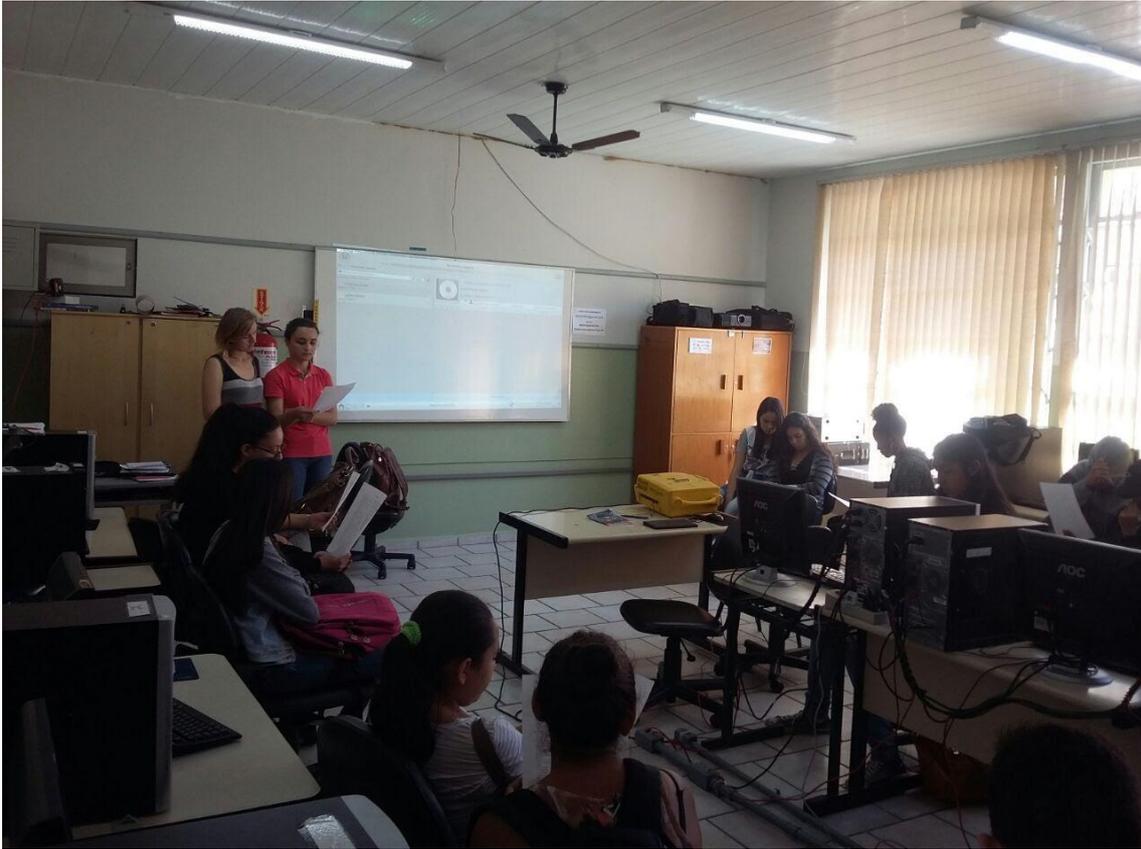


Figura 30 – Primeiro dia de oficina do projeto extraclasse



Figura 31 – Segundo dia de oficina do extraclasse

ANEXO 13 – DOCUMENTOS DO SIARE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD

Departamento de Integração Acadêmica e Profissional

Prédio da Reitoria – Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC – Brasil, CEP 88040-900
Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 720375

O(A) **Secretaria de Estado da Educação**, CNPJ 82.951.328/0001-58, doravante denominado(a) **CONCEDENTE**, representado(a) pelo(a) sr(a) **Maria Cristina De Mello Torres**, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, representada pelo(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) **Jose Ernesto De Vargas**, e o(a) estagiário(a) **Graziele Nack**, CPF **083.983.499-30**, telefone **48999776251**, e-mail **grazielenack@hotmail.com**, regularmente matriculado(a) sob número **14106257** no Curso de **Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa** na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 014/CUn/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- | | |
|---|--|
| Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE), fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a CONCEDENTE e a UFSC em 20/06/2017 e vinculado à disciplina MEN7001 . | Art. 7º: O(A) estagiário(a) deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso. |
| Art. 2º: O(A) Prof.(a) Maria Izabel De Bortoli Hentz , da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a). | Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração. |
| Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 3 horas (com no máximo 14 horas diárias) , a ser desenvolvida na CONCEDENTE , no(a) Escola de Educação Básica Hilda Theodoro Vieira , de 07/08/2017 a 07/12/2017 , respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Evimarcio Cunha Aguiar (949.684.202-00) . | Art. 9º O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a CONCEDENTE , desde que observados os itens deste TCE. |
| Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 01820000838 da seguradora Gente Seguradora S.A. (CNPJ 90.180.605/0001-02) . | Art. 10º Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho. |
| Art. 5º: O(A) estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas. | Art. 11º As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor. |
| Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo, através de Termo de Rescisão . | |

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 720375

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Estágio de observação em turma de (6º ano) – Ensino Fundamental; reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração de projeto de estágio; elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência; avaliação da consecução dos objetivos, atitudes docentes e aplicação de conhecimentos; elaboração de relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

Local e Data:

Imps, 24 de agosto de 2017

Maria Cristina De Mello Torres - Representante na CONCEDENTE

Diretora

EEB Hilda Theodoro Vieira
Jose Ernesto De Vargas - Coord. Estágios do Curso - UFSC

Evimarcio Cunha Aguiar - Supervisor(a) no local de Estágio

Grazielle Nack - Estagiário

Maria Izabel De Bortoli Hentz - Prof.(a) Orientador(a)

**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**
Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD
Departamento de Integração Acadêmica e Profissional

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 720426

O(A) **Secretaria de Estado da Educação**, CNPJ 82.951.328/0001-58, doravante denominado(a) **CONCEDENTE**, representado(a) pelo(a) sr(a). **Maria Cristina De Mello Torres**, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, representada pelo(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) **Jose Ernesto De Vargas**, e o(a) estagiário(a) **Jaini Teixeira**, CPF **095.253.919-57**, telefone **48999827167**, e-mail **jaini.t@outlook.com**, regularmente matriculado(a) sob número **14102531** no Curso de **Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa** na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 014/CUn/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- | | |
|--|---|
| <p>Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE), fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a CONCEDENTE e a UFSC em 20/06/2017 e vinculado à disciplina MEN7001.</p> <p>Art. 2º: O(A) Prof.(a) Maria Izabel De Bortoli Hentz, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).</p> <p>Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 14 horas (com no máximo 3 horas diárias), a ser desenvolvida na CONCEDENTE, no(a) Escola de Educação Básica Hilda Teodoro Vieira, de 07/08/2017 a 07/12/2017, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Evimarcio Cunha Aguiar (949.684.202-00).</p> <p>Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 01820000838 da seguradora Gente Seguradora S.A. (CNPJ 90.180.605/0001-02).</p> <p>Art. 5º: O(A) estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.</p> <p>Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo, através de Termo de Rescisão.</p> | <p>Art. 7º: O(A) estagiário(a) deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso.</p> <p>Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.</p> <p>Art. 9º O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a CONCEDENTE, desde que observados os itens deste TCE.</p> <p>Art. 10º Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.</p> <p>Art. 11º As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.</p> |
|--|---|

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 720426

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Estágio de observação em turma de 6º ano do Ensino Fundamental, reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração de projeto de estágio; elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência; avaliação da consecução dos objetivos, atitudes docentes e aplicação de conhecimentos; elaboração de relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

Local e Data:

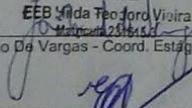
Florianópolis, 10 de agosto de 2017.

Maria Cristina De Mello Torres - Representante na CONCEDENTE

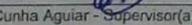


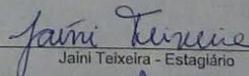
Dirutora
EEB Hilda Teodoro Vieira

Jose Ernesto De Vargas - Coord. Estágios do Curso - UFSC

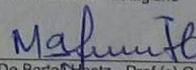


Evimarcio Cunha Aguiar - Supervisor(a) no local de Estágio





Jaini Teixeira - Estagiário



Maria Izabel De Bortoli Hentz - Prof.(a) Orientador(a)